



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**



PROFLETRAS

GILBERTO ANTONIO PERES

**UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM O GÊNERO DISCURSIVO TIRAS:
ENFOQUE NAS QUESTÕES SOCIAIS E CULTURAIS**

Uberlândia – MG
2018

GILBERTO ANTONIO PERES

**UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM O GÊNERO DISCURSIVO TIRAS :
ENFOQUE NAS QUESTÕES SOCIAIS E CULTURAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS - da
Universidade Federal de Uberlândia como requisito
parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de Pesquisa: Leitura e Produção Textual:
diversidade social e prática docentes

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Simone Azevedo Floripi

Uberlândia – MG
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

P437p
2018

Peres, Gilberto Antonio, 1970-

Uma proposta de trabalho com o gênero discursivo tiras : enfoque nas questões sociais e culturais / Gilberto Antonio Peres. - 2018.
222 f. : il.

Orientadora: Simone Azevedo Floripi.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Letras (PROFLETRAS).

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.904>

Inclui bibliografia.

1. Linguística - Teses. 2. Língua portuguesa - Estudo e ensino - Teses. 3. Língua portuguesa - Aspectos sociais - Teses. 4. Gêneros discursivos - Teses. I. Floripi, Simone Azevedo. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Letras (PROFLETRAS). III. Título.

CDU: 801

Gerlaine Araújo Silva – CRB-6/1408

GILBERTO ANTONIO PERES

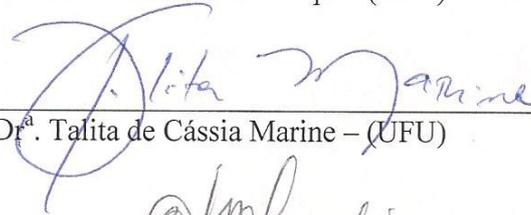
**UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM O GÊNERO DISCURSIVO TIRAS :
ENFOQUE NAS QUESTÕES SOCIAIS E CULTURAIS**

Dissertação aprovada para a obtenção do título de Mestre
no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em
Letras - PROFLETRAS - da Universidade Federal de
Uberlândia (MG) pela banca examinadora formada por:

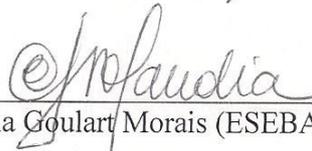
Uberlândia, 28 de fevereiro de 2018.



Prof^ª. Dr^ª. Simone Azevedo Floripi – (UFU)



Prof^ª. Dr^ª. Talita de Cássia Marine – (UFU)



Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Goulart Moraes (ESEBA/UFU)

Dedico este trabalho à minha esposa, Sônia, que faz parte deste meu projeto desde o início. Na vida, é a amiga, a aluna, a namorada, a colega de profissão, a esposa: a conhecedora de minhas mais prudentes aspirações. Meu presente de Deus refletido em apoio irrestrito.

AGRADECIMENTOS

A Deus, sempre, pois “Tudo posso naquele que me fortalece.”

À minha família, o sustentáculo insubstituível nesta trajetória. O esforço e o empenho de cada um para que eu trilhasse e vencesse este desafio não serão esquecidos. Que eu tenha sabedoria para agir de forma que todos se sintam recompensados.

À minha orientadora, Professora Simone, pela forma como me conduziu na pesquisa, fazendo-me acreditar no fazer e no ser feliz, sempre com paciência, serenidade, mansidão, acolhimento, fazendo-me refletir a cada passo. Sou imensamente grato pela sabedoria com que me direcionou aos acertos, excedendo minhas limitações.

A todos os professores do PROFLETRAS, a alegria por tê-los conhecido, a gratidão pela convivência, ensinando-nos a fazer parte de uma educação mais humana.

Às professoras Eliana Dias e Marlúcia Alves, que compuseram a banca do exame de qualificação, por acreditarem em minha proposta e muito terem contribuído para que ela se aprimorasse, mostrando-me como seria um professor pesquisador.

Às professoras Talita Marine e Cláudia Goulart, como também Eliana Dias e Anair Valênia, por aceitarem compor esta banca.

Aos colegas da III TURMA DO PROFLETRAS, agradeço a oportunidade de cada encontro, as prazerosas conversas em que dividíamos dúvidas, conquistas, ansiedades e, principalmente, a certeza contagiante de que tudo daria certo, pois éramos, reciprocamente, a fonte de entusiasmo e confiança. Entendemos que seríamos melhores nos ajudando em todos os momentos.

Às amigas e companheiras dos seminários que, circunstancialmente, nos aproximamos mais: Cláudia, Josaine, Leila, Mara, Raquel, Graciliana.

À Leila Naves, agradeço a companhia durante nossas viagens para Uberlândia, quando nos animávamos durante as conversas para superar os desafios diversos enquanto cursávamos o mestrado.

À SEE-MG, pela concessão do afastamento das atividades, durante o curso.

À direção da escola coparticipante pelo apoio na realização da pesquisa.

À Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Guimarães-MG, pela parceria durante a realização da atividade de desdobramento.

Aos meus alunos, com carinho, a razão maior de minha pesquisa.

À CAPES pelo apoio financeiro e incentivo à pesquisa no contexto da sala de aula da educação básica.

“O docente que consegue associar o trabalho de pesquisa a seu fazer pedagógico, tornando-se um professor pesquisador de sua própria prática ou das práticas pedagógicas com as quais convive, estará no caminho de aperfeiçoar-se profissionalmente, desenvolvendo uma melhor compreensão de suas ações como mediador de conhecimentos e de seu processo interacional com os educandos. Vai também ter uma melhor compreensão do processo de ensino e de aprendizagem” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 32-33).

RESUMO

Esta dissertação é o resultado de uma pesquisa do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS - realizada em uma escola da rede pública do estado de Minas Gerais com 29 alunos do 8º ano do ensino fundamental. Nossa base teórica foram PCN (BRASIL, 1998), Cagnin (2014), Ramos (2016), Vergueiro (2015, 2016), principalmente. Como metodologia adotamos a pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986) e a coleta de dados foi realizada a partir do caderno de prática dos discentes participantes bem como do professor pesquisador. Os dados foram analisados na concepção da pesquisa qualitativa com interesse na descrição e na interpretação deles, relacionados ao contexto em que estão inseridos. Nossa pesquisa propôs um trabalho com o gênero discursivo tiras, com enfoque em questões sociais e culturais, a partir de uma lacuna encontrada nos livros didáticos de Língua Portuguesa. Propusemos a aplicação das atividades no formato de oficinas com o intuito de que houvesse mais integração e interação entre os participantes na percepção e discussão das questões sociais e culturais, relacionando-as ao espaço em que vivem. Para elaboração e aplicação da proposta, pensamos em dois temas transversais (meio ambiente e saúde) e no fenômeno da variação linguística. O trabalho com os temas transversais oportunizou levar os alunos a se conscientizarem mais da necessidade de sua participação no próprio espaço social. Em referência à variação linguística, nosso propósito foi fazer com que os alunos conhecessem que a língua é heterogênea e, a partir desse conhecimento, não (mais) considerassem uma variedade melhor que outra, mas que apresentassem capacidade de pensar as alterações da língua em situações de uso. As tiras escolhidas foram dos personagens da Turma do Xaxado, de Antônio Cedraz. Para focar a questão sociolinguística, fundamentamo-nos principalmente em Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Faraco (2008), Bagno (2007, 2013). Com o desenvolvimento desta pesquisa, e em conformidade com os resultados apresentados, pudemos perceber que a atitude do docente como pesquisador proporcionou aos participantes a busca pelo conhecimento de forma que demonstrassem participação para além do espaço escolar.

Palavras-chave: Ensino de língua portuguesa. Gênero discursivo tiras. Questões sociais e culturais. Oficinas.

ABSTRACT

This dissertation is the result of a survey of the Professional Master's Degree in Letters - PROFLETRAS - held at a public school in the state of Minas Gerais with 29 students from the 8th grade. Our theoretical base were mainly the PCN (BRASIL, 1998), Cagnin (2014), Ramos (2016), Vergueiro (2015, 2016). As a methodology, we adopted action research (THIOLLENT, 1986) and the data collection was done from the daily practice book of the participating students as well as the researcher teacher. The data were analyzed in the conception of the qualitative research with interest in the description and the interpretation of them, related to the context in which they are inserted. Our research proposed a work with the discursive genre strips, focusing on social and cultural issues, from a gap found in the Portuguese Language textbooks. We proposed the application of activities in the format of workshops in order to have more integration and interaction between participants in the perception and discussion of social and cultural issues, relating them to the space in which they live. For the elaboration and application of the proposal, we think of two transversal themes (environment and health) and the phenomenon of linguistic variation. The work with the cross-cutting themes made it possible for the students to become more aware of the need for their participation in the social space itself. In reference to the linguistic variation, our purpose was to make the students know that the language is heterogeneous and, from this knowledge, not (more) considered one variety better than another, but that they had capacity to think the language changes in situations of its use. The chosen strips were the characters from the Class of the Xaxado by Antônio Cedraz. In order to focus on the sociolinguistic issue, we are mainly based on Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Faraco (2008), Bagno (2007, 2013). With the development of this research, and in accordance with the presented results, we could see that the attitude of the teacher as a researcher gave the participants the search for knowledge in order to demonstrate participation beyond the school space.

Keywords: Portuguese language teaching. Discourse genre strips. Social and cultural issues. Workshops.

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS E QUADROS

Figura 1 - Escorpião gentil	28
Figura 2 – Caramujo na arca	29
Figura 3 – Preguiça de Garfield	30
Figura 4 – O roubo da lâmpada	31
Figura 5 – Os chifres dos vikings	32
Figura 6 – Calvin para a escola	32
Figura 7 – Amigos de Radical Chic.....	33
Figura 8 – O tio de Suriá	34
Figura 9 – Trabalho extra de Cacá	35
Figura 10 - Balão-fala.....	39
Figura 11 – Balão-vibrado	39
Figura 12 - Balão-pensamento	39
Figura 13 – Balão-glacial	39
Figura 14 - Balão-cochicho	39
Figura 15 – Balão-unísono	39
Figura 16 – Balão-berro	39
Figura 17 – Balão-zero	39
Figura 18 – Balão-trêmulo	39
Figura 19 – Balões-intercalados	39
Figura 20 - Balão de linhas quebradas	40
Figura 21 - Balão-sonho	40
Figura 22 – Balão-mudo	40
Figura 23 – Balões-especiais	40
Figura 24 – Balões-duplos	40
Figura 25 - Balão de apêndice cortado	40
Figura 26 – Pedidos dos alunos	41
Figura 27 – Zê Pequeno na feira	42
Figura 28 – Crianças abandonadas	42
Figura 29 – Manter a seca no Nordeste	43
Figura 30 – 3 mil tiras de Xaxado	44
Figura 31 – A árvore errada	45
Figura 32 - O trovão	46
Figura 33 – Cheiro de terra molhada	46
Figura 34 – Tipos de filme	47
Figura 35 – O roubo da lâmpada	48
Figura 36 – O cheiro do dinheiro	48
Figura 37 – Tiro	49
Figura 38 - Indignação de Xaxado.....	50

Figura 39 – Filme de Lampião	55
Figura 40 – Leitura de Pinóquio	56
Figura 41 - Outono e inverno no sertão	57
Figura 42 – Xugestão	64
Figura 43 – Para variar (TIBICA)	65
Figura 44 - Pescaria de Garfield	65
Figura 45 - Calvin e os fantasmas	66
Figura 46 - Filme incrível	67
Figura 47 - Política do meio ambiente	68
Figura 48 - Disco de vinil	69
Figura 49 - A garota dos sonhos	70
Figura 50 - Chuva na cidade e na roça	71
Figura 51 – A Turma do Xaxado	83
Figura 52 – Palavra cruzada	84
Figura 53 – Escolha de bichos	86
Figura 54 – Teste oftalmológico de Marieta	87
Figura 55 – Teste oftalmológico de Zé Pequeno	87
Figura 56 – A natureza é uma mãe	87
Figura 57 – O jogo do bicho	88
Figura 58 – Profissões da Turma do Xaxado	88
Figura 59 – Comidas das aves	91
Figura 60 – Humor de São Pedro	91
Figura 61 - Computador tirando leite.....	92
Figura 62 – Tomates fresquinhos	92
Figura 63 – Inseticida.....	93
Figura 64 – Terra Doidona	93
Figura 65 – Lixo no lixo	94
Figura 66 – Boa educação	94
Figura 67 – Sinais do progresso	95
Figura 68 – Lavar as mãos	97
Figura 69 – Pagamento para uso do banheiro	98
Figura 70 - Semana de descanso.....	99
Figura 71 – A rapadura	100
Figura 72 – O bebum	100
Figura 73 – Leite e manga	101
Figura 74 - Usar o mato é mais barato.....	101
Figura 75 – O mosquito da dengue.....	101
Figura 76 – Alimentação equilibrada	102
Figura 77 – O presente para Marinês	104
Figura 78 – Falar certo e errado	106

Figura 79 – Meu rei	110
Figura 80 – O anjo da guarda	111
Figura 81 – Sapo analfabeto	111
Figura 82 – Caipirês e bloguês	111
Figura 83 – Catar os cacos	111
Figura 84 – Explicação complicada	112
Figura 85 – Coisas da cidade e urtiga	113
Figura 86 – A lavadora de roupas	114
Figura 87 – O homem do cartório	115
Figura 88 – O grande mágico	115
Figura 89 – Brincando de casinha	116
Figura 90 – Área repleta de árvores	116
Figura 91 - Caminho com pipocas	123
Figura 92 - Agradecimento a Papai Noel	124
Figura 93 - Monte de creme dental	124
Figura 94 - O sujeito prefeito.....	125
Figura 95 - Brincadeira de governo	126
Figura 96 - Contando os pulos	126
Figura 97 - Construção de um palito.....	127
Figura 98 - Saída do vidro	128
Figura 99 - Dançarinos de Xaxado	129
Figura 100 - Cangaceiros.....	130
Figura 101 - Nuvem no sertão e na cidade.....	137
Figura 102 - Limpeza da praça	138
Figura 103 – Chiclete	139
Figura 104 - Arturzinho gripado	142
Figura 105 - Cenoura, abacate e doces	142
Figura 106 - Charge Saúde no Brasil	143
Figura 107 - Atrasos médicos	144
Figura 108 - Avô e neto mineiros	149
Figura 109 - Uma palavra mineira	150
Figura 110 – Amigo nordestino	151
Figura 111 - O micro-ondas.....	154
Figura 112 - O aspirador de pó	154
Figura 113 - Visita à água limpa.....	160
Figura 114 - Visita de Marinês	161
Figura 115 - Projeto de plantio de árvores	162
Figura 116 - Ida a Guimarães	163
Figura 117 - Esgoto no Rio Espírito Santo.....	165
Figura 118 - Depoimento da mãe (responsável)	166

Figura 119 - Reelaboração da tira Esgoto no Rio Espírito Santo	168
Figura 120 - Banner e comunicado	170
Gráfico 1 – Fontes de leitura de tiras	119
Gráfico 2 - Falar certo ou errado	146
Gráfico 3 - Tiras produzidas durante as oficinas, com temas propostos	158
Gráfico 4 - Tiras produzidas na atividade de conclusão, com tema à escolha	159
Quadro 1 - Tipos de balões	39
Quadro 2 – Análise dos livros didáticos escritos e publicados antes da promulgação da LDB, em 1996..	61
Quadro 3 – Análise dos livros didáticos escritos e publicados depois da promulgação da LDB, em 1996	62
Quadro 4 – Questionário para os participantes	81
Quadro 5 – Caracterização dos personagens da Turma do Xaxado	84
Quadro 6 - Respostas ao menino da cidade.....	152
Quadro 7 - Recriação de um quadrinho de tira	156
Quadro 8 - Acréscimo de quadrinho	157
Quadro 9 - Perguntas para a realização da entrevista.....	167

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO, JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
2.1. O gênero discursivo tiras nas aulas de língua portuguesa	22
2.2 Humor e ironia nas tiras	36
2.3 Elementos constitutivos das tiras	38
2.3.1 Os balões	38
2.3.2 Imagem	42
2.3.3 Legenda	44
2.3.4 Onomatopeia	45
2.3.5 Cores	47
2.3.6 Vinheta ou quadrinho	49
2.4 Comentários sobre as ideias de social e cultural	51
2.5 Considerações sobre o ato de leitura	52
2.6 A crescente presença das tiras nos livros didáticos de língua portuguesa	59
3 METODOLOGIA	73
3.1 Pressupostos metodológicos	73
3.2 Procedimentos metodológicos	75
4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: A APRESENTAÇÃO DA TURMA DO XAXADO, AS OFICINAS COM TIRAS, A ATIVIDADE DE PRODUÇÃO DE TEXTO	79
4.1 Apresentação da Turma do Xaxado	81
4.1.1 O autor Antônio Cedraz	82
4.1.2 Caracterização dos personagens da turma do Xaxado	83
4.1.3 Atividades sobre a caracterização dos personagens	86
4.2 Oficina 1 – Meio ambiente.....	89
4.2.1 Diagnóstico do conceito de meio ambiente	91
4.2.2 Compreensão de tiras relacionadas à questão ambiental	92
4.2.3 Socialização da análise das tiras apresentadas	95
4.3 Oficina 2 – Saúde.....	96
4.3.1 Compreensão de tiras relacionadas ao tema saúde	99
4.4 Oficina 3 – Variação Linguística.....	102
4.4.1 Atividades para reflexão sobre a variação linguística	109

4.4.2 Atividades relacionadas às variedades linguísticas	113
4.5 Atividade de produção de texto.....	114
4.5.1 Atividade de reflexão da questão social e/ou cultural	115
4.5.2 Proposta de produção de uma tira	117
5 ANÁLISE DOS DADOS DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	118
5.1 Análise das respostas do questionário	118
5.2 Apresentação da Turma do Xaxado	129
5.3 Oficina 1 – Meio ambiente	134
5.4 Oficina 2 – Saúde	140
5.5 Oficina 3 – Variação linguística	145
5.6 Atividade de produção de texto	155
5.7 Atividade de desdobramento da proposta de intervenção	166
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	172
REFERÊNCIAS	177
APÊNDICES	184
Apêndice A – Caderno de Atividades	184
ANEXOS	220
Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	220
Anexo B – Termo de Assentimento para o Menor	221
Anexo C - Parecer Consubstanciado do CEP.....	222

1 INTRODUÇÃO, JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

O ensino de língua portuguesa no espaço escolar contribui para que os alunos (falantes) desenvolvam sua competência comunicativa¹. Para isso, suas experiências no uso da língua também se evidenciam, pois enquanto recurso de expressividade, tal competência se inclui como forma de representação das práticas humanas que se manifestam nas diversas maneiras de agir na vida social.

Pensamos em realizar esta pesquisa a fim de contribuir com um ensino que seja capaz de formar alunos realmente críticos, com capacidade de inserção na sociedade e atuação nas práticas nela presentes. Sobretudo, buscamos de fato valorizar os gêneros ensinados na escola ao repensarmos o ensino da língua portuguesa embasada pela análise linguística² (doravante AL) e direcionada à compreensão dos gêneros discursivos³, tirando o ensino gramatical tradicional de foco.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCN), documentos oficiais federais cujas diretrizes orientam o trabalho do educador, indicam como um dos objetivos do Ensino Fundamental que o aluno seja capaz de

utilizar diferentes linguagens – verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação (BRASIL, 1998, p. 55-56).

Por meio da linguagem, o homem se realiza como ser comunicativo, inserido em uma sociedade que exige dele a expressão de suas necessidades e de suas ideias. É por meio do uso da língua que nos tornamos capazes de perceber e de nos sentirmos ligados a um grupo social, reconhecendo os elementos socioculturais que formam e valorizam

¹ Segundo Travaglia (1996, p. 17), competência comunicativa é “a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação”. Para o autor, esta competência envolve também a competência linguística.

² Mendonça (2007, p.75) ressalta que “a AL na escola se baseia no pressuposto de que a linguagem não é uma estrutura dada, acabada, mas uma forma de (inter)ação social, que funciona segundo certas condições de produção de discursos – interlocutores, situação sociocomunicativa, gênero, forma de circulação, etc.” Portanto o que precisa ser enfatizado no ensino de língua materna, com a prática da análise linguística, é a construção de efeitos de sentido.

³ Optamos por empregar em nosso trabalho a terminologia **gêneros discursivos** conforme destaca Rojo (2005, p.199): “aqueles que adotam a perspectiva dos *gêneros do discurso* partirão sempre de uma análise em detalhe dos aspectos sócio-históricos da situação enunciativa, privilegiando, sobretudo, a *vontade enunciativa* do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua *apreciação valorativa* sobre seu(s) *interlocutor(es)* e *tema(s) discursivos*.” No entanto, mantivemos a terminologia **gêneros textuais** quando foram feitas citações, em que assim já foi escrito.

esse grupo; portanto, o ser nele inserido age não apenas como alguém que percebe situações de interação, mas também, e principalmente, como indivíduo atuante e crítico. Urbano, ao fazer a apresentação do livro *Leitura dos quadrinhos*, de Paulo Ramos (2016), ressalta a importância da linguagem para o ser humano dizendo que

Para o homem a linguagem é o ar que respira e a extensão de si projetada: por um lado, falando, escrevendo, gesticulando, desenhando, fotografando etc.; por outro, ouvindo, lendo, vendo e observando. Entendê-la e usá-la é uma necessidade da vida pessoal e social (URBANO, apud RAMOS, 2016, p. 7).

Percebemos na citação acima como a linguagem é essencial na vida do homem e que, por meio das ações enumeradas nela, o autor nos faz pensar que, individualmente, e na sociedade, usamos a linguagem verbal e a não verbal.

Torna-se então necessário (re)pensar o ensino de língua portuguesa no espaço escolar, à luz dos documentos oficiais, uma vez que esse ambiente é mais uma oportunidade de interação social por meio do uso da língua. Este é o *lócus* capaz de refletir e propagar os mais diversos contextos das realidades vividas pelos alunos.

Os PCN, conforme afirmam Guisard e Ottoni (2016, p.15), são fruto de um desejo e necessidade de revisão da prática social de ensino de Língua Portuguesa. Assim, as autoras nos fazem refletir que realmente a escola precisa se propor a pensar e a realizar um ensino que vá ao encontro dos anseios do aluno, no sentido de ampliar sua competência linguística⁴. A escola torna-se a instituição que representa para o aluno a oportunidade de se preparar para um bom desempenho social, fazendo uso da língua de forma que facilite a expressão de suas necessidades na interação social. Assim, podemos dizer que a escola conseguirá estabelecer coerência entre ensino e prática social da língua portuguesa.

Nesse sentido, os PCN específicos para a área de Língua Portuguesa

focalizam a necessidade de dar ao aluno condições de ampliar o domínio da língua e da linguagem, aprendizagem fundamental para o exercício da cidadania. Em outras palavras, propõem que a escola organize o ensino de modo que o aluno possa desenvolver seus conhecimentos discursivos e linguísticos, sabendo ler e escrever conforme seus propósitos e demandas sociais (BRASIL, 1998, p.58-59).

⁴ Competência linguística, conforme os PCN (BRASIL, 1998, p.23) “refere-se aos saberes que o falante/intérprete possui sobre a língua de sua comunidade e utiliza para construção das expressões que compõem os seus textos, orais e escritos, formais ou informais, independentemente de norma padrão, escolar ou culta”.

Destacamos que a ampliação do domínio da linguagem se fundamenta na sua prática, relacionada à interação social que leva o indivíduo a produzir cada vez mais enunciados que sejam adequados às situações de comunicação de seu cotidiano, assim como possam atender também às necessidades associadas às exigências de seu desempenho social.

Portanto, o ensino de língua portuguesa não mais se realiza visando ao domínio da gramática com apego à estrutura e desprezo à leitura que de fato leva à construção do sentido. Nessa visão, tornou-se procedente refletir a prática de ensino da língua na escola, assimilando as importantes mudanças quanto à sua abordagem nesse espaço em que,

por muito tempo, o ensino de Língua Portuguesa se resumiu – ou se limitou – a gramáticas normativas, que ditavam aos alunos as regras do que seria a ‘boa língua’ ou a ‘língua correta’. Não é o caso de condenar as gramáticas normativas ou de desqualificá-las, mas é o fato que o conceito de Língua Portuguesa, hoje, é bem mais amplo. Ensina-se a língua em uso, como processo de comunicação, em seus mais diversos contextos. O texto tornou-se o principal suporte pedagógico – e não apenas textos literários. Os alunos passaram a ter contato com outras formas de produção escrita: reportagens jornalísticas, cartas opinativas, publicidades. A gramática normativa deixou de ser o elemento-chave do ensino (RAMOS, 2016, p.65).

Percebemos que, inicialmente, o autor faz referência a um ensino de Língua Portuguesa que realmente não mais faz sentido para o aluno, pois falar em uma “língua correta” de fato ignora todas as outras possibilidades de manifestação de uma língua dinâmica, em uso pelo falante em seu espaço social, de acordo com os preceitos sociolinguísticos. Portanto, é significativo a escola buscar propostas com textos de diversos gêneros discursivos que estejam relacionados às experiências do aluno. Dessa forma, além de abranger uma gama de gêneros utilizados no dia a dia, abre-se espaço para que as variedades linguísticas sejam percebidas e analisadas no ambiente escolar. Este tipo de abordagem parece ser mais produtivo, uma vez que fará sentido para o aluno tratar de temas, gêneros e modos de falar que estão presentes em seu cotidiano imediato. A metodologia tradicional que privilegia os textos literários tidos como clássicos, como comumente realizada na exemplificação de conteúdos da gramática normativa, mostrou-se falha e acaba distanciando linguisticamente o aluno de sua

realidade. Para essa exemplificação, “em geral se indica que a língua-padrão é a da literatura, especificamente a dos escritores bem avaliados” (NEVES, 2003, p.21).

A necessidade de inserir na escola práticas linguísticas que enfocam situações de interação social é fomentada pelos PCN, pois em consonância com suas propostas o objeto de ensino passa a ser os gêneros do discurso, que, ligados à vida social e cultural, surgem para se integrarem às necessidades comunicativas, procurando atender a objetivos vinculados às rotinas sociais. Portanto os gêneros discursivos se definem em contextos de produção e uso adequado. Para Marcuschi (2010, p. 23), é no contexto sociointerativo da língua que os gêneros se constituem como ações sociodiscursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo.

Quando o autor fala em agir sobre o mundo e dizê-lo, enfatiza a ideia de que o gênero busca o êxito e precisa ser produzido em condições nas quais se evidenciem as práticas comunicativas para atender às necessidades das atividades socioculturais.

Um ponto relevante a ser considerado nesta relação entre o gênero e o mundo é o fato de os falantes fazerem uso da língua de modo variado. Por isso, é importante diversificar os textos selecionados para o trabalho em sala de aula. Sobre isso, os PCN dizem que

É necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diferentes gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino (BRASIL, 1998, p. 23-24).

As atividades de ensino com o texto englobando compreensão e produção oral e escrita, quando pensadas e aplicadas de forma a contemplar a diversidade de textos, favorecem o seu público no sentido de refletir criticamente sobre o mundo que se apresenta no texto e também sobre como esse mesmo texto pode fazê-lo pensar em estratégias de transformações da realidade que o cerca.

Portanto, as aulas de língua portuguesa hoje precisam se valer das contribuições extraescolares, ou seja, de práticas que os alunos trazem de seus convívios sociais, para auxiliar em sua aprendizagem.

Com tais preceitos em mente, pensamos em analisar o gênero discursivo tiras por meio da aplicação de atividades que possibilitem aos alunos conhecer melhor os efeitos de humor, de crítica e, principalmente, refletir sobre situações que se fazem presentes no seu dia a dia. Utilizamos a pesquisa e o reconhecimento de aspectos sociais e culturais presentes nesse gênero discursivo, uma vez que a leitura da tira abrange todos os tipos de leitores, inclusive aqueles que não mais se encontram no ambiente escolar. Ao considerarmos sua “fácil leitura” e alcance deste gênero, várias questões importantes podem ser veiculadas por meio das tiras, um gênero de bastante circulação na sociedade. Quando nos propusemos a focar as questões sociais e culturais abordadas por elas, muitos exemplos escolhidos para as atividades exemplificaram a relação entre o texto e as situações (sociais e culturais) que se pretendiam analisar.

Como se trata de uma proposta desenvolvida com um gênero discursivo, uma questão muito importante nesse tipo de atividade de ensino na escola é selecionar textos que apresentem situações nas quais o leitor (o aluno) se reconheça e se identifique, sentindo que sua experiência de vida é focada pelo material de leitura e que, ao mesmo tempo, o que está veiculado nesse material contempla sua realidade. Portanto quanto mais o texto se apresentar ligado ao mundo do leitor mais este se envolverá no processo de sua leitura, tornando-se mais crítico e refletindo mais e melhor sobre sua realidade social. Ou seja, é necessário buscarmos algo que “faça sentido” para esse leitor, permitindo-lhe tomar gosto pela leitura para que posteriormente este possa galgar experiências mais profundas tanto linguisticamente falando quanto no que diz respeito às análises de textos que recriam a realidade.

Portanto, ao pensar na escolha para esta nossa proposta, refletimos que:

Por serem as tiras representações de situações possíveis de acontecer no dia a dia, abre-se a possibilidade de se refletir sobre papéis desempenhados pelas pessoas na sociedade e sobre as relações entre as pessoas quando interagem e têm de exercer suas funções de acordo com o culturalmente estabelecido (LINS, 2015, p. 178).

Primeiramente, consideramos que as tiras possuem a força de mostrar ao público leitor que o seu cotidiano pode ser retratado com bastante clareza e que as situações mostradas por elas são facilmente reconhecidas nas pessoas com as quais convivemos ou que fazem parte de nosso conhecimento, por situações diversas. Também há de se admitir que os papéis que exercemos na sociedade refletem nossos posicionamentos

diante do que vivenciamos; e tais posicionamentos estão condicionados a valores e costumes que a própria sociedade nos faz adquirir quando nos tornamos membros dela. É no momento da interação entre as pessoas que elas deixam manifestar os elementos culturais que vão conduzir sua presença na sociedade. As tiras são um gênero discursivo que nos proporcionou uma facilidade na aplicação das atividades de ensino e foram capazes de favorecer uma melhor visão da sociedade na qual interagimos, inclusive culturalmente.

Como falamos de uma interação social e cultural, valendo-nos dos gêneros, é importante destacar que, no espaço escolar, as atividades de ensino relacionadas a essa questão não devem acontecer de forma isolada, apenas nas aulas de língua portuguesa. A esse respeito, assumimos Marcuschi (2008, p.151), ao afirmar que “o estudo dos gêneros textuais é hoje uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para a linguagem em funcionamento e para as atividades culturais e sociais.”

Marcuschi (2008) não direciona o estudo dos gêneros para a área de língua portuguesa, exclusivamente, mas faz menção ao contexto cultural e social, enfatizando a “linguagem em funcionamento”, que apresenta o estudo dos gêneros de uma forma promissora entre várias disciplinas. Com relação ao gênero que escolhemos, Mendonça (2010, p. 221) afirma que sua utilização não precisa restringir-se às aulas de língua portuguesa. Dessa forma, na escola, o entendimento do gênero do discurso como objeto de ensino precisaria abranger os profissionais de todas as áreas de conhecimento.

Logo, pensando em uma possibilidade de desdobramento⁵, consideramos que todos os professores devem ser leitores, por isso podemos contribuir para sua formação no trabalho pedagógico escolar, conscientizando-os de que o material escrito constitui um importante instrumento de trabalho. Dessa forma, exigem-se desses profissionais saberes e livre entrosamento com os pares para que se tenha sucesso em uma atividade cujo objeto aborda situações de diferentes áreas curriculares. Assim, o gênero discursivo tiras, que é muito importante na prática de ensino, também exige muito conhecimento prévio para ser bem utilizado e compreendido.

Dessa maneira, pretendemos aplicar nas aulas de Língua Portuguesa atividades que possam contribuir também com a prática de leitura de tiras em outras disciplinas, pois, na afirmação de Vilela

⁵ Entendemos desdobramento como uma situação em que as atividades com o gênero tiras nas aulas de língua portuguesa são realizadas de forma a garantir que o aluno apresente bom desempenho quando as lê para atividades de outros componentes curriculares, tais como Ciências, História, Geografia.

A prática de leitura não deve ser estimulada apenas nas aulas de Língua Portuguesa, mas também em outras disciplinas. Verificar se o aluno está lendo e interpretando textos adequadamente não é responsabilidade exclusiva dos professores de Língua Portuguesa (VILELA, 2015, p. 84).

Esperamos que as atividades de ensino com o gênero tiras possam de fato contribuir com a prática de professores do ensino fundamental II, independentemente do conteúdo curricular trabalhado. O mais eficaz será a oportunidade de incorporar às aulas atividades com esse gênero para que os alunos interpretem os textos refletindo sobre a realidade de que têm conhecimento sem perder a oportunidade de aprimorá-las.

Na condição de professor de Língua Portuguesa, consideramos relevante a realização desta pesquisa para que ela possa ser uma possibilidade de melhor análise das tiras como um gênero que também aborda questões sociais e culturais. Justificamos que é importante oferecer possibilidades de leituras diferentes daquelas do livro didático com o objetivo de ampliar as oportunidades de construção de sentido a textos que apresentam diferentes linguagens. Além disso, a partir de um gênero de grande circulação e fácil compreensão, acreditamos ser possível a realização de um trabalho em que o aluno poderá refletir não apenas sobre questões linguísticas, mas também sociais, econômicas, culturais e políticas, colaborando para sua formação como cidadão crítico, consciente e participativo em nossa sociedade.

A nossa pesquisa propôs como objetivo geral apresentar uma proposta de trabalho com o gênero discursivo tiras para que os alunos dos anos finais do ensino fundamental as interpretem não só a partir de suas características específicas, mas também a partir de seus conhecimentos de mundo relacionados à realidade social e cultural.⁶

Como objetivos específicos propusemos: a) elaborar uma proposta de leitura com o gênero discursivo tiras, analisando os conhecimentos necessários para sua leitura adequada tanto das questões linguísticas quanto das questões sociais e culturais; b) investigar se as atividades propostas possibilitam ao leitor das tiras a percepção dos diferentes recursos (linguísticos e imagéticos) empregados para a construção de sentido; c) proporcionar ao aluno leituras diferentes de tiras em relação às que aparecem no livro didático, para que ele aprimore seu conhecimento de mundo.

⁶ Considerando as tiras também uma manifestação artística, nosso objetivo aqui é possibilitar ao aluno leitor a percepção de que elas dialogam com o meio e com a sociedade, além do fato de expressarem características próprias de um povo, sendo, portanto, uma forma de manifestação social e cultural.

Tendo em vista os objetivos que propusemos para a pesquisa e nossas opções de referencial teórico e da metodologia da pesquisa-ação, organizamos a dissertação em quatro capítulos, além desta introdução e das considerações finais. No capítulo 2, falamos a respeito do gênero discursivo tiras, de seus elementos constituintes, do processo de leitura – incluindo uma parte específica da leitura de tiras - com o objetivo de contribuir para o conhecimento desse gênero na opção de aplicação com atividades em que as tiras sejam utilizadas. Falamos também sobre a presença das tiras nos livros didáticos de língua portuguesa, sobre como são abordadas antes e depois da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (doravante LDB) nº 9394/1996, e mostramos a lacuna que observamos em relação a atividades que trabalham as questões sociais e culturais.

No capítulo 3 expusemos os procedimentos metodológicos da pesquisa-ação e, principalmente, os passos que seguimos para organizar nossa proposta com atividades de ensino com o gênero discursivo tiras, em forma de oficinas, com enfoque nas questões sociais e culturais.

O capítulo 4 apresenta a proposta de atividades da pesquisa, organizada em cinco momentos: momento de apresentação da Turma do Xaxado para que os participantes conheçam cada personagem; a aplicação de três oficinas na seguinte ordem com relação aos temas: meio ambiente, saúde e variação linguística; a atividade de produção de texto.

O capítulo 5 analisa a aplicação das atividades da proposta, relacionando ao êxito dos objetivos de cada uma delas, o desempenho dos participantes, observando se realizaram um trabalho de leitura que estabelecesse ligação com a realidade social em que estão inseridos e que desenvolvesse nos estudantes a capacidade de pensar estratégias para proporem mudanças sociais sendo cidadãos mais críticos e atuantes.

Nas considerações finais retomamos os resultados das atividades aplicadas na pesquisa e falamos de sua contribuição para o ensino: levar os participantes a se envolverem, criticamente, com sua realidade social e cultural.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Dividimos este capítulo em seis seções para falarmos a respeito do gênero discursivo tiras. Na primeira seção discorremos sobre o uso das tiras nas aulas de língua portuguesa; na segunda, falamos sobre o humor e a ironia; na terceira, apresentamos um estudo de seus elementos constituintes. Na quarta seção expusemos as ideias que as palavras social e cultural apresentam em nossa pesquisa; na quinta seção mencionamos algumas considerações acerca do processo de leitura, incluindo uma parte específica da leitura de tiras; e, finalmente, na sexta seção apresentamos uma pesquisa sobre a presença das tiras nos livros didáticos de língua portuguesa, considerando a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9394/1996) e o enfoque que dá à abordagem das questões sociais e culturais em atividades de ensino com esse gênero.

2.1 O GÊNERO DISCURSIVO TIRAS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Atualmente, o ensino da língua empreende uma discussão que procura ir além das questões da linguagem. Sob tal perspectiva, o texto, conforme as diretrizes apresentadas pelos PCN, constitui-se como a unidade de ensino. E o leitor, nesse sentido, é o sujeito que examina o texto e, a partir de seus conhecimentos prévios, estabelece objetivos para construir os seus sentidos. Assim, por meio de um processo de interação com o socialmente estabelecido, ele pode dispor de uma visão de conjunto para refletir sobre as relações entre as pessoas e seus papéis no mundo em que estão inseridas.

Estamos falando de uma prática que compreenda que

tomar o gênero como objeto de ensino, conforme orientações dos PCN, é explorar, além de aspectos relacionados à estrutura composicional do gênero, seu conteúdo temático e estilo, aspectos que contribuem para a construção dos sentidos que vão muito além de aspectos puramente gramaticais (GOMES, 2016, p. 67).

Dessa maneira, para o professor cuja prática pedagógica é orientada pelos PCN, torna-se imprescindível a compreensão do que seja gênero, suas funções e seu alcance

socioeducacional. Nesse sentido, embasamo-nos na concepção de gênero proposta por esses documentos oficiais:

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura. São caracterizados por três elementos: conteúdo temático: o que é ou pode tornar-se dizível por meio do gênero; construção composicional: estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero; estilo: configurações específicas das unidades de linguagem derivadas, sobretudo, da posição enunciativa do locutor; conjuntos particulares de sequências que compõem o texto, etc. (BRASIL, 1998, p.21).

Vale ressaltar que o gênero apresenta uma informação relacionada às ações do homem no meio em que está inserido (conteúdo temático), uma forma peculiar de se estruturar as informações (construção composicional) e uma escolha de recursos oferecidos pela língua que serão usados para atender às finalidades comunicativas propostas (estilo dos interlocutores). Sendo assim, os três elementos básicos se unem não apenas para constituir o gênero, mas também para proporcionar ao leitor o contato com um objeto reconhecível que vá fazê-lo analisar sua relação com o mundo em que vive, sempre refletindo sobre seus valores e concepções enquanto sujeito que busca compreender suas ações no entorno da própria sociedade.

A abordagem que os PCN fazem de gênero reflete “o uso generalizado de aspectos teóricos bakhtinianos nos estudos brasileiros de gênero” (BEZERRA, 2017, p. 100). No contexto brasileiro, as concepções de Bakhtin são fortes e influentes, constantemente presentes em textos que discutem esse tema. Para exemplificar essa centralidade quando se abordam os conceitos de gênero, Bezerra (2017, p. 101) expõe um quadro de Gomes-Santos (2003) sobre os aportes teóricos em estudos de gênero e conclui que “de acordo com os dados, em uma amostra de 133 artigos científicos, 77 deles fazem referência a Bakhtin, como seu aporte teórico, estabelecendo diálogos teóricos os mais diversos, em um vasto leque de combinações”.

Quando se trata da questão da sala de aula, a escolha de um gênero discursivo, por meio do qual se pensa em aplicar atividades de ensino que busquem analisar essa relação com o mundo do leitor, exige do professor uma postura de conhecedor desse

gênero. Logo, o professor atua como um agente capaz de fazer com que os alunos aprendam melhor diante de suas intervenções.

Para a nossa proposta de pesquisa, escolhemos o gênero discursivo tiras, sobre o qual apresentamos informações para subsidiar o conhecimento sobre ele e nos fundamentar para a organização das atividades da proposta. Primeiramente, adotamos o conceito desse gênero como sendo

uma pequena narrativa quadrinizada, não precisando ser uma história e pode até ter um só quadro, mas há sempre narratividade. É comum ter um ou mais personagens constantes, com determinadas características de interesse, fundamental para o entendimento da tira e seu objetivo. Geralmente, as tiras são usadas para a crítica social ou de algum caráter (TRAVAGLIA, 2015, p.70).

Destacamos na conceituação acima o fato de as tiras serem usadas com a finalidade de fazer uma crítica social. Isso porque elas se apresentam como um instrumento para que o leitor possa verificar problemas que surgem em determinados estratos sociais, ao mesmo tempo em que o levam a refletir sobre questões com as quais ele pode contribuir para minimizar seus efeitos. Assim, consideramos que nos livros didáticos de língua portuguesa as tiras devem focar atividades adequadas à reflexão dessas questões que envolvem a interação do sujeito no grupo, bem como os elementos que compõem sua cultura.

As tiras têm sido um gênero discursivo que abre as portas para a leitura devido também ao humor, mas que, ao mesmo tempo, apresenta informações, fatos e é objeto de análise crítica da sociedade. Portanto, torna-se necessário aprofundar os conhecimentos sobre as tiras e pensar em alternativas para oportunizar sua compreensão a fim de serem um instrumento eficaz no processo de aprendizagem.

É preciso lembrar que nelas temos o papel de semioses distintas para a construção do sentido. Ao explorá-las o leitor, com certeza, entra em contato com um material que o faz aprender, e a refletir a respeito do assunto explorado por elas.

Por serem as tiras textos multimodais⁷, o seu leitor realiza uma atividade de leitura que vai além da escrita e percebe nelas uma simultaneidade de elementos que as tornam um texto acessível e que, apesar de aparentemente simples ou até pouco

⁷ Rojo (2012, p.19) define os textos contemporâneos chamados multimodais como “textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar.”

valorizado, aborda informações de uma maneira que o leitor é conduzido a pensar situações cotidianas. Portanto, é necessário organizar procedimentos de leitura e apontar caminhos para que as tiras sejam um instrumento de prática de letramento⁸ no espaço em que o aluno (leitor) vive.

Enfim, pensamos que, no espaço escolar, as atividades desenvolvidas com as tiras precisam habilitar seus leitores a usá-las de forma a estarem aptos para interpretá-las em situações cotidianas que exigem sua participação de maneira consciente e letrada.

Na escola, o ensino de língua portuguesa, como já foi mencionado, tem se voltado para o ensino por meio dos gêneros discursivos, seguindo as propostas mais recentes de pesquisa e orientação do Ministério da Educação brasileiro. Para isso, ao usar os mais diferentes gêneros, o professor precisa escolher textos que mostrem ao aluno a sua funcionalidade, desenvolvendo um significativo trabalho com análise linguística. Mendonça (2007, p. 73) assume que “a AL (Análise Linguística) é crucial no trabalho pedagógico com os gêneros, já que possibilita uma análise sistemática e consciente sobre o que há de especial em cada gênero na sua relação com as práticas sociais de que fazem parte”.

Pensamos então em enfatizar a indispensável colaboração do professor para o êxito do uso dos quadrinhos em sala de aula, despertando o interesse dos estudantes, conforme afirma Vilela,

Convém ressaltar que embora os quadrinhos possam ser uma ótima ferramenta de ensino, a figura do professor é indispensável. A leitura dos quadrinhos em sala de aula exige as devidas orientação e mediação do docente, que pode, por exemplo, chamar a atenção para detalhes que costumam passar despercebidos pelos alunos (a sutileza ou ambiguidade de um diálogo, a presença de estereótipos e de discursos ideológicos etc.) (VILELA, 2015, p. 74).

O professor é o responsável pelas escolhas e abordagens iniciais. É o mediador mais reflexivo na escolha dos gêneros discursivos a serem trabalhados para que sejam alcançados os objetivos do processo ensino/aprendizagem. É importante, de acordo

⁸ Adotamos o conceito de práticas de letramento de Soares (2006, p.39) em que: “Letramento é resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita. O estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais.”

com Vilela (2015), que o professor seja aquele que vai dinamizar a leitura, explorando as especificidades do gênero, de forma a fazer com que o aluno encontre sentido no que lê e possa criticar a realidade enfocada no texto.

O aluno, para que consolide suas habilidades de leitor crítico, está diretamente subordinado às escolhas dos materiais educativos feitas pela escola ou pelos órgãos competentes governamentais. Com relação às adequações de conteúdos, há uma grande diversidade de gêneros à disposição do professor:

Para selecionar um desses gêneros e explorá-lo pedagogicamente em sala de aula, é necessário ter familiaridade com ele, com suas formas de circulação e funcionamento. Isso significa que o professor deve ler a respeito do gênero, pesquisar exemplares diversos desse gênero, compará-los, observar onde e como esses gêneros circulam na sociedade (MENDONÇA, 2007, p. 76).

Entendemos que para atingir o êxito pedagógico, não basta simplesmente escolher um gênero pelo fato de este ser mais evidente, mais enfatizado, pois isto não é garantia da realização de um bom trabalho com os alunos. A busca pela familiarização com o gênero escolhido faz com que o professor seja mais criativo em seu trabalho, o que se torna também mais prazeroso e promissor quando ele consegue explorar o domínio discursivo⁹ a que o gênero pertence. Em determinadas situações, há textos que exigem mais empenho do professor para elaborar e desenvolver um trabalho, portanto é importante que o profissional seja bem formado e apto para saber fazer as escolhas metodológicas mais acertadas para cada gênero ensinado. Nesse caso, por exemplo, consideramos as situações em que se deseja desenvolver um trabalho com opinião: há bastantes textos que são instrumentos eficazes para isso, mas se exige do professor um trabalho de estudo e análise para não cometer equívocos ou correr o risco de fazer um trabalho superficial ou pouco eficaz para os alunos.

Com relação ao ensino de gêneros, Antunes (2009, p. 61) aponta: “cada gênero constitui uma espécie de classe, de agrupamento particular, representa um conjunto de textos com semelhanças formais muito próximas. [...] Cada gênero admite subtipos¹⁰ no

⁹ O conceito de domínio discursivo nos é proposto por Marcuschi (2008, p. 155) no sentido de que “constitui muito mais ‘uma esfera da atividade humana’ no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica *instâncias discursivas*.”

¹⁰ Conforme Travaglia (2015, p. 55), “o subtipo se caracteriza e pode ser identificado por ser uma categoria de texto que na verdade é um tipo, mas não um tipo independente, e sim um tipo que é

interior de seu próprio escopo”. Por exemplo, para o gênero cartas, que é o tipo, temos como seus subtipos a carta do leitor, a carta de amor, a carta de recomendação, a carta de reclamação.

É o que acontece também com as HQs, cujos subtipos são charges, cartuns, tiras. Dentre eles, propomos uma discussão mais específica sobre as tiras. Elas estão cada vez mais presentes nos livros didáticos atualmente. Não só nos livros de língua portuguesa como também nos livros dos demais conteúdos curriculares, inclusive, nesses conteúdos os estudos sobre elas têm surgido com mais frequência. Apesar de já ter sido considerado um gênero de leitura muito fácil e que seus leitores possuem baixo grau de letramento,

Na verdade, determinadas HQs demandam estratégias de leitura sofisticadas, além de um alto grau de conhecimento prévio, sendo quase que destinadas apenas aos ‘iniciados’ nos enredos de seus personagens. Em outros casos, ao contrário, as HQs podem ter uma função didática, sendo utilizada para dar instruções ou para persuadir, em campanhas educativas (MENDONÇA, 2010, p.218).

Notamos que as HQs (incluindo o subtipo tiras) demandam inclusive a ativação do conhecimento prévio em sua leitura. Isso fortalece nossa intenção em explorar as tiras com a certeza de que não se trata de um gênero menos valorizado. Conforme Kleiman (1992) assume:

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de *conhecimento prévio*: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão (KLEIMAN, 1992, p.13).

Concluimos que as tiras são um gênero discursivo que cumpre sua função de formar o leitor, como qualquer outro gênero, respeitando a sua criação e a sua finalidade. São analisadas como um texto em que o mundo do leitor se encontra inserido

variedade de um tipo caracterizado por uma perspectiva única em que os subtipos se encaixam, mas estes se distinguem por alguns fatores que se pode evidenciar e sistematizar.”

nelas e que, para compreendê-las, realizamos uma atividade de interação, na qual nos valem de conhecimentos vários.

Além dos aspectos linguísticos e estruturais próprios do gênero, há outros que também merecem ser evidenciados no trabalho com as tiras. Inicialmente podemos reforçar a ideia de sua relação com a sociedade, em como se constrói sentido para o leitor e de que forma elas podem oferecer respostas a nossos questionamentos. A esse respeito, constatamos que

A tira é uma excelente forma de expressão para o autor colocar suas vivências, experiências e problemas da vida cotidiana. Com economia de espaço e tempo, o humorista gráfico consegue captar a atenção do leitor muitas vezes a partir de uma proposta mordaz, irônica e com pluralidade de sentido (MAGALHÃES, 2005, p. 77).

Percebemos o “diálogo” entre autor (que se expõe na tira) e leitor (aquele que se envolve) na exploração da obra para refletir sobre o cotidiano. E acreditamos que quanto mais a realidade sociocultural for empregada na construção da tira, mais o leitor se reconhecerá nela e mais facilidade apresentará para compreendê-la. Portanto, maiores são as possibilidades de o leitor se debruçar sobre elas e construir sentidos. E com relação às experiências e vivências do autor presentes nas tiras, exemplificamos com o brasileiro Fernando Gonsales, cuja formação acadêmica é como veterinário. Ele criou, entre outros personagens animais, o camundongo Níquel Náusea. Dada a influência de sua formação na área das ciências biológicas, encontramos inseridas em suas tiras muitas informações científicas, como nas figuras 1 e 2.

Figura 1- Escorpião gentil



Disponível em: franciskolwis.blogspot.com.br/2011/02/niquel-nausea.html Acesso em: 19. jan. 2018.

Figura 2 – Caramujo na arca



Disponível em: blogdoxandro.blogspot.com.br/2013/08/tiras-n4841-niquel-nausea-fernando.html Acesso em: 19. jan. 2018.

Observamos que as tiras mostram os personagens animais, revelando uma paixão de seu criador por eles. Está explícito o fato de as tiras apresentarem informações científicas: a primeira (figura 1) apresenta já na fala do escorpião do primeiro quadrinho a informação de que ele é um animal venenoso e que sua picada pode ter efeitos letais; a segunda tira (figura 2) coloca a informação em forma de legenda no primeiro quadrinho e as informações continuam sendo dadas no segundo quadrinho por meio da fala do caramujo. Refletimos que se interessar por animais e, conseqüentemente, apresentar informações sobre eles, é uma característica própria de Gonsales e que ele escolheu empregar tais elementos em suas tiras.

Ainda a esse respeito, destacamos nas tiras a presença de animais falantes e divertido, à semelhança das narrativas conhecidas como *animal strips*. São quadrinhos que apresentam animais antropomorfizados, ou seja,

com características humanas, constituindo-se descendentes diretos das fábulas e histórias infantis cultivadas durante séculos pelas mais diferentes civilizações. Por meio dos animais os homens buscaram representar sentimentos e motivações humanos e torná-los mais assimiláveis aos leitores, uma atividade que normalmente tinha evidentes funções didáticas e educacionais (VERGUEIRO, 2015, p. 167).

Um exemplo bastante conhecido de animal em tiras é o gato Garfield, criação do norte-americano Jim Davis. Este personagem:

É um gato laranja listrado. Preguiçoso, guloso, amante da televisão e , acima de tudo, sarcástico. (...) A tira ironiza pessoas que transformam os animais de estimação nos "donos da casa". Também mostra um gato atuando como homem (inclusive, andando em duas patas) e enfrentando problemas humanos (dieta, tédio, aversão às segundas-feiras etc.) (Disponível em: <http://todavoce.com.br/2009/01/13/historia-do-garfield/>. Acesso em 02. jan. 2018).

Na tira que segue, figura 3, podemos analisar o personagem:

Figura 3 – Preguiça de Garfield



Fonte: DAVIS, Jim. **Garfield: o rei da preguiça**. Porto Alegre: L&PM, 2011

Na figura 3, por meio da atitude do gato, nos é lembrado que precisamos nos exercitar fisicamente, por mais que nossa tendência em relação ao fato seja nos acomodarmos. Não apresentaria tanto humor se o personagem fosse um ser humano. Todavia o gato, agindo como ser humano, busca ensinar o homem a viver melhor.

Outro aspecto a ser discutido é que grande parte dos quadrinhos é protagonizada por crianças. No entanto,

É importante salientar que nem todas as histórias em quadrinhos protagonizadas por crianças são elaboradas tendo em vista um público pertencente à mesma faixa etária dos personagens. Muitas séries aparentemente *infantis* buscam propositalmente atingir públicos variados, possibilitando uma dupla leitura. [...] a criança lê os quadrinhos e depreende uma mensagem adequada à sua idade, em geral uma problemática singela, enquanto o adulto dela extrai um questionamento do fato narrado pela linguagem gráfica sequencial com aspectos da vida política e social que afetam o seu dia a dia (VERGUEIRO, 2015, p.165-166).

Podemos pensar que a leitura de um mesmo quadrinho protagonizado por uma criança terá leituras distintas dependendo se o leitor é uma criança ou um adulto. Isto porque a criança realiza uma leitura a partir do que está explícito por meio das palavras e principalmente por meio das imagens. Ela pouco faz inferências e seu conhecimento prévio para a leitura ainda é restrito. O adulto, por sua vez, realiza uma leitura bem mais profunda, explora os elementos implícitos no quadrinho e é capaz de perceber a crítica feita e relacioná-la ao seu mundo, refletindo e questionando sobre os acontecimentos.

Para analisar melhor essa situação, exemplificamos com a tira da figura 4:

Figura 4 – O roubo da lâmpada



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **A Turma do Xaxado – volume 2**. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2006, p.17

Uma criança realizará a leitura observando bem as imagens e focará na lâmpada que representa o fato de ter uma boa ideia, sugerindo que um desejo será atendido. Será uma leitura até evidente porque ela já tem esse conhecimento por meio das histórias infantis. A leitura seria engraçada para a criança porque a personagem subiu em uma escada e roubou a lâmpada do senhor. A leitura feita por um adulto seria bem diferente, com bastantes reflexões. Inicialmente o leitor adulto realizaria a leitura, valendo-se do conhecimento prévio sobre a personagem. Para entender a atitude do garotinho no terceiro quadrinho, o leitor precisa ativar o conhecimento de que ele é o Arturzinho, da Turma do Xaxado, de Antonio Cedraz. Arturzinho é filho de um rico fazendeiro, garoto egoísta, avarento, insensível, daqueles que acham que o dinheiro compra tudo. A partir daí, a análise da imagem do trabalhador também seria muito importante, pois se amplia o sentido do roubo da lâmpada. Isso representa a força que Arturzinho tem em relação à falta de liberdade e possibilidade de mudança de vida do pobre trabalhador.

Destacamos também que há diferentes níveis de interpretação das tiras, dependendo do personagem, do público, do tema. Mesmo que as tiras tenham surgido como um gênero que faz rir, seus personagens e acontecimentos representam a condição humana e atraem bastante a leitura, deixando de ser apenas um gênero de entretenimento.

Vamos apresentar cinco personagens bem diversificados com o objetivo de confirmar que as tiras se preocupam em atingir um público leitor heterogêneo, o que é possível graças mesmo a essa diversidade de personagens. Pela ordem serão apresentados: Hagar, Calvin, Radical Chic, Suriá e Cacá.

Hagar, o horrível

Figura 5 – Os chifres dos vikings



Fonte: MARCHETTI, G.; STRECKER, H.; CLETO. **Para viver juntos**: português, 9º ano. 4 ed. São Paulo: Edições SM, 2015, p. 135.

Hagar foi criado em 1971 por Dik Browne. Este personagem

compõe um exemplo típico de tirinha que ganhou notoriedade devido ao tipo de humor universal e cotidiano. Reconhecido como um viking bárbaro pelos seus colegas, que vive invadindo a Europa e saqueando castelos, quando volta das jornadas, Hagar torna-se um marido dominado pela mulher Helga. O filho, Hamlet, detesta violência e gosta de ler, como todo intelectual; a filha, Honi, quer ser uma viking, como o pai. Em torno dessa temática da família gira o humor da tira, apresentando uma sátira à vida moderna em que o pai sai para trabalhar o dia inteiro e a esposa fica em casa cuidando dos afazeres domésticos com disciplina e autoridade até sobre o marido (NICOLAU, 2007, p. 27-28).

Na figura 5, o pai Hagar está conversando com o filho em casa, enquanto a mãe cuida dos afazeres domésticos, ouvindo a conversa. Para mostrar sua autoridade ela diz a frase “Tem toda razão”, mas sendo a favorecida da situação, pois a imagem de seus chifres confirma que ela é mais importante e está na situação de comando, porque possui chifres maiores do que os do marido.

Calvin e Haroldo

Figura 6 – Calvin para a escola



Disponível em: <https://battlernerds.wordpress.com/2008/08/29/o-mundo-e-realmente-magico/> Acesso em: 19. jan. 2018

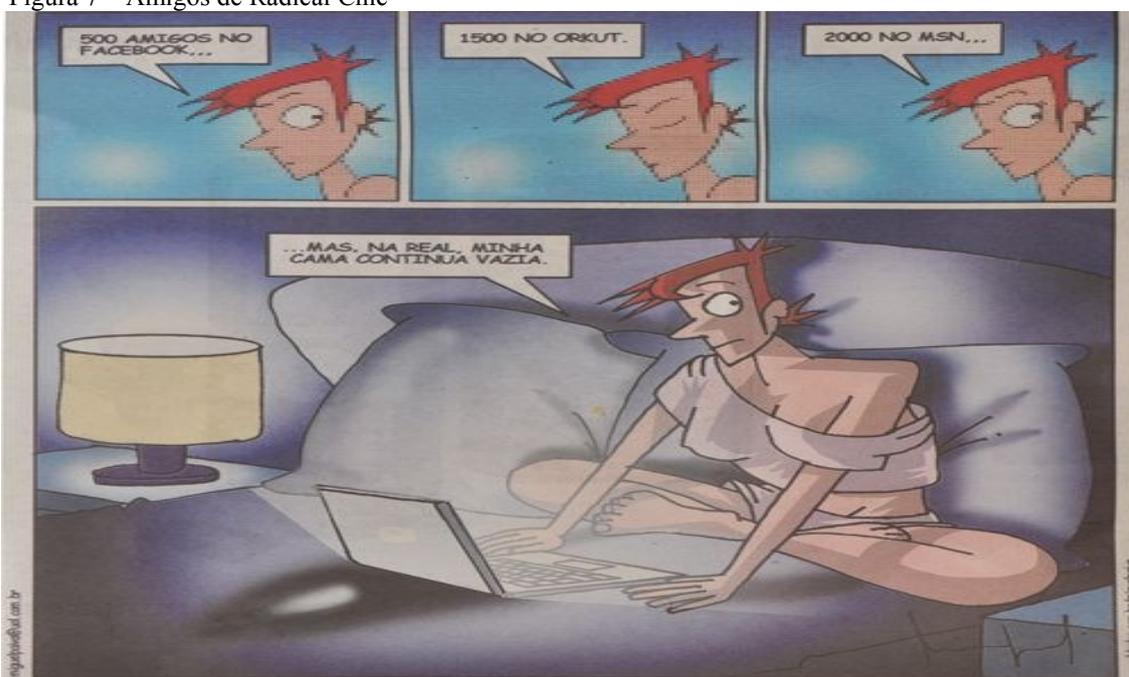
Calvin e Haroldo é uma série de tiras criada, escrita e ilustrada pelo autor norte-americano Bill Watterson em 1985 e encerrada em 1996, por decisão do próprio autor. Calvin é um garoto de seis anos, inconformado com as regras do mundo adulto. Ele

tem uma mente fértil cuja imaginação o permite enfrentar as obrigações de casa e da escola. Seu tigre de pelúcia, Haroldo, a quem Calvin costuma culpar pelas suas peripécias, ganha vida apenas em sua presença. Sempre tentando manipular o pai e a mãe para burlar a autoridade destes, Calvin acaba sendo vítima de suas próprias artimanhas (NICOLAU, 2007, p.30).

Na figura 6, o personagem Calvin enfrenta a mãe para não ir à escola, tentando impor sua vontade, mas no último quadrinho está prestes a entrar na condução que o levará à escola. Está extremamente insatisfeito, o que se infere pelo uso da palavra “droga”.

Radical Chic

Figura 7 – Amigos de Radical Chic



Disponível em: colunas.revistaepoca.globo.com/mulher7por7/2010/01/29/facebook-orkut-msn-e-cama-vazia/ Acesso em: 19. jan. 2018

Radical Chic é o título e personagem de quadrinhos do cartunista brasileiro Miguel Paiva, publicada originalmente no suplemento dominical do extinto Jornal do Brasil, a partir de 1982. Ela se caracteriza como

uma personagem feminina e não feminista, que fala sem pudores sobre homens, sexo, trabalho, carências, amor [...] é ousada, moderna, debochada, engraçada, dramática, irônica, simpática. Inteligente e... corajosa [...] ela é atemporal [...] é a tradução de um modo deliciosamente bem humorado de ver a vida, independente da idade (ÂNGELA VIEIRA apud PAIVA, 2008, p.7).

Radical Chic é uma personagem que interessa à mulher urbana, que vive os conflitos próprios da modernidade.

Na figura 7, a personagem Radical Chic mostra-se moderna, conectada à tecnologia, importante recurso de mídia social de seu tempo. Ela tem muitos relacionamentos virtuais, no entanto está solitária no mundo real. A tira apresenta como tema a questão de homens, sexo, casamento.

Suriá

Figura 8 – O tio de Suriá



Disponível em: www1.folha.uol.com.br/folhinha/quadri/qa061201.htm Acesso em 19. jan. 2018.

Suriá é uma garota circense, criada pelo brasileiro Laerte.

Os pais de Suriá são malabaristas e a filha, que nasceu e vive dentro de um circo, também segue o mesmo caminho. Como a companhia está sempre em movimento, se apresentando em várias cidades, Suriá vive trocando de amigos e a convivência com os artistas e os animais do circo acaba sendo muito intensa. O autor captou com talento a alma infantil e a traduziu numa personagem fofa e carismática (Disponível em <http://educarparacrescer.abril.com.br/hq/7-anos-suria-a-garota-do-circo.shtml>. Acesso em 19. jan. 2018).

Vale ressaltar ainda que esta é uma das raras personagens negras em quadrinhos.

Na figura 8, vemos uma garota que realmente se mostra disposta a acolher com bondade o personagem Rubem, apesar de todas as indelicadezas que pratica contra ela. No entanto, ao dizer que o tio de Suriá era um “palhaço”, os acontecimentos seguintes, que foram mostrados apenas pela linguagem visual, quebram toda a expectativa do carisma da garota, gerando o humor da tira. Esses acontecimentos estão relacionados às brincadeiras mostradas no circo.

Juventude

Figura 9 – Trabalho extra de Cacá



Disponível em: tirasdachantal.blogspot.com.br. Acesso em 19. jan. 2018.

A série Juventude apresenta tirinhas da artista **Chantal Herskovic**, que são publicadas no Jornal Estado de Minas. Nesta série,

as situações giram em torno do cotidiano dos personagens Edu, Hugo e Cacá, em uma linguagem dinâmica e descontraída, de modo que o leitor possa identificar-se por meio das histórias. A série retrata não apenas o mundo jovem, mas também momentos vividos na adolescência, faculdade, estágio, colegas de trabalho, shows e tudo mais que faz parte da vida, do cotidiano e da fase quando descobrimos que já somos adultos, ou quase. Assuntos como moda, tecnologia digital, cibercultura, esportes radicais, música e planeta urbano estão presentes nessa mídia, não apenas sendo parte do cotidiano, mas também assumindo um papel de crítica perante o mundo globalizado em que vivemos (Disponível em <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/contents.do?evento=conteudo&idConteudo=34779&chPlc=34779> Acesso em 19. jan. 2018).

Na figura 9 encontramos o personagem Cacá vivendo um conflito próprio do adolescente na escola, mas que já apresenta capacidade de analisar sua situação em conformidade com as estratégias do mundo dos adultos. Ele pensa que poderia ter privilégios, apesar de não ter cumprido suas tarefas.

Após fazermos considerações acerca do gênero tiras e mencionado, inclusive, alguns personagens bem diversos desse gênero, refletiremos sobre dois recursos importantes que as constituem: o humor e a ironia.

2.2 HUMOR E IRONIA NAS TIRAS

O gênero discursivo tiras está atrelado ao humor e à ironia, para fazer a crítica social. Entendemos que crítica social é a análise dos problemas das estruturas sociais, com o objetivo de refletir sobre eles e pensar em propor possíveis formas de amenizá-los. No processo de leitura e compreensão das tiras precisamos entender também a relação entre o riso e o humor. Segundo Ottoni (2007, p.52) “ não se pode dizer que haja relação de causalidade, em que o riso decorra sempre do cômico e do humor e que estes, por sua vez, sempre causem o riso, entendido aqui como gargalhada”.

Entendemos que nem sempre quando se entende o humor de um texto precisa acontecer uma gargalhada. O humor está ligado também à ideia de estado de espírito, na capacidade de compreensão, não sendo necessariamente motivo de risada.

No Brasil, o número de pesquisadores do tema humor ainda é relativamente pequeno e dentre eles destaca-se Luiz Carlos Travaglia. Ele assim fala sobre o humor:

O humor é uma atividade ou faculdade humana cuja importância se deduz de sua enorme presença e disseminação em todas as áreas da vida humana, com funções que ultrapassam o simples fazer rir. Ele é uma espécie de arma de denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico; uma forma de revelar e de flagrar outras possibilidades de visão de mundo e das realidades, naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios (TRAVAGLIA, 1990, p.55).

Para o autor, os gêneros de humor existem não só para fazer rir; eles possuem sua função social ao mostrar aos interlocutores determinadas situações que merecem ser refletidas na sociedade. É uma maneira de explicitar problemas sociais sem o compromisso de se ligar exclusivamente aos fatos, mas de mostrá-los de uma forma que atitudes sejam repensadas. O que está socialmente controlado na visão de algumas pessoas pode ser questionado por outras, dependendo da visão que os diferentes papéis sociais criam. Travaglia afirma ainda que

No texto **humorístico** (em oposição ao não humorístico), a perspectiva é da **comunicação não confiável**, ou seja, há um rompimento do compromisso com a seriedade, de ser algo válido em que se pode confiar, do princípio segundo o qual se alguém me diz algo, aquilo deve ser levado em conta com seriedade (TRAVAGLIA, 2015, p. 51).

Não entendamos que o humor não seja algo “sério” e que não merece confiança. O que se considera é que o humor se apresenta à sociedade de uma forma que não vai gerar situações conflituosas, mas sim como uma busca de estabelecimento de situações mais controladas e aceitas no contexto social. O humor pode apresentar situações absurdas, porém não deve ser considerado um perigo, uma vez que reestabelece o equilíbrio ao que poderia ser questionado e rejeitado na sociedade.

Quanto aos objetivos do humor, Travaglia (2015, p. 54) destaca a crítica social e também a denúncia, incluindo as tiras entre os gêneros usados para esse fim.

No Brasil, outro pesquisador da temática do humor é o linguista Sírio Possenti. Para ele, os textos humorísticos guardam algum tipo de relação com os diversos tipos de acontecimento. “As charges, por exemplo, são tipicamente relativas aos fatos ‘do dia’. Apenas eventualmente, e raramente, têm como pano de fundo acontecimentos menos instantâneos, como uma campanha eleitoral” (POSSENTI, 2014, p. 27). O autor fala também de outros textos humorísticos que independem desses acontecimentos para sua produção, mas que exigem a mobilização de fatores de outra natureza para a sua interpretação. Incluímos aqui as tiras, cujo efeito de humor decorre do inesperado, da surpresa, geralmente no último quadrinho. É a quebra da expectativa de algo tido como “normal” que gera o humor e nos faz repensar a cena ou a história.

Outro recurso que constitui as tiras, juntamente com o humor, é a ironia. Um conceito é expresso por palavras, mas mesmo assim subentende-se outro (o não dito, o implícito), podendo mostrar-se como algo negativo e oposto ao que foi dito. Portanto, “a ironia revela assim alegoricamente os defeitos daquele (ou daquilo) que se fala. Ela constitui um dos efeitos de zombaria e nisto está a comicidade” (PROPP apud MELO, 2015, p. 44).

Dessa forma, a ironia enfatiza algo negativo, mas que não foi dito explicitamente, trata-se de uma ideia contrária ao que foi expresso. No caso da interpretação das tiras, o leitor precisa ficar atento para perceber o que se pretendeu com o uso da ironia na construção do sentido, de outra maneira, não será possível depreender o real sentido veiculado. Tal estratégia é bastante utilizada nas tiras como elemento

desencadeador de humor, mas que demanda um nível maior de interpretação por parte do leitor.

Consideramos interessante analisar também os elementos que constituem a estrutura das tiras e analisar quando e como são usados como recurso de construção de sentido. É o que exporemos na próxima seção.

2.3 ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DAS TIRAS

Os elementos que constituem as tiras são bem comuns às HQs. Podemos citar: os balões, os personagens, as vinhetas. Vamos discutir um pouco cada um deles, procurando exemplificar as descrições apresentadas.

2.3.1 Os balões

Iniciemos falando sobre os balões, que são “um espaço onde são escritas as palavras proferidas pelas diversas personagens” (EGUTI apud RAMOS, 2016, p. 32). Para Vergueiro (2016, p. 56) “o balão é a interseção entre imagem e palavra”. Portanto a leitura de quadrinhos deve ser realizada atentamente, observando a ligação, a união entre imagem e palavra para que o texto seja realmente compreendido, construindo assim o sentido de uma forma mais eficaz.

Para analisarmos um balão devem ser observados dois elementos: o apêndice e o conteúdo (a linguagem escrita ou a imagem). Atualmente há várias formas de balões, cada uma delas adquirindo um sentido. Vamos apresentá-las organizadas visualmente no quadro a seguir, elaborado com base em Ramos (2016). Para tanto, apresentamos também uma figura que ilustra cada forma.¹¹

¹¹ Os quadrinhos que ilustram os tipos de balões foram retirados das revistas da Turma do Xaxado, com exceção do balão vibrado, para o qual não foi encontrado exemplo no *corpus* utilizado neste trabalho.

Quadro 1 - Tipos de balões

Balão-fala: é o mais comum expressivamente o mais neutro; possui contorno com traçado contínuo, reto ou curvilíneo.

Figura 10 - balão-fala



Balão vibrado: indica voz tremida

Figura 11 - balão-vibrado



Balão-pensamento: contorno ondulado e apêndice formado por bolhas; possui o formato de uma nuvem.

Figura 12 - balão-pensamento



Balão glacial: desprezo por alguém ou choro.

Figura 13 - balão-glacial



Balão-cochicho: linha pontilhada, possui indicação de tom de voz baixo.

Figura 14 - balão-cochicho



Balão uníssono: reúne fala de diferentes personagens.

Figura 15 - balão-uníssono



Balão-berro: extremidades para fora, como uma explosão; sugere tom de voz alto.

Figura 16 - balão-berro



Balão-zero ou ausência de balão: é quando não há o contorno do balão; é indicado com ou sem o apêndice.

Figura 17 - balão-zero



Balão-trêmulo: linhas tortas, sugere medo ou voz tenebrosa.

Figura 18 - balão-trêmulo



Balões-intercalados: durante a leitura dos balões de um personagem, pode haver outro balão com a fala de um interlocutor.

Figura 19 - balões-intercalados



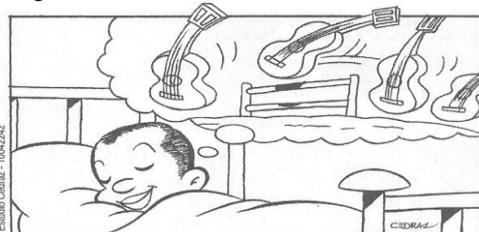
Balão de linhas quebradas: para indicar fala vinda de aparelhos eletrônicos.

Figura 20 - balão de linhas quebradas



Balão-sonho¹²: mostra em imagens o conteúdo do sonho do personagem.

Figura 21 - balão-sonho



Balão-mudo: não contém fala; em geral, aparece com um sinal gráfico (como os pontos).

Figura 22 - balão-mudo



Balões-especiais: ocorrem quando assumem a forma de uma figura e conotam o sentido visualmente representado.

Figura 23 - balões-especiais



Balões-duplos ou balão composto: indica, em princípio, dois momentos de fala.

Figura 24 - balões-duplos



Balão de apêndice cortado: é usado para indicar a voz de um emissor que não aparece no quadrinho.

Figura 25 - balão de apêndice cortado



Fonte: Adaptado de Ramos (2016)

Além do conteúdo (o que está escrito no balão) há outro elemento, chamado apêndice. Para Ramos (2016, p.43), “trata-se de uma extensão do balão, que se projeta na direção do personagem”. Uma observação feita pelo autor é que “o personagem que fala por meio do balão não precisa necessariamente estar presente na cena. Sua existência pode ficar implícita no contexto da leitura.” Assim, vejamos o que acontece na figura a seguir.

¹² Ramos (2016) e Eguti (2001) acrescentam outros três tipos de balão: balão-sonho, balões-especiais e balão de apêndice cortado.

Figura 26 – Pedidos dos alunos



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **1000 tiras em quadrinhos**. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 192

No terceiro quadrinho da figura 26, temos um balão-fala, no entanto, o falante não aparece. Explicitamente sabemos que é a fala da professora, pois nos dois quadrinhos anteriores os fatos nos mostram isso. No primeiro quadrinho os alunos falam, sugerindo o que seja ensinado; no segundo quadrinho a professora começa a responder aos alunos, continuando a resposta no terceiro quadrinho; portanto o apêndice projetado para a escola indica a fala da professora. Além disso, as reticências são um recurso que comprovam esse fato.

Ao analisarmos a mensagem do balão, além da mensagem escrita, outro elemento que contribui para a transmissão de uma mensagem específica é o tipo de letra utilizado. Ramos (2016) afirma que

A letra de forma tradicional – escrita linear, sem negrito, geralmente em cor preta – é a mais utilizada nos quadrinhos. Ela indica uma expressividade “neutra”, uma espécie de grau zero, do qual outros irão derivar. Qualquer corpo de letra que fuja a isso obtém resultado expressivamente diferente (RAMOS, 2016, p. 56-57).

Geralmente são usadas as letras de imprensa maiúsculas. Nesse caso, sabemos que se trata de uma conversa em tom normal. No entanto, outros recursos podem ser usados, como: negrito, itálico, o aumento da letra, mudança no formato, entre outros. Quando isso acontecer, a mensagem tem o acréscimo de significado ao enunciado principal, como acontece nas figuras 27 e 28.

Figura 27 – Zé Pequeno na feira



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. *A Turma do Xaxado – volumes 1 e 2*. 3.ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2010, p. 16

Na tira da figura 27 a fala de Zé Pequeno no balão do terceiro quadrinho está em negrito. Na verdade, o personagem está gritando, o que se comprova também pelo formato do balão. O negrito nos chama a atenção não só para o tom de voz, mas também para pensarmos nas consequências da atitude de Zé Pequeno para o dono dos produtos.

Figura 28 – Crianças abandonadas



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. *A Turma do Xaxado – volume 2*. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2006, p.15

Nessa tira, figura 28, também no último quadrinho, há duas palavras que foram colocadas em negrito. O efeito de sentido por meio desse destaque nos remete aos agentes sociais que deveriam estar cuidando das crianças.

2.3.2 Imagem

Para que a leitura dos balões aconteça de maneira bem sucedida, ainda devemos considerar o papel da imagem, conforme salientado em Vergueiro (2016):

Para a decodificação da mensagem contida no balão, o leitor deve considerar tanto imagem e texto como outros elementos do código que são mais ou menos icônicos por natureza. Como característica única dos quadrinhos, o balão representa uma densa fonte de informações, que começam a ser transmitidas ao leitor antes mesmo que este leia o texto, ou seja, pela própria existência do balão e sua posição no quadrinho. Ele informa que um personagem está falando na primeira pessoa (VERGUEIRO, 2016, p. 56).

O autor reforça a ideia de que os quadrinhos são formados por imagem e palavra e destaca os balões como elementos que informam. Para bem compreender a mensagem dos balões, é necessário primeiro ler o balão no seu formato, no seu posicionamento. Exemplificamos como isso ocorre na figura seguinte:

Figura 29 – Manter a seca no Nordeste



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **A Turma do Xaxado – volumes 1 e 2**. 3.ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2010, p. 12

Na figura 29, inicialmente fazemos a leitura do balão no primeiro quadrinho e buscamos a resposta no balão do segundo quadrinho. No entanto, sem observar a imagem, não se entende a resposta do personagem Xaxado, uma vez que a expressão “TÁ ASSIM, Ô!” só adquire sentido ao analisarmos a posição das mãos de Xaxado; é mostrado que existe um número muito grande de pessoas interessadas em manter a seca. Esse sentido só é construído a partir do momento em que se associam palavras e imagem.

Contudo ocorrem situações em que a comunicação por meio de quadrinhos acontece predominantemente por meio de imagens. Isso exige uma interação maior entre o criador dos quadrinhos e o leitor, considerando que “A compreensão de uma imagem requer um compartilhamento de experiências. Portanto, para que sua mensagem seja compreendida, o artista sequencial deverá ter uma compreensão da experiência de vida do leitor” (EISNER, 2010, p. 7). Dessa forma, se o artista dos quadrinhos não

evocar imagens que estejam armazenadas na memória do leitor, a comunicação não será bem sucedida, diante da possibilidade de essas imagens não transmitirem o significado e o impacto emocional esperado. Por isso a imagem precisa desencadear a possibilidade de ser expressiva e significativa também no contexto dos quadrinhos.

2.3.3 Legenda

A legenda também é um elemento constituinte dos quadrinhos. Para Vergueiro (2016, p. 62) “a legenda representa a voz onisciente do narrador da história, sendo utilizada para situar o leitor no tempo e no espaço, indicando mudança de localização dos fatos, avanço ou retorno no fluxo temporal, expressões de sentimento ou percepções dos personagens”. Ou ainda: “Legenda é um pequeno fragmento do discurso, sem outro objetivo senão o de *fixação* de um significado que não ficou claro na imagem ou no texto dos balões” conforme descrito em Cagnin (2014, p. 157). Observemos o exemplo de uso da legenda na figura 30 a seguir.

Figura 30 – 3 mil tiras de Xaxado



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **1000 tiras em quadrinhos**. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 208

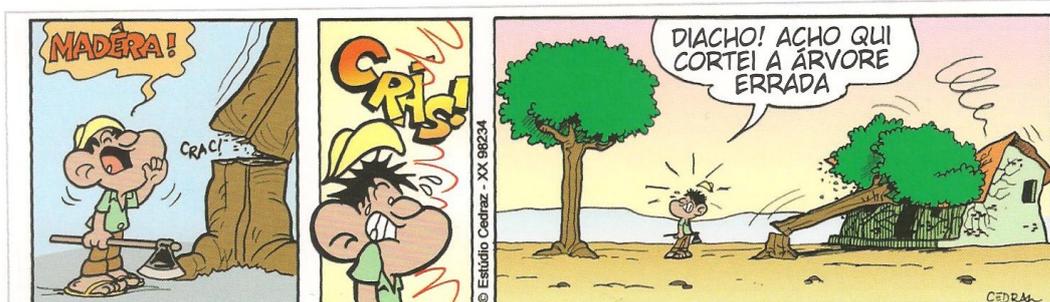
Nos três quadrinhos da figura 30, na parte superior aparece o texto que deve ser lido antes de se considerar a imagem e balões de cada quadrinho. Se eliminarmos as legendas, dos quadrinhos, estaremos eliminando o elemento facilitador da compreensão dos quadrinhos, pois apenas as imagens não são suficientes para sua compreensão. Confirmamos, por isso, que a legenda tem a função de dar informações ao leitor a respeito do fato abordado na tira.

2.3.4 Onomatopeia

Em se tratando das onomatopeias, Vergueiro (2016, p. 62) as conceitua como “signos convencionais que representam ou imitam um som por meio de caracteres alfabéticos.”. Logo elas variam de país para país, dependendo do idioma. Por exemplo, o canto do galo em francês pode ser representado por *ki – ki – ri – ki – ki!*. No Brasil sua representação muda para *co – co – co – ri – có!*

Vamos analisar na tira seguinte um exemplo de onomatopeia:

Figura 31 – A árvore errada



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. *A Turma do Xaxado – volumes 1 e 2*. 3.ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2010, p.16

Há na figura 31 duas palavras que sugerem o barulho da árvore, em situações distintas. No primeiro quadrinho, a palavra “**CRAC!**” escrita junto ao tronco cortado sugere o som do tronco sendo partido enquanto a árvore cai. Já no segundo quadrinho a onomatopeia “**CRÁS!**” refere-se a outro momento, que é a queda da árvore sobre a casa, o que é revelado ao leitor apenas no terceiro quadrinho.

Consideramos oportuno mencionar aqui a distinção entre onomatopeia e interjeição. Esses dois elementos se diferenciam da seguinte maneira:

enquanto as onomatopeias representam sons externos, ou seja, do ambiente do qual se desenrola a narrativa, as interjeições representam sons emitidos pelos personagens, correspondendo a enunciados que desempenham funções comunicativas e estão, portanto, intimamente ligadas ao momento da enunciação. Por essa razão as interjeições são representadas principalmente dentro dos balões de fala ou muito próximas às personagens, enquanto as onomatopeias praticamente sempre se encontram fora dos balões, podendo estar presentes em qualquer espaço, dentro e mesmo fora do quadro, já que os sons que simulam não estão ligados à representação da comunicação propriamente dita, mas sim ao contexto extralinguístico da cena (MEIRELES, 2015, p.67).

Há nesse fragmento de Meireles dois critérios que nos permitem distinguir a onomatopeia da interjeição: a origem dos sons representados e o espaço utilizado nos quadrinhos para escrever a palavra que representa o som. A onomatopeia representa som de objetos de natureza diversa, valendo-se dos sons da língua; a interjeição é de natureza subjetiva, expressando o lado emocional do falante. Quanto ao local em que são colocadas nos quadrinhos, a interjeição fica “dentro dos balões”, enquanto que a onomatopeia fica “fora dos balões”. Na figura 32 seguinte há um exemplo de onomatopeia.

Figura 32 - O trovão



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. *A Turma do Xaxado – volumes 1 e 2*. 3.ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2010, p. 8

Já no primeiro quadrinho as imagens denotam uma chuva forte, observando sinais como as poças de água grandes, os riscos inclinados que representam a chuva nos fazendo pensar que ela está acompanhada de vento, as nuvens escuras no céu. No segundo quadrinho a palavra “**CABRUM**” localizada no alinhamento da nuvem, bem próxima dos riscos que indicam o relâmpago, representa o som do trovão; trata-se, portanto, de uma onomatopeia.

Na tirinha abaixo, figura 33, pensemos no emprego da palavra “**HUMMMMM**” no primeiro quadrinho.

Figura 33 – Cheiro de terra molhada



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. *A Turma do Xaxado – volumes 1 e 2*. 3.ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2010, p. 10

No primeiro quadrinho, a palavra “**HUMMMMM**” representa um som emitido pelo personagem Xaxado e está escrita dentro do balão. Observamos que ela se refere à expressão de emoção do personagem diante do cheiro que sente. Assim ela se classifica como uma interjeição.

2.3.5 Cores

Outro elemento importante que compõe a linguagem das tiras é a cor. Ramos (2016) fala sobre esse elemento destacando alguns pontos interessantes. Entre eles destaca o uso de duas cores no surgimento dos quadrinhos (preto e branco), depois houve um aprimoramento quando os jornais e as editoras usavam cores primárias (vermelho, azul e amarelo) e as combinações que elas permitiam. Hoje, com o avanço tecnológico, há uma enorme lista de tonalidades possíveis, gerando um grande volume de informações visuais a ser explorado pelos criadores das tiras e interpretado por seus leitores. É importante salientar que não há rigidamente uma regra para empregar as cores e seus efeitos nos quadrinhos. Cada quadrinho faz a sua exploração de um modo que vai interferir na geração de sentido do texto. Consideremos o uso das cores em três tiras (figuras 34, 35 e 36):

Figura 34 – Tipos de filme



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **A Turma do Xaxado – volume 2**. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2006, p.16

Na figura 34 temos o emprego da cor vermelha no último quadrinho em dois lugares: no final da fala de Zé Pequeno e no rosto da personagem Marinês. O emprego dessa cor tem uma significativa contribuição na leitura da tira: observamos que no primeiro quadrinho a personagem Marinês faz referência aos filmes românticos com muita delicadeza nos gestos. Como Zé Pequeno tem uma preferência bem contrastante com Marinês, ao se movimentar para demonstrar as ações do tipo de filme do qual

gosta, ele atinge violentamente o rosto dela, deixando-o bastante vermelho e irritado, ao mesmo tempo em que os gritos do personagem Zé Pequeno aparecem representados na cor vermelha dentro do balão.

Figura 35 – O roubo da lâmpada



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **A Turma do Xaxado – volume 2**. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2006, p.17

Os balões da figura 35 aparecem sem palavras. São as imagens que geram o sentido do texto. Nos dois primeiros quadrinhos a imagem da lâmpada nos balões está associada ao fato de que o personagem está “tendo uma luz”, ou seja, uma brilhante ideia sua poderá contribuir para a ocorrência de mudanças importantes em sua vida. Isso é reforçado pelo emprego da cor amarela, que desaparece do balão do último quadrinho, quando a lâmpada é retirada.

Figura 36 – O cheiro do dinheiro



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **A Turma do Xaxado – volume 2**. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2006, p. 31

Na figura 36, o criador da tira explorou a cor branca para desenhar uma mancha no alinhamento do nariz do personagem, sugerindo o delicioso cheiro de alguma comida. Assim a parte verbal não foi muito exigida para a leitura, bastaram duas interjeições, colocadas nos dois primeiros quadrinhos.

2.3.6 Vinheta ou quadrinho

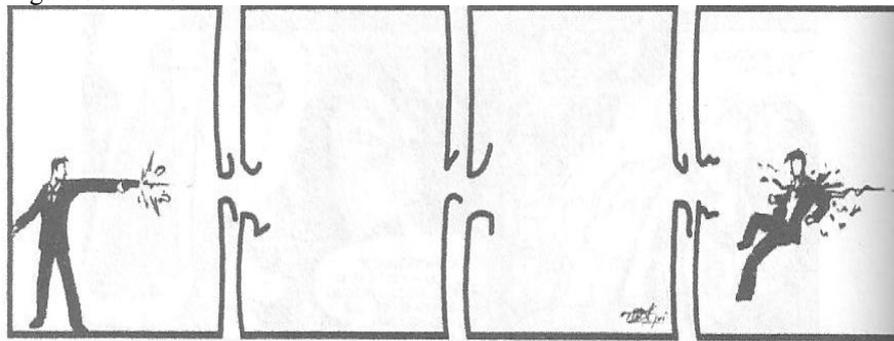
A vinheta ou quadrinho, cuja função principal é “de moldura dentro da qual se colocam objetos e ações” (EISNER, 2010, p. 29), é outro elemento que estrutura o gênero discursivo tira:

O quadrinho ou vinheta constitui a representação, por meio de uma imagem fixa, de um instante específico ou de uma sequência interligada de instantes, que são essenciais para a compreensão de uma determinada ação ou acontecimento. Isso quer dizer, portanto, que um quadrinho se diferencia de uma fotografia, que capta apenas um instante, um átimo de segundo em que o diafragma da máquina ficou aberto (VERGUEIRO, 2016, p. 35).

É nos quadrinhos, ou na sequência deles, que a narrativa se desenrola. São histórias curtas contadas por meio de imagens que denotam ação, tempo, espaço, acontecimentos. A narrativa completa é formada pela união e sequência dos quadrinhos, os quais podemos considerá-los fragmentos da história.

Ramos (2016) aborda a questão de as vinhetas apresentarem variação em sua forma. No que se refere às tiras isso não é tão comum, visto que elas apresentam um formato menor em relação às histórias em quadrinhos. Quando a vinheta apresenta uma variação nas tiras, essa variação contribui para o efeito de humor. Vejamos as figuras 37 e 38, a seguir:

Figura 37 - Tiro



Fonte: Ramos (2016, p.96)

Na figura 37 efeito de humor também se constrói pelo fato de o tiro furar a lateral dos quadrinhos.

Figura 38 - Indignação de Xaxado



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **A Turma do Xaxado – volume 4**. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2005, p. 10

A tira (figura 38) é composta por quatro quadrinhos, sendo que apenas no segundo e no terceiro as imagens estão totalmente contornadas pelos traçados que dividem as cenas. Isso aconteceu para que os traços pudessem funcionar como sustentáculo da rede para o personagem Zé Pequeno. Há também a ideia de que o primeiro e o último quadrinho abertos favorecem a movimentação do personagem Xaxado enquanto que Zé Pequeno permanece imóvel na rede.

Além dos comentários sobre alguns elementos que constituem os quadrinhos aqui feitos, chama-nos a atenção a afirmação de Ramos (2016):

O espaço da ação é contido no interior de um quadrinho. O tempo da narrativa avança por meio da comparação entre o quadrinho anterior e o seguinte ou é condensado em uma única cena. O personagem pode ser visualizado e o que ele fala é lido em balões, que simulam o discurso direto (RAMOS, 2016, p. 18).

O autor expressou sucintamente os elementos estruturadores dos quadrinhos: espaço, ação, tempo, personagem, balões. Além deles não podemos nos esquecer de que os quadrinhos, em especial as tiras, são textos de humor e geralmente são usados para provocar a reflexão de questões sociais e culturais, fazendo com que o leitor (re)pense suas experiências na sociedade em que vive. Para isso é necessário que a leitura seja realizada de forma interativa. Portanto, apresentaremos na próxima seção os sentidos das palavras social e cultural e depois, em outra seção seguinte, faremos algumas considerações sobre o ato de leitura com o intuito de aplicá-las nas atividades com as tiras.

2.4 Comentários sobre as ideias de social e cultural

Uma questão bastante mencionada em nosso trabalho são as ideias das palavras social e cultural¹³. Vamos explicitar a visão que temos desses dois termos.

A palavra cultural neste trabalho se refere ao contexto do conjunto de conceitos e atitudes que modelam a vivência de um grupo social. Bomeny et al. (2013), ao falar do conceito de cultura, deixa clara a dificuldade de atribuir-lhe uma explicação definitiva, pois envolve também questões de civilização, moral, lei e hábitos que o homem adquire na condição de membro de uma sociedade. Considera também que a sociedade não é única, por isso pode-se falar em culturas, ou seja, há uma diversidade cultural. As autoras enfatizam a ideia de um antropólogo norte-americano, Clifford Geertz, de que a cultura é entendida como a própria condição da espécie humana, que é feita e refeita no cotidiano por indivíduos que interagem e dão sentido às suas ações.

Analisando este conceito não podemos desvincular a ideia de formação de comunidades a partir das interações. Lembremos que a linguagem é um forte elemento que constitui e transmite a cultura de uma sociedade.

Bortoni-Ricardo também comenta sobre a cultura nesse enfoque das interações humanas: “O homem é um animal sustentado em redes de significados que ele próprio tece; o estudo da cultura é em essência o estudo dessas redes;” para ele a leitura da cultura era como a leitura de textos.” (GEERTZ apud BORTONI-RICARDO, 2008, p.39).

Esses conceitos vão ao encontro de nosso propósito ao esclarecer por que pretendemos focar as questões sociais e culturais no trabalho com as tiras no ensino fundamental. Sabemos que o homem interage na comunidade em que vive e que é preciso pensar os acontecimentos que envolvem os membros dessa sociedade. Muitas vezes esses acontecimentos são (re)pensados a partir de textos. Assim, determinadas variáveis sociais se fazem presentes nas tiras, como a escolaridade, a cor, o gênero, a renda familiar, a economia e também como essas variáveis influenciam nas relações dos agentes socializadores como a família, a escola, a vida econômica (profissão) sempre ligados à participação na vida comunitária.

¹³ Queremos comentar que as palavras social e cultural aparecem com frequência em textos que falam sobre o gênero escolhido para este trabalho, principalmente quando abordam suas relações com o mundo do público leitor, bem como da contextualização para sua criação. Em muitas situações aparecem como uma palavra composta: sociocultural.

Melo (2015, p. 49) afirma que “quanto à temática, sabemos que o GDT¹⁴ pode tratar de assuntos diversificados, seja da vida social, íntima, momentos de lazer, políticos, familiares, dentre outros”. Dessa maneira pretendemos propor atividades de ensino que tratem das questões relacionadas à vida em sociedade (como educação, saúde, meio ambiente, direitos sociais, entre outros) para que os leitores reflitam sobre situações com as quais podem contribuir para minimizar possíveis conflitos.

2.5 Considerações sobre o ato de leitura

Vamos relacionar algumas considerações em leitura, procurando associá-las ao gênero discursivo tiras, conforme Leffa (1996), Azambuja (1996), Dell’Isola (1996), Kato (1990), Kleiman (1992), Júnior (2014) e Solé (1998).

Retomamos inicialmente o que afirmou Vergueiro (2015) quando falava da leitura de uma mesma tira por uma criança e por um adulto. Com relação à leitura feita pelo adulto, o autor expõe que “o adulto dela extrai um questionamento do fato narrado pela linguagem gráfica sequencial com aspectos da vida política e social que afetam o seu dia a dia” (VERGUEIRO, 2015, p.165-166). Nossa discussão começa motivada pela expressão “extrai um questionamento do fato narrado” e ligando-a ao pensamento de Leffa (1996) que nos apresenta a leitura como extração ou atribuição de significado ao texto.

Ler extraíndo o significado é uma leitura ascendente¹⁵, “está associada à ideia de que o texto tem um significado preciso, exato e completo, que o leitor-minerador¹⁶ pode obter através do esforço e da persistência” (LEFFA, 1996, p. 12). Assim, entendemos que o significado está lá no texto, pronto, esperando que o leitor se esforce e o encontre.

Ler atribuindo significado é uma leitura descendente¹⁷, “o mesmo texto pode provocar em cada leitor e mesmo em cada leitura uma visão diferente da realidade”

¹⁴ Melo (2015) chamou as tiras, em seu texto, de gênero discursivo tira (GDT).

¹⁵ Kato (1990, p. 40) caracteriza o leitor ascendente como aquele que “constrói o significado com base nos dados do texto, fazendo pouca leitura nas entrelinhas”. Portanto a ideia é de que se trata de uma leitura do texto para o leitor.

¹⁶ A nomenclatura leitor-minerador é criada por Leffa (1996) para se referir ao leitor que extrairá o significado preciso, exato e completo do texto. O texto é comparado a uma mina e o papel do leitor a realização de uma leitura minuciosa e cuidadosa. O texto já traz por si só o significado, não necessitando, portanto, dos conhecimentos prévios do leitor para a compreensão da sua mensagem.

¹⁷ Adotamos também o comentário de leitor descendente conforme Kato (1990, p. 40). Trata-se de um leitor “que apreende facilmente as ideias gerais e principais do texto [...] é o tipo de leitor que faz mais uso de seu conhecimento prévio do que da informação efetivamente dada pelo texto.” Temos uma leitura do leitor para o texto.

(LEFFA, 1996, p. 14). A atitude do leitor está condicionada, então, a vários fatores que podem influenciar diretamente na construção de sentido do texto. Dependendo de suas experiências de vida projetadas no momento da leitura é que ele terá uma ou outra visão da realidade inserida no texto¹⁸. Diferentes sentidos também serão construídos, pois temos diferentes leitores com diferentes experiências de vida.

Na atribuição de significado ao texto, não podemos deixar de considerar as lacunas deixadas pelo escritor, as quais o leitor as preenche conforme o conhecimento prévio que possui do mundo. Kleiman (1992, p.13) afirma que “são vários os níveis de conhecimento que entram em jogo durante a leitura”. Ela apresenta o conhecimento linguístico, o conhecimento textual e o conhecimento de mundo. Para o nosso trabalho, aqui destacamos o conhecimento de mundo, porque ele se refere ao conhecimento dos fatos que serão acionados no momento da leitura para construir o sentido do texto. Com relação às tiras, especificamos então os conhecimentos que o leitor deve apresentar da sociedade e da cultura retratadas pelo autor.

Mesmo falando em extração de significado (ênfase no texto) ou atribuição de significado (ênfase no leitor), Leffa (1996, p.17) considera um terceiro elemento: “o que acontece quando leitor e texto se encontram”. É próprio daquele leitor que usa o processo ascendente e o processo descendente de leitura, que Kato (1990) chama de leitor maduro.¹⁹

Teremos, então, a leitura como um ato interativo:

Ler é um processo de interação entre vários níveis. Essa interação, ao ser alcançada, proporciona ao aluno um engajamento maior com o texto, e faz com que mergulhe em profundidade na leitura, extrapolando seus aspectos linguísticos, para alcançar um maior nível de compreensão. Dessa forma, será capaz de interpretar os aspectos históricos, culturais, sociais e políticos que subjazem ao texto (AZAMBUJA, 1996, p.150).

Destacamos na afirmação da autora a possibilidade de mergulhar em profundidade na leitura do texto. É uma forma de tornar o texto plurissignificativo, indo muito além de uma leitura em superficialidade. Quando o leitor se engaja na exploração dos aspectos apresentados na construção dos significados do texto, ele tem melhores

¹⁸ O mesmo é válido para diferentes leitores do mesmo texto num mesmo momento.

¹⁹ O leitor maduro, segundo Kato (1990, p. 41) “é aquele que usa, de forma adequada e no momento apropriado os dois processos complementarmente. É o leitor para quem a escolha desses processos é já uma estratégia metacognitiva, isto é, é o leitor que tem um controle consciente e ativo de seu comportamento.”

condições de realizar uma leitura com qualidade, dando uma resposta melhor ao que dele se espera enquanto agente do processo de leitura. Ele usa seus conhecimentos prévios e os compara com os dados fornecidos pelo texto.

Conforme Azambuja (1996, p. 158), “É importante que o professor considere a leitura, entre outras atividades, como: uma ação política, social, cultural e linguística; a busca no texto, do contexto histórico, cultural, social e político; um ato essencialmente intertextual”. Percebemos que a atitude do professor ao mediar atividades de leitura precisa ser de favorecimento de condições a fim de que o aluno leitor perceba o imbricamento que há entre sua sociedade e o texto que lê. São situações que se encontram para a partir delas mesmas mostrarem ao leitor o seu importante papel no envolvimento com a leitura.

Pensando no envolvimento do leitor com o texto, faz-se necessário também refletir sobre como motivá-lo a participar desse processo de leitura, visando torná-lo também um produtor de textos, ou que pelo menos se permita ver e sentir-se no texto. Para Dell’Isola (1996):

De modo geral, os princípios que norteiam a produção da leitura são os mesmos que informam toda a atividade em que o uso da linguagem clareia os fins determinados pelo texto ao se manifestar. O sujeito leitor (assim como o texto) se constrói em um contexto social. Ao se expressar, o emissor do texto revela marcas de sua individualidade, produto de suas características psicológicas e socioculturais. O leitor apropria-se da linguagem, num movimento individual, deixando o registro de seu lugar social no texto lido. As marcas individuais e as determinadas pelo lugar social de onde provém o sujeito estarão presentes tanto na produção do texto quanto na leitura (DELL’ISOLA, 1996, p.72).

O contexto social é destacado pela autora tanto na produção quanto na leitura do texto. Além disso, as marcas da individualidade, envolvendo características psicológicas, linguísticas e socioculturais, contribuem fortemente no momento da produção do texto e acabam influenciando significativamente o leitor no momento em que busca vivificar o texto lido. Para que isso de fato aconteça, o movimento textual parte da sociedade e para ela volta como produto que reflete o cotidiano dessa mesma sociedade.

Com o objetivo de ilustrar as ideias acerca do processo de leitura, que refletimos acima, vamos analisar duas tiras (figuras 39 e 40).

Figura 39 – Filme de Lampião



Disponível em: blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/arch2010-01-01_2010-01-31.html Acesso em 19. jan. 2018.

Na figura 39 se a leitura fosse feita por uma criança, por exemplo, ela poderia dizer que o garoto pulou de alegria no último quadrinho, simplesmente porque o quadro apresenta a foto de uma pessoa que se parece com ele. A leitura seria bastante óbvia, explorando apenas as imagens e destacando o chapéu no quadrinho, que é o elemento de identificação entre os dois. A criança muito provavelmente nem perceberia o fato de que o personagem está escolhendo um filme para assistir, portanto está em um cinema. Um adulto em uma leitura ascendente, destacaria que um garoto do sertão nordestino brasileiro ficou muito feliz por encontrar um filme que falasse de sua região para assistir. Para fazer uma leitura que envolvesse o ascendente e o descendente, portanto, proveniente de um leitor maduro, muitos aspectos seriam interpretados. A leitura começaria pela identificação do personagem, com sua ligação com o sertão nordestino brasileiro (em especial com o fenômeno do cangaço, sendo este um conhecimento prévio), haveria a relação com o cinema estrangeiro e o cinema nacional (conhecer os artistas Stallone e Schwarzenegger), saber por que escolheu Lampião e saber dizer quem ele foi, entender que o personagem Xaxado está diante de sua própria cultura.

Para que a leitura ocorra da forma como descrevemos, um elemento facilitador seria que o leitor fosse de origem nordestina. No entanto, isso não significa que um leitor de outro espaço brasileiro não seja capaz de realizar a leitura. Mesmo que seja mais distante da cultura nordestina, e que tenha menos identificação com ela, é capaz de compreender bem a tira se bem informado e conhecedor das diferentes realidades brasileiras.

Figura 40 – Leitura de Pinóquio

XAXADO / Antonio Cedraz



Disponível em: tirasemquadrinhos.blogspot.com.br/2013_06_16_archived.html?m=0 Acesso em 19. Jan. 2018

A figura 40 apresenta uma leitura mais fácil em relação à figura anterior (figura 39). Certamente agradaria bastante a um público leitor infantil devido à história de Pinóquio, que é conhecido das crianças. No entanto, o personagem faz uma suposição no último quadrinho a partir de suas experiências de vida: ele tem conhecimento de que há na realidade pessoas mentirosas. Um leitor adulto mais consciente poderia aproveitar a reflexão feita pelo personagem e relacioná-la às decepções que sofre na sociedade atual em consequência de algumas situações diversas e adversas.

Como nossa proposta de trabalho se refere à leitura de exemplares do gênero discursivo tiras, entendemos ser coerente apresentar alguns elementos específicos direcionados à leitura delas. Júnior (2014) fala de uma maneira específica a respeito da leitura e compreensão de tirinhas. O autor concebe a leitura como prática social, propiciando aos sujeitos as formas de participação no ambiente escolar, na vida profissional e no mundo. Ler é um processo de construção e de negociação de sentidos, para isso o leitor age sobre a materialidade textual e mobiliza seus conhecimentos prévios.

No caso específico da leitura e compreensão das tirinhas, por ser um gênero que se constitui de palavras e imagens, exigem-se habilidades dos leitores. A construção de sentido ocorre num processo de integração verbo-visual, articulando uma dimensão linear (da palavra) e outra não linear (da imagem). Assim, o leitor é ativo diante da materialidade textual. Esse princípio de leitor ativo é também mencionado por Solé (1998, p. 18): “o leitor é um sujeito ativo que processa o texto e lhe proporciona seus conhecimentos, experiências e esquemas prévios”. Portanto esse leitor examina o texto e atribui significado a ele, fazendo suas intervenções, tornando-se capaz de utilizar os significados que constrói de forma competente e autônoma.

A leitura dos quadrinhos conforme Cagnin (2014, p. 62)²⁰, aborda as associações que o leitor faz dos desenhos com seu repertório de conhecimentos e lembranças, formando o que se chama de contextos, sendo eles contexto intraicônico (relação entre os diferentes elementos que formam a imagem), intericônico (relação entre duas ou mais imagens justapostas) e extraicônico, o qual analisaremos mais detalhadamente por considerar que contribui para a realização das atividades que propusemos.

A respeito deste contexto, lemos:

Contexto extraicônico: são os elementos externos e de natureza diversa que possibilitam compreender a história, principalmente por aqueles do repertório de cada leitor. Neste estão compreendidos:

- *O contexto situacional*, que congrega o conjunto de elementos comuns ao emissor e ao receptor no ato da comunicação;
- *O contexto global*, mais amplo, em que são colocadas todas as implicações culturais e espaço-temporais (impossíveis de delimitar, dada a imensa diversidade entre as pessoas) (CAGNIN, 2014, p.62).

Ressaltamos que esse contexto é fundamental para que o leitor tenha conhecimento das personagens que compõem o texto (em nosso caso específico, as tiras). O leitor entende os traços físicos e psicológicos (qualidades e defeitos) de cada personagem, entendendo suas ações na história, percebendo dados sobre seu comportamento, sua cultura. Vamos ilustrar esses aspectos com uma tira da Turma do Xaxado, de Antônio Cedraz²¹.

Figura 41 - Outono e inverno no sertão



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **A Turma do Xaxado – volume 4**. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2005, p.6

O conhecimento que o leitor constrói dos personagens está associado ao fato de analisar ao mesmo tempo a imagem e a fala, diretamente correlacionadas aos elementos

²⁰ Cagnin ressalta que estes contextos foram “hauridos da obra de Anne-Marie Thibault-Laulan”, professora emérita de Sociologia que leciona na Universidade de Bordeaux III.

²¹ Os personagens que compõem a Turma do Xaxado estão individualmente caracterizados nas páginas 84-85 deste texto, na parte das atividades propostas na intervenção.

sociais e culturais abordados. Como traços físicos do personagem Xaxado, destacamos o uso do chapéu típico no sertão nordestino brasileiro e as sandálias de couro. Acrescentam-se a essas informações as características espaciais, como o solo árido e também a vegetação própria desse cenário. No último quadrinho, a imagem do sol forte simboliza a veracidade da afirmação do personagem Xaxado de que no lugar onde vivem (*aqui*) é sempre quente, enfatizando a constância da estação “verão”. Quanto à caracterização psicológica, confirmamos a sensibilidade do personagem Xaxado com as questões ambientais e percebemos no amiguinho dele, Zé Pequeno, um evidente desinteresse por buscar conhecimentos inerentes à própria vida. O fato de perguntar a sequência das estações, por exemplo, demonstra que ele não faz sequer a ligação do verão com o calor da estação, que é intenso no local em que vive.

Pode ocorrer que o leitor não tenha conhecimento de que o Xaxado seja um personagem nordestino. No entanto, ele pode adquirir esse conhecimento no momento da leitura, pois “O relacionamento da imagem com o contexto extraicônico se faz com os elementos do repertório ou com o que surgir no ato de leitura da imagem” (CAGNIN, 2014, p. 65). Ou seja, os elementos do contexto passam a ser analisados pelo leitor a partir do contato por meio do texto, levando-o à atribuição de sentidos. Momento em que os elementos do contexto se confrontam com o conjunto de expectativas do leitor, envolvendo suas crenças, seus posicionamentos, seus valores que o levam a uma avaliação dos aspectos desse processo de leitura. Logo, é imprescindível reconhecer que nas tiras a imagem e o texto realmente estabelecem uma relação de complementaridade: “Ler e compreender tirinhas, portanto, requer ler texto, desenhos, tipos de balões, tipos de letras, pausas, etc.; pois são categorias constitutivas desse gênero textual” (JÚNIOR, 2014, p. 230). É observando todos esses elementos que podemos demonstrar nossa capacidade de perceber os fatos, o meio social e cultural que contribuem para darmos sentido ao que lemos.

Como se percebe, as tiras realmente são um gênero muito rico para atividades de leitura que enfocam as questões sociais e culturais. Por isso, nosso trabalho pretende apresentar sugestões de atividades de ensino, no formato de oficinas, que colaborem com o desenvolvimento da habilidade de leitura. Antes, porém, analisamos como as tiras se fazem presentes nos livros didáticos de língua portuguesa.

2.6 A crescente presença das tiras nos livros didáticos de língua portuguesa

Outro aspecto a ser evidenciado é a crescente presença das tiras nos livros didáticos, fato que já foi mencionado em momentos anteriores. Esse fato fortalece a condição de reconhecimento do gênero tira e nos instiga a pensar em sua colaboração no ensino da língua. Segundo Nicolau (2007),

Sendo a tirinha um texto midiático com formato próprio que representa práticas socioculturais dentro de outra prática sociocultural institucionalizada como a imprensa, envolvendo produtores e receptores de mensagens, trata-se de um gênero textual. Não foi por acaso, com o advento da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) na Educação, que praticamente todos os livros didáticos de Comunicação e Expressão, Literatura e afins publicados a partir dos anos 90 ampliaram o uso de tirinhas nacionais e estrangeiras como gênero discursivo ao lado de anúncios, crônicas, contos, notícias, poemas etc., a fim de proporcionar estudos sobre linguagem, comunicação e produção textual. Embora já fosse usada pelos livros didáticos dos anos 80, adquiriu importância maior como gênero textual a partir da LDB (NICOLAU, 2007, p.23).

Portanto, incluímos nesta pesquisa a análise de livros didáticos de língua portuguesa escritos e publicados em período anterior à promulgação da LDB, em 1996, comparando-os com os livros escritos após sua promulgação, para se perceber não só o uso das tiras, mas também para se observar a abordagem delas. Verificamos inicialmente quantas tiras o livro didático apresentou e se foram usadas apenas para estudo de aspectos gramaticais. Depois observamos se a tira era nacional ou de origem estrangeira e se as atividades propostas enfocavam questões sociais e culturais. Analisamos também se foram usadas para motivar a produção de texto²².

Antes de apresentarmos o quadro com o resultado dessa análise, vamos esclarecer alguns pontos. Com relação à seleção dos livros didáticos analisados, adotamos o critério cronológico e escolhemos um total de dez exemplares, sendo cinco produzidos e publicados antes da promulgação da LDB, em 1996, e cinco produzidos e publicados depois da promulgação da LDB. Todos os livros selecionados e analisados são do acervo do professor/mestrando/pesquisador. O objetivo foi confirmar se o gênero discursivo tira realmente teve seu uso ampliado nos livros didáticos após a promulgação da LDB, conforme afirmou Nicolau (2007). Todos os exemplares são do 8º ano do

²² A análise que fizemos sobre essa abordagem das tiras nos livros didáticos de língua portuguesa tornou-se objeto de um artigo o qual está em manuscrito a ser publicado.

ensino fundamental II por se tratar do ano escolar referente à nossa proposta de intervenção .

Também reconhecemos cada tira como nacional ou estrangeira, o que envolve alguns questionamentos²³. Inicialmente pensamos que fosse natural o leitor escolher aquela que melhor reflete sobre sua cultura. Algumas reflexões expostas por Silva (2005) auxiliam na conceituação de uma tira nacional. Entre elas podemos discutir: que seja realizada por um brasileiro; seja publicada no Brasil; que seja culturalmente caracterizada como brasileira; que dialoga com o leitor brasileiro e para ele foi dirigida²⁴.

Diante de tantas dúvidas, o que caracteriza a nacionalidade da tira é “a intenção básica de falar ao leitor de uma cultura específica e dele obter respostas, dessa forma influenciando na opinião pública e contribuindo para a formação cultural, política e social desse povo” (SILVA, 2005, p. 19). Assim afirmamos que o criador de uma tira nacional é aquele que pesquisa e conhece a realidade de seu povo para atingir o objetivo de receber do público leitor o reconhecimento de sua criação. Portanto dizer que uma tira é brasileira é dizer que

é aquela que só o brasileiro pode fazer porque apenas a ele interessa fazê-la. Apenas a um brasileiro interessa influir na realidade nacional, apenas a ele importa contribuir com esta sociedade e apenas ele tem o domínio dos mais refinados protocolos e comunicação cultural locais (SILVA, 2005, p.19-20).

Podemos afirmar que Silva (2005) defende a ideia de que a tira apresenta o objetivo de influenciar na cultura de uma sociedade, às vezes, delimitando-a. Ao produzi-la com o intuito de se fazer pensar sobre a realidade local, o autor a torna um objeto capaz de gerar discussões acerca do que foi por ela enfocado. Assim, a princípio, pensamos que seja natural o leitor escolher aquela que melhor reflete sobre sua cultura.

²³ Nosso objetivo é considerar como nacional aquela tira que se apresentar como tal em sua origem. Em nossa proposta de trabalho, o enfoque será apenas em tiras brasileiras, para valorizar o contato que o leitor terá com os elementos específicos da cultura brasileira. Para falar da caracterização dos quadinhos como “brasileiros” (no caso, nacionais), Guimarães (2005, p. 66) afirma: “Como a construção da mente e personalidade de um brasileiro no Brasil é feita predominantemente através da interação com a Cultura Brasileira, quando esta pessoa faz uso desta base cultural para produzir uma obra, esta obra expressará Cultura Brasileira.”

²⁴ A partir dessas discussões, Silva (2005) apresenta os pontos que são por ele considerados insatisfatórios para conceituar uma tira como nacional. São os seguintes: um brasileiro pode fazer uma tira que não seja brasileira; no Brasil se podem publicar tiras estrangeiras; autores brasileiros podem traduzir publicações originalmente estrangeiras; obras produzidas pesquisando o imaginário brasileiro foram publicadas por estrangeiros; não é a nacionalidade do autor que determina a origem cultural da tira.

Após recolhidas as tiras presentes nos livros didáticos de língua portuguesa (apenas os publicados antes da promulgação da LDB 9394/96) organizamos os dados obtidos em forma de quadro, conforme explicitado abaixo.

Quadro 2 – Análise dos livros didáticos escritos e publicados antes da promulgação da LDB, em 1996

Livro analisado/autor	Quantidade de tiras	Estudos Gramaticais	Tiras nacionais	Tiras Estrangeiras	Aspectos socioculturais	Produção de Texto
Texto e Contexto (TESOTO, 1986)	00	00	00	00	00	00
Português Hoje: a Comunicação Viva (CARVALHO et al.1990)	00	00	00	00	00	00
Descoberta e Construção (BISOGNIN, 1991)	07	00	06	01	00	00
Palavras e Ideias (NICOLA; INFANTE, 1995)	32	32	04	28	00	00
Palavra e Criação (AZEVEDO, 1996)	09	09	02	07	00	00
TOTAL	48	41	12	36	00	00

Fonte: Autoria própria

Constatamos que os cinco livros juntos apresentaram apenas 48 tiras e nenhuma delas foi utilizada em uma proposta de produção de texto; não houve referência em nenhuma delas às questões sociais e culturais. O aproveitamento desse gênero foi bastante limitado. Portanto os alunos que utilizaram esses livros, no espaço escolar, não tiveram a oportunidade de refletir sobre os assuntos sociais e culturais explorados pelas tiras.

Apresentamos outro quadro, contendo o resultado da pesquisa em outros cinco livros didáticos de língua portuguesa editados após a promulgação da LDB em 1996. Foram observados os mesmos itens dos cinco exemplares anteriormente pesquisados.

Quadro 3 – Análise dos livros didáticos escritos e publicados depois da promulgação da LDB, em 1996

Livro analisado/autor	Quantidade de tiras	Estudos Gramaticais	Tiras Nacionais	Tiras Estrangeiras	Aspectos socioculturais	Produção de Texto
Linguagem, Criação e Interação (SOUZA; CAVÉQUIA, 1999)	15	12	09	06	01	02
Linguagem Nova (FARACO; MOURA, 2001)	05	02	01	04	00	00
Português para todos (TERRA; CAVALLETE, 2007)	05	02	02	03	00	03
Projeto Teláris (BORGATO et al., 2012)	37	35	06	31	00	02
Português Linguagens (CEREJA; MAGALHÃES, 2015)	38	28	26	12	02	02
TOTAL	100	79	44	56	03	09

Fonte: Autoria própria

Antes de analisarmos o quadro, ressaltamos a afirmação de Vergueiro (2016) sobre a inserção dos quadrinhos nos livros didáticos:

A inclusão efetiva das histórias em quadrinhos em materiais didáticos começou de forma tímida. Inicialmente, elas eram utilizadas para ilustrar aspectos específicos das matérias que antes eram explicados por um texto escrito. Nesse momento, as HQs apareciam nos livros didáticos em quantidade bastante restrita, pois ainda temia-se que sua inclusão pudesse ser objeto de resistência ao uso do material por parte das escolas. No entanto, constando os resultados favoráveis de sua utilização, alguns autores de livros didáticos [...] começaram a incluir os quadrinhos com mais frequência em suas obras, ampliando sua penetração no ambiente escolar (VERGUEIRO, 2016, p.20).

Observando a quantidade de tiras que passaram a figurar nos livros didáticos, verificamos uma convergência com as palavras de Vergueiro (2016). Todos os livros apresentaram uma quantidade consideravelmente maior de tiras em relação à análise do período anterior (conforme quadro 2, página 61).

Observamos que houve ascensão da quantidade das tiras brasileiras e, embora muito timidamente, os aspectos sociais e culturais começaram a ser enfocados. Logo, o aluno não mais tem contato com as tiras única e exclusivamente para analisar questões gramaticais ou para momentos de descontração com uma leitura sem finalidade didática.

Outras atividades começam a despertá-lo para uma leitura que se aproximasse mais de compreensão e produção de sentido.

Destacamos que todos os livros analisados no quadro 3 inserem-se no contexto de pós-publicação dos PCN(BRASIL, 1998); também foram livros aprovados pelo programa do governo federal, o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), criado em 1985²⁵ e “que consiste na distribuição gratuita de livros didáticos para os alunos das escolas públicas de ensino fundamental de todo o país” (MENEZES; SANTOS, 2001).

Algumas situações não poderiam deixar de ser comentadas para que percebamos como o gênero tiras foi gradualmente sendo inserido nos livros didáticos de língua portuguesa. Inicialmente, vamos analisar como as tiras foram exploradas nos livros cuja publicação foi anterior ao ano de 1996 (exemplares mencionados no quadro 2, página 61); depois mostraremos outros exemplos de atividades retiradas dos livros publicados após 1996 (exemplares mencionados no quadro 3, página 62).

Em princípio, observamos que os livros editados em 1986 (Texto e Contexto) e em 1990 (Português Hoje: a Comunicação Viva) não apresentaram nenhuma tira, apesar de seus títulos sugerirem um trabalho que se voltasse para a realidade do aluno, tomando a língua como algo dinâmico, realmente em uso. Era de se esperar que a diversidade de textos utilizados nas obras didáticas também contemplasse o uso das tiras, entretanto, não foi o ocorrido.

Uma única atividade com quadrinhos foi encontrada no livro Português Hoje: a Comunicação Viva. Foi empregada uma charge de Veríssimo (a qual apresentamos a seguir) para uma atividade de produção de texto. As questões propostas foram também copiadas para que se perceba o objetivo da atividade, a qual apresenta uma situação diferente para as aulas do início da década de 90, quando ainda predominava uma preocupação mais evidente com os aspectos gramaticais. Veja na figura seguinte (42):

²⁵ Enfatizamos conforme Menezes e Santos (2001) que “O PNLD foi aperfeiçoado em 1995, adquirindo um componente novo: a análise e a avaliação prévia do conteúdo pedagógico com a criação do Guia de Livros Didáticos – sinopse de cada publicação, classificada de acordo com a qualidade do conteúdo –, no qual o professor pode avaliar o livro mais adequado às características de sua região, de seus alunos e ao processo pedagógico de sua escola”.

Figura 42 - Xugestão

A “xugestão”

Fonte: CARVALHO, A.; FRANCO, A.; LOPES, T. A.; SOARES, S.; **Português hoje: a comunicação viva**, 7ª série. 2 ed. Belo Horizonte: Lê, 1990, p.103

A – Trabalho Individual

1. Observe e analise atentamente a charge acima.
2. O que você achou da “xugestão”?
3. Que “xugestão” ou sugestão você teria a dar a algum de seus professores? Por quê?

B – Trabalho em Grupo

1. Leiam as “xugestões” ou sugestões propostas, escolham uma ou mais e, junto com toda a turma, montem um mural de exposição.

Para os alunos da época, com certeza, foi prazerosa a realização da atividade, considerando que a artista Xuxa era sucesso, portanto, bem conhecida de todos. Destacamos a possibilidade de os alunos poderem discutir juntos a respeito das sugestões que pensaram individualmente para uma situação em que são considerados sujeitos.

O livro *Descoberta e Construção*, editado em 1991, apresentou sete tiras no total, mas nenhuma delas foi explorada em nenhum aspecto, apenas foram colocadas no final do capítulo na seção intitulada PARA VARIAR, conforme exemplifica a figura seguinte (43):

Figura 43 – Para variar (TIBICA)

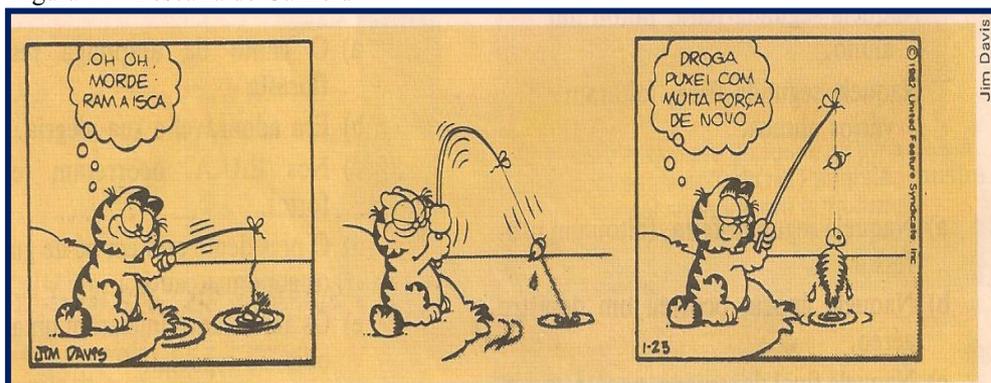


Fonte: BISOGNIN, T. R. **Descoberta e Construção**, 7ª série. São Paulo: FTD, 1991, p. 127

Esse é um exemplo que confirma o que disse Mendonça (2010, p. 218-219) sobre a localização dos quadrinhos nos livros didáticos de Língua Portuguesa: “As seções destinadas às HQs permanecem sendo as menos ‘importantes’, do tipo ‘Divirta-se’, ‘Só para ler’ ou ‘Texto suplementar’, sendo raríssimos os casos de uma HQ figurar como texto central de unidade didática em um LDP”. No caso específico do livro *Descoberta e Construção*, a seção “Só para Variar” parece fazer-nos pensar que a tira é um recurso para fugir de um momento cansativo e pouco produtivo, difícil de ser realizado.

Em *Palavras e Ideias* (1995), já percebemos um avanço na quantidade de tiras empregadas, com predominância das estrangeiras, apesar de todas elas serem usadas para a exposição de questões gramaticais. Por exemplo, a tira seguinte, figura 44:

Figura 44 - Pescaria de Garfield



Fonte: NICOLA, J.; INFANTE, U. **Palavras e ideias**, 7ª série. 2 ed. São Paulo: Scipione, 1995, p.40

Ela foi empregada exclusivamente para falar a respeito do sujeito indeterminado, explorando a frase do primeiro balão: “Morderam a isca.” Ainda foi dito que a frase despertava “algumas reflexões”. Além da questão gramatical, poderia ser explorada a imagem do peixe no último balão e levantar algum questionamento, como: apenas a força com que Garfield puxou a vara seria suficiente para que saíssem apenas os

ossinhos do peixe? Não haveria aqui a possibilidade de o rio estar poluído? Neste caso, seria oportuno levantar discussões sobre a questão ambiental, priorizando construções de sentido que, de fato, aconteceria uma aproximação do texto com o mundo do leitor.

O livro *Palavra e Criação* (1996) apresenta poucas tiras, sendo a maioria estrangeiras, todas utilizadas para exemplificar questões gramaticais.

Concluimos que os livros publicados antes da promulgação da LDB 9394/96 não apresentaram uma abordagem que explorasse questões sociais e culturais. O enfoque do trabalho com as tiras se restringiu, nesses livros, à exploração de questões gramaticais.

Vamos comentar agora algumas abordagens feitas nos livros publicados após 1996 (conforme quadro 3, página 62) com o propósito de percebermos que as tiras podem contribuir para reflexões relacionadas ao cotidiano do aluno no seu espaço social.

Linguagem, Criação e Interação (1999) já apresenta na capa os dizeres “de acordo com os PCNs”. Essa informação é importante uma vez que apresenta determinadas inovações. Para exemplificar, apresentamos uma tira que foi utilizada para atividade de produção de texto, inclusive com orientações para que seja uma atividade com prática da oralidade.

Antes de apresentar a tira, foi feita a contextualização com os seguintes dizeres: “Calvin e seu amigo Haroldo estavam acampando. De repente, surge uma curiosa questão. Veja o que acontece.”

Figura 45 - Calvin e os fantasmas



Fonte: SOUZA, C.G; CAVÉQUIA, M. P. **Linguagem: criação e interação**, 7ª série. 1 ed. São Paulo: Saraiva, 1999, p.47

Converse com seus colegas sobre as questões.

- Você acredita em fantasmas ou “seres do outro mundo”?
- Alguma vez você sentiu medo do desconhecido?
- Você conhece algum caso real que possa ser considerado sobrenatural?

Constatamos que as questões permitem aos alunos uma reflexão para além das evidências da tira. Oportunizam discussões na classe de forma a que todos manifestem suas crenças em seres sobrenaturais, o que está muito ligado a fatores de convicções, de subjetividade. Vemos, portanto, que este tipo de atividade favorece a manifestação oral em sala de aula.

Neste mesmo livro, outra tira foi muito bem aproveitada para levar o aluno a pensar sobre a variação linguística, ao mesmo tempo em que as perguntas o faziam ler a tira sem apresentar ênfase em questões gramaticais.

Para começar, escreveu-se assim:

“Leia e divirta-se com a seguinte tirinha.”

Figura 46 - Filme incrível



Fonte: SOUZA, C.G; CAVÉQUIA, M. P. **Linguagem:** criação e interação, 7ª série. 1 ed. São Paulo: Saraiva, 1999, p.92

As questões apresentadas foram:

- Identifique as gírias presentes na tirinha.
- Ao ler o primeiro e o segundo quadrinhos, sobre o que você imaginou que os personagens falavam?
- O que faz com que a tirinha seja bem-humorada?

A questão **b** faz, inclusive, com que o aluno realize inferências em seu processo de leitura.

Há ainda, neste livro, outro exemplo (figura 47) em que o enunciado já pede ao aluno que faça a atividade proposta mudando o gênero do texto, mas também solicita aos alunos uma discussão sobre a crítica que a tira faz.

O enunciado é: “Leia a tirinha abaixo e, em seguida, reescreva as falas dos personagens *Turuna* e *Veizim* em discurso direto, utilizando verbos de elocução. Aproveite para discutir com seus colegas a crítica nela presente.”

Figura 47 - Política do meio ambiente



Fonte: SOUZA, C.G; CAVÉQUIA, M. P. **Linguagem:** criação e interação, 7ª série. 1 ed. São Paulo: Saraiva, 1999, p.159

Observe que a forma verbal “Aproveite” nos sugere que a questão não foi pensada primordialmente para provocar a discussão, no entanto, valeu-se da tira para expandir a atividade além da questão gramatical.

Nesta atividade, confirmamos que o aspecto social é enfocado, pois mostra a problemática da difícil relação do homem com a natureza, envolvendo questão política e sociedade.

Dando sequência na análise dos demais livros, verificamos que em *Linguagem Nova* (2001) foram apresentadas pouquíssimas tiras, apenas 05, sendo que duas delas foram utilizadas para falar de gramática e outras simplesmente foram colocadas em espaços do livro que não exigiam nenhuma atividade.

Por outro lado, *Português para todos* (2007) é um exemplar que apresentou poucas tiras (05), sendo estas bem aproveitadas. Expusemos um exemplo que faz com que os alunos produzam um texto oral sobre um tema, no caso sobre o que pensam de coisas antigas, e, além disso, pesquisem sobre uma época diferente da que eles vivem.

A figura seguinte (48) mostra a tira.

Figura 48 - Disco de vinil



Fonte: TERRA, E.; CAVALLETE, F. **Português para todos**, 7ª série. 2 ed. São Paulo: Scipione, 2007, p.32

As questões apresentadas para atividade foram as seguintes:

- 1) O **disco de vinil** era usado antes de surgir o CD. Você o conhece? Tem algum em sua casa? Se não tiver, faça uma enquete entre os colegas de classe para saber quem tem e o que sabe sobre ele.
- 2) Há algum objeto que você considera antigo em sua casa?
- 3) Pense nas coisas que existem e das quais você ouviu falar: o que é **antigo** para você?

Verificamos que as perguntas instigam os alunos a usarem seu conhecimento de mundo para que possam (re)organizar seus julgamentos a respeito do que sejam coisas antigas para eles. Posteriormente, supomos, que eles terão um momento para socializar suas experiências com toda a turma. Sem dúvida esta é uma atividade que exige do aluno uma visão de mundo que dialogue com costumes e características de uma época bem diversa da sua.

Projeto Teláris (2012) e Português: Linguagens (2015) são dois livros que apresentam grande quantidade de tiras. No entanto, em ambos a prioridade é dada para a exploração dos estudos gramaticais, ou seja, o texto foi usado como pretexto para uma abordagem gramatical ou outra que não a análise de seu conteúdo e das questões discursivas ou de mundo que possam apresentar. Há pouquíssimas atividades que fogem a essa situação. Vamos mostrar um exemplo de cada livro.

Em Projeto Teláris (2012), há uma sugestão de produção de texto a partir do tema da tira, mas não se refere a uma questão social ou cultural; trata-se de uma questão individual, subjetiva.

O enunciado é o seguinte: “Leia a tira a seguir e observe que o cãozinho Snoopy em sua fala usa comparações para descrever a ‘garota dos seus sonhos’”.

Figura 49 - A garota dos sonhos

3. Leia a tira a seguir e observe que o cãozinho Snoopy em sua fala usa comparações para descrever a “garota dos seus sonhos”.

Capítulo 2 • Romance
CHARLES SCHULZ/UNITED FEATURE SYNDICATE/INTERCONTINENTAL PRESS
6/23/04
SCHULZ

SCHULZ, Charles M. Minduim. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 23 dez. 2004.

E você, já tentou imaginar a pessoa dos seus sonhos? Faça uma pequena descrição de como essa pessoa seria. Você poderá ler o seu texto para os colegas e ouvir o deles.

Fonte: BORGATTO, A. T.; BERTIN, T.; MARCHEZI, V. **Projeto Teláris**: Português, 8º ano. 1 ed. São Paulo: Ática, 2012, p.64

Depois da leitura da tira, vem a seguinte proposta de produção de texto:

“E você, já tentou imaginar a pessoa dos seus sonhos? Faça uma pequena descrição de como essa pessoa seria. Você poderá ler o seu texto para os colegas e ouvir o deles.”

Nesse caso a tira foi usada apenas como uma oportunidade para solicitar aos alunos uma descrição, ou seja, a redação de um texto sem ao menos ter abordado questões de interpretação suscitadas pela tira e que permitiriam outras atividades focadas no próprio texto.

Em Português: Linguagens (2015) há uma tira de “A turma do Xaxado” com duas perguntas que enfocam duas situações socioculturais: o fenômeno da seca e a variação linguística. A atividade pede que se faça a leitura da tira:

Figura 50 - Chuva na cidade e na roça



(Cedraz. "A turma do Xaxado". *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003. p. 64.)

Fonte: CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português**: Linguagens, 8º ano. 9 ed.. Reform. São Paulo: Saraiva, 2015, p. 47

Depois são expostas as perguntas:

- a) A tira mostra atitudes diferentes diante do mesmo fenômeno. A que se deve essa diferença de atitudes?
- b) Há, na tira, uma palavra que está grafada de uma forma em um quadrinho e de outra forma no outro quadrinho. Qual é essa palavra? O que explica a diferença de grafia?

Analisando a questão **a**, notamos que o leitor pode observar explicitamente pelas imagens que o fenômeno é a chuva, o qual provoca atitudes diferentes devido ao local em que os personagens se encontram. Acreditamos que haverá bastante facilidade para o leitor entender, uma vez que as legendas indicam os espaços diferentes, os quais possuem climas também diferentes. A partir dessa constatação ele poderá atribuir os sentidos inferidos pelo verde do primeiro quadrinho em contraste com o chão árido do sertão nordestino no segundo quadrinho, bem como entender o entrelaçamento de ideias provocado pela relação chuva/água.

Para responder à questão **b**, acreditamos que o leitor precisará demonstrar um conhecimento mais aprofundado sobre os aspectos sonoros da língua. Questionamos se será suficiente dizer que a forma *qui* (2º quadrinho) representa um traço de pronúncia característico de uma variedade regional, considerando que as pessoas da cidade também poderão pronunciá-la da mesma forma. Esse exemplo chama a atenção para que se prepare para as discussões que poderão surgir durante a aplicação de atividades como essa. Dessa maneira, esta tira propicia uma discussão de conteúdo e também sociolinguística, uma vez que é possível explorarmos a fala dos personagens de acordo com sua região, sendo possíveis desdobramentos que remetam à exploração da noção de linguagem culta e linguagem coloquial, entre outras questões possíveis.

Concluímos, após a análise acerca da frequência e do aproveitamento das tiras nos livros didáticos de língua portuguesa, que realmente a quantidade de tiras nesses livros é mais expressiva após a promulgação da LDB 9394/96, ainda que o objetivo maior seja usá-las para estudo de questões gramaticais. Confirmamos que há uma grande lacuna nas atividades de ensino com tiras envolvendo as questões sociais e culturais, por isso propusemos buscar atividades que contemplem a leitura das tiras de uma forma que leve os alunos a refletirem sobre os acontecimentos na sociedade em que interagem.

Também não podemos deixar de considerar o fato de que as tirinhas não são instrumento de trabalho apenas para as aulas de Língua Portuguesa. É notável a sua presença em livros didáticos de Ciências, História, Geografia, entre outros. Logo, merece uma abordagem com ideia de “desdobramento”, ou seja, a análise das tirinhas nesse contexto proporciona facilidade de leitura desse gênero em outros componentes curriculares. Mendonça (2010) defende que

A utilização das HQs, por outro lado, não precisa restringir-se às aulas de língua portuguesa. Aplicações relevantes desse gênero podem ser feitas também no ensino de outras disciplinas, ou mesmo no trabalho com textos de não ficção, relativos a outras áreas de conhecimento (MENDONÇA, 2010, p.221)

É interessante perceber que o aluno tem contato com as tiras em outros ambientes e disciplinas, não só nas aulas de língua portuguesa. Ou seja, o trabalho com tiras poderá trazer contribuições expressivas para o aluno dentro e fora da escola.

3 METODOLOGIA

Este capítulo se divide em apenas duas seções. Na primeira apresentamos os pressupostos metodológicos e na segunda abordamos a descrição da nossa proposta de intervenção.

3.1 Pressupostos metodológicos

Atualmente há certa concordância nas ciências humanas e sociais de que a pesquisa qualitativa ocupa lugar de destaque. Conforme Tozoni-Reis (2006, p.27) “Por pesquisa qualitativa entendemos uma modalidade de pesquisa em que a compreensão dos conteúdos é mais importante do que sua descrição ou sua explicação”. Observamos então que é muito interessante desvendar os significados do objeto observado. Para isso o envolvimento do pesquisador com o campo (lugar no qual o pesquisador coleta os dados que, interpretados, discutidos e analisados, constroem os significados buscados) cria condições concretas para que o processo de pesquisa possa captar os significados dos fenômenos estudados.

Para o desenvolvimento deste trabalho escolhemos os procedimentos da pesquisa-ação²⁶, (cf. THIOLENT, 1986), cuja metodologia articula a produção de conhecimentos com a ação educativa. É uma metodologia em que não há orientação predeterminada da ação, a qual é considerada emancipatória. Os participantes da pesquisa, os alunos, são considerados pesquisadores e produzem conhecimento para o enfrentamento da própria realidade. Assim, a metodologia a ser empregada é intitulada como pesquisa-ação, sendo esta

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLENT, 1986, p.14).

Nessa visão, percebemos que há a necessidade da interação, da participação das pessoas envolvidas, uma relação de cooperação entre os pesquisadores e pessoas da

²⁶ Segundo Tozoni-Reis (2006, p. 27) , “do ponto de vista prático, a fonte dos dados indica também a modalidade de pesquisa. Dentre as muitas modalidades de pesquisa existentes nos estudos em Educação, temos a pesquisa bibliográfica, a pesquisa de campo, a pesquisa documental e a pesquisa-ação”.

situação investigada buscando uma ação diferente da comum. Ocorre uma intervenção para que os problemas encontrados sejam solucionados e minimizados. Trata-se de uma situação em que os pesquisadores têm algo a “fazer”, pois os objetivos de pesquisa são práticos, requerem participação, ação.

Reconhecemos na pesquisa-ação a figura de um professor pesquisador, também produtor de conhecimentos que visa melhorar sua prática. Para Bortoni-Ricardo (2008, p.46) “O que distingue um professor pesquisador dos demais professores é seu compromisso de refletir sobre sua própria prática, buscando reforçar e desenvolver aspectos positivos e superar as próprias deficiências”. Dessa maneira, pensamos em um professor que analisa seu próprio desempenho, busca meios para se ajudar e transformar sua atuação docente, buscando sempre o aprimoramento de sua própria prática.

Como o espaço de nossa pesquisa é a sala de aula, reafirmando que o professor tem a oportunidade de ele mesmo pesquisar sobre sua área, concordamos que

A pesquisa-ação na sala de aula é uma modalidade de investigação que contribui para: a) gerar conhecimentos (teorias) na (e sobre a) sala de aula; b) provocar mudanças na situação e ensino/aprendizagem de línguas; c) promover o autodesenvolvimento contínuo do professor (SOUZA; HODGSON; PINHEIRO, 2007, p. 50).

Os conhecimentos gerados sobre o espaço de atuação do professor contribuem para ampliar a compreensão do processo de ensino-aprendizagem, refletindo em mudanças das práticas de sala de aula, as quais intensificam o êxito do profissional docente. Portanto, sem negar a contribuição de outros princípios de conhecimento, a metodologia da pesquisa-ação leva favoravelmente o professor à reflexão.

Para realização desta pesquisa, iniciamos com um estudo sobre a literatura relacionada ao ensino de Língua Portuguesa, de forma mais específica sobre o gênero discursivo tiras e sua utilização atualmente na sala de aula. As tiras foram pesquisadas em revistas, livros, sites e blogs na internet, bem como em outras fontes possíveis. O estudo e as pesquisas sobre as tiras ocorreram durante todo o tempo da preparação e da realização das atividades práticas em sala de aula.

3.2 Procedimentos metodológicos

A pesquisa foi desenvolvida pelo professor/mestrando, no primeiro semestre de 2017, em uma escola da rede pública estadual de Minas Gerais, na cidade de Guimarães-MG, com 29 alunos de uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental II. O professor/mestrando era regente de aulas nesta turma, por isso a escolha desta instituição coparticipante, bem como da turma de participantes, atendeu a uma orientação do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras. A escolha dos alunos do 8º ano do ensino fundamental se justifica pelo fato de que eles já tiveram bastante contato com o gênero discursivo tiras, apresentando conhecimento prévio sobre suas especificidades. Para esta proposta considerou-se que já apresentam maturidade devido à idade e competência para lerem as tiras, percebendo nelas as questões sociais e culturais, refletindo sobre a relação que apresentam com a realidade em que vivem.

Como se trata de uma pesquisa que envolve seres humanos, o projeto foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Uberlândia. Foi aprovado em 18 de novembro de 2016, conforme parecer consubstanciado nº 1.833.519. As atividades foram iniciadas após a apresentação da proposta à direção e à equipe pedagógica da escola onde a pesquisa foi desenvolvida.

A proposta foi apresentada aos pais e alunos participantes da pesquisa durante uma reunião organizada especificamente para este fim, em um horário diferente do turno das aulas. Depois que concordaram com a participação, os pais e/ou responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A) e os alunos participantes assinaram o Termo de Assentimento para o Menor (Anexo B).

Antes de elaborar esta proposta, a partir de uma pesquisa bibliográfica, foram encontradas algumas pesquisas direcionadas para o gênero tiras. No entanto, elas apresentaram enfoques diferentes do que propusemos. As pesquisas encontradas foram: Nepomuceno (2005) na dissertação “Sob a ótica dos quadrinhos: uma proposta textual-discursiva para o gênero tira” pretendeu compreender o funcionamento textual-discursivo dos textos veiculados em jornais, conhecidos como tiras, caracterizando-os como gênero; Medeiros (2007) analisou a obra “Toda Mafalda”, de Joaquim Salvador Lavado, para caracterizar alguns elementos da textualidade apresentados na construção de textos dialogais representados pelas tiras; Carvalho (2008) realizou o estudo do gênero discursivo tira, presente em livros didáticos e avaliações da rede pública estadual

como o SARESP e o ENEM, investigando se as atividades permitiam ao aluno a capacidade de perceber o humor obtido nas tiras; Segate (2011) analisou o trabalho de leitura de tiras proposto por diferentes coleções de Livros Didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Médio adotadas em instituições públicas estaduais da cidade de Uberlândia; Melo (2015), em sua dissertação “O gênero discursivo tira no ensino de língua portuguesa: uma proposta de trabalho”, investigou aulas disponibilizadas no Portal do Professor, site do Ministério da Educação, acerca do gênero discursivo tira e averiguou a presença e abordagem das tiras no Livro Didático de Língua Portuguesa adotado na instituição coparticipante a fim de identificar lacunas em seu ensino.

Após a análise desses trabalhos, procedemos a uma pesquisa em livros didáticos de língua portuguesa do 8º ano do ensino fundamental a fim de observarmos como as tiras são abordadas, em especial se elas propõem atividades em que os leitores vão refletir sobre as questões sociais e culturais que fazem parte da realidade em que estão inseridos. Só então propusemos a realização de uma pesquisa que pudesse se voltar mais especificamente para as atividades de leitura e compreensão das tiras, focando as questões sociais e culturais abordadas neste gênero, utilizando-as para a elaboração e aplicação de uma proposta de ensino. Frente a nossa proposta, destacamos Barbosa (2000) ao mencionar as razões que sustentam a adoção dos gêneros do discurso como objeto de ensino: “os gêneros do discurso permitem capturar, para além de aspectos estruturais presentes em um texto, também aspectos sócio-históricos e culturais, cuja consciência é fundamental para favorecer os processos de compreensão e produção de textos” (BARBOSA, 2000, p.158).

Optamos pelas atividades de intervenção em forma de oficinas por considerar que elas permitem que o trabalho seja realizado de forma coletiva, que haja bastante dinamismo e também ocorre a abertura de espaços nos quais os participantes buscam o diálogo. Uma estratégia utilizada para que ocorresse o entrosamento entre os participantes foi a formação de grupos compostos por três integrantes.

O conceito de oficina que adotamos nesta pesquisa é que “se trata de um espaço onde se dão transformações, o diálogo, a criatividade e a reflexão” (DIAS, 2004, p.142). Portanto, consideramos que este espaço é interativo, centrado no aprendiz, uma vez que ele tem a oportunidade de ser espontâneo e se comunicar mais.

As atividades assim propostas pretendem encontrar “uma forma de construir conhecimento, com ênfase na ação, sem perder de vista, porém, a base teórica [...] uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-

pensar-agir, com objetivos pedagógicos” (PAVIANI e FONTANA, 2009, p.78). O estudante realiza as atividades, manifestando-se a partir de suas vivências. Ele demonstra que conhece o mundo, relaciona o conteúdo com a realidade vivida e, ao interferir na realidade a sua volta, provoca repercussões significativas na vida social. Assim, diminui a distância entre o pensar e o agir.

Pensando assim, a nossa proposta consistiu numa sequência das seguintes atividades: inicialmente, fizemos um momento de apresentação da Turma do Xaxado; depois, a aplicação de três oficinas na seguinte ordem com relação aos temas: meio ambiente, saúde, variação linguística; para finalizar, propusemos uma atividade de produção de texto. O tempo previsto para aplicação de cada oficina foi de três módulos-aula, com duração de 50 minutos cada um.

No momento inicial, as atividades tinham por objetivo apresentar aos participantes da pesquisa os personagens da Turma do Xaxado a fim de que pudessem, a partir das tiras apresentadas, refletir sobre os temas que foram propostos nas oficinas seguintes. A escolha dos personagens da Turma do Xaxado se justificou por se tratar de personagens cuja criação é produto da interação com uma base cultural brasileira. As tiras mesmo sendo regionais, ambientadas no sertão nordestino brasileiro, criaram uma relação de identidade com o público, contribuindo para sua formação social e cultural.

A oficina 1 explorou o tema do meio ambiente com o intuito de levar os participantes a refletirem sobre suas relações com o espaço em que vivem, bem como pensar em atitudes para conservá-lo visando ao bem-estar coletivo. A oficina 2, cujo tema foi a saúde, propôs uma reflexão sobre esse direito universal, julgando fatores determinantes para sua condição numa abrangência física, mental e social. Os pressupostos teóricos para as duas oficinas foram os PCN (BRASIL, 1998), mais especificamente os documentos que tratam dos temas transversais, com o objetivo de tornar os participantes da pesquisa mais envolvidos com a problemática que se faz presente em seu cotidiano.

A oficina 3 enfocou o tema da variação linguística, oportunizando aos participantes o entendimento de que a língua portuguesa, como toda e qualquer língua, é heterogênea. Para a compreensão dos usos, mostramos fatores que condicionam a variação sem o estabelecimento de preconceitos e exclusões relacionados às questões linguísticas. O aporte teórico se baseou, principalmente, em Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Faraco (2008), Bagno (2007, 2013), Coelho et al.(2015), PCN (BRASIL, 1998).

Após a aplicação da Oficina 3, procedemos à proposta de criação de uma tira. Nesta atividade os participantes puderam escolher o tema (meio ambiente, saúde, variação linguística) para enfocarem no texto. A orientação foi que relacionassem o tema escolhido à situação atual da realidade da cidade de Guimarães-MG.

A coleta de dados e seus respectivos registros aconteceram inicialmente por meio de um questionário aplicado aos alunos participantes com o objetivo de diagnosticar o conhecimento deles a respeito do gênero tiras. A análise das respostas subsidiou a necessidade de rever a seleção das tiras para início e desenvolvimento das atividades propostas nesta pesquisa. Também foi entregue, no início da aplicação das atividades, a cada aluno participante um caderno em que fizeram o registro dos dados e as anotações sobre suas dúvidas durante a participação nas atividades. O professor, que foi o próprio pesquisador/mestrando, teve um caderno para também fazer as anotações de todas as observações sobre o desempenho dos alunos participantes durante o tempo de realização da pesquisa. Por fim, este material dos participantes e do pesquisador/mestrando embasou o relato da aplicação da proposta, facilitando o trabalho durante a análise dos dados, uma vez que “A releitura das notas de um diário é muito útil porque pode propiciar a inclusão de mais detalhes que voltem à memória”, conforme Bortoni-Ricardo (2008, p.47).

Na análise dos dados, os participantes não foram identificados pelo nome: foram usadas as indicações A1, A2, A3, e assim sucessivamente até A29.

Como produto final foi proposta a criação de um caderno com as atividades elaboradas e aplicadas²⁷ com o intuito de contribuir com a prática pedagógica de outros professores de língua portuguesa da escola coparticipante da pesquisa bem como de outras pessoas que julgarem pertinente o trabalho desenvolvido. Serão disponibilizadas cópias desse caderno na biblioteca da instituição coparticipante e também para outras escolas que se interessarem, por meio dos profissionais da Superintendência Regional de Ensino, à qual está jurisdicionada a instituição em que a pesquisa foi realizada.

²⁷ Este material foi elaborado, impresso e entregue aos membros da banca composta para a defesa desta dissertação; ao final deste texto está como apêndice A.

4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: A APRESENTAÇÃO DA TURMA DO XAXADO, AS OFICINAS COM TIRAS, A ATIVIDADE DE PRODUÇÃO DE TEXTO

O trabalho com os quadrinhos em sala de aula requer uma seleção do material em conformidade com os objetivos que se quer alcançar. Um ponto fundamental dessa seleção é adequar a temática e a linguagem utilizada à idade e ao desenvolvimento intelectual dos alunos. A esse respeito, Vergueiro (2016) faz algumas considerações em relação a esse material, considerando as características relacionadas aos diversos ciclos escolares.

Como nosso trabalho se desenvolveu em uma turma de 8º ano do ensino fundamental II²⁸, selecionamos as considerações relacionadas ao Nível Fundamental (5ª a 8ª séries), segundo Vergueiro (2016):

Nível fundamental (5ª a 8ª séries): os alunos se integram mais à sociedade que os rodeia, sendo capazes de distinguir os níveis local, regional, nacional e internacional, relacioná-los entre si e adquirir a consciência de estar em um mundo muito mais amplo do que as fronteiras entre sua casa e a escola. O processo de socialização se amplia, com a inserção em grupos de interesse e a diferenciação entre os sexos. Têm a capacidade de identificar detalhes das obras de quadrinhos e conseguem fazer correlações entre eles e sua realidade social. As produções próprias incorporam a sensação de profundidade, a superposição de elementos e a linha do horizonte, fruto de sua maior familiaridade com a linguagem dos quadrinhos (VERGUEIRO, 2016, p. 28).

Os alunos do 8º ano do ensino fundamental II já apresentam maior interesse pelos acontecimentos no espaço social em que estão inseridos e também são capazes de estabelecer uma análise desses eventos em relação ao seu cotidiano. Têm consciência de que já são sujeitos críticos e que os quadrinhos podem ser o objeto de trabalho em que o autor retrata fatos da realidade, para levarem o leitor a refletir sobre os desdobramentos que eles provocam no grupo social do qual fazem parte. Também há de se considerar que esses alunos relacionam com facilidade o espaço a que os fatos se referem,

²⁸O Ensino Fundamental, em conformidade com a Lei Federal nº 11.274, de 06 de fevereiro de 2006, passa a ser organizado em 9 anos, sendo que o ensino fundamental I (anos iniciais) corresponde ao período do 1º ao 5º ano; do 6º ao 9º ano é o período correspondente ao ensino fundamental II (anos finais). Vergueiro (2016) ainda emprega os ciclos do Ensino Fundamental segundo propõem os PCN (1998, p.54), considerando o atual 8º ano como 7ª série, uma etapa do 4º ciclo.

reconhecendo a proximidade com o lugar em que vivem (o que podemos chamar de espaço local) até a referência desses fatos com a universalidade da vivência humana. O mais importante nessa atividade de seleção das tiras é o professor se sensibilizar de que o principal objetivo é que sua proposta de trabalho corresponda às necessidades da disciplina a ser ensinada, adequando-se às capacidades intelectuais dos alunos e suas expectativas de aprendizagem.

Ao inserir de forma positiva os quadrinhos em seu processo didático, o professor atinge vantagens como dinamizar suas aulas, ampliar a motivação de seus alunos e alcançar melhores resultados no processo de ensino e aprendizagem.

A nossa proposta de intervenção foi formada por cinco momentos: inicialmente, fizemos um momento de apresentação da Turma do Xaxado; depois, a aplicação de três oficinas na seguinte ordem com relação aos temas: meio ambiente, saúde e variação linguística; para finalizar, propusemos uma atividade de produção de texto.

A organização e elaboração das atividades propostas procuraram seguir os seguintes passos: uma fundamentação teórica a respeito do tema, exemplos e comentários fazendo uso das tiras da Turma do Xaxado e, por fim, perguntas para serem respondidas e discutidas pelos participantes da pesquisa.²⁹

No entanto, antes de iniciar as atividades, os alunos participantes responderam a um questionário com o objetivo de diagnosticar o conhecimento deles a respeito do gênero tiras. A análise das respostas subsidiou a necessidade de alterações na seleção das tiras utilizadas no desenvolvimento das atividades propostas desta pesquisa, indicando também a necessidade de reforçar ou não as especificidades do gênero.

Para responderem ao questionário, os participantes o levaram para casa e tiveram o período de dois dias para responder; puderam fazer pesquisas em livros, revistas ou internet. Depois desse prazo, propôs-se uma aula para a socialização das respostas, momento em que o pesquisador/mestrando registrou as observações relevantes para aplicação das oficinas, uma vez que as respostas dos participantes apresentaram informações importantes para o desenvolvimento da pesquisa.

O questionário foi o seguinte:

²⁹ Esclarecemos que a forma como as atividades e as oficinas se apresentam diz respeito apenas às orientações para o professor. Os participantes receberam material impresso, contendo apenas as atividades que seriam desenvolvidas por eles.

Quadro 4 – Questionário para os participantes

1. O que você sabe dizer sobre o gênero tiras?
2. Onde você mais encontra tiras para ler?
3. Você acha fácil ou difícil ler as tiras? Diga por quê.
4. Quando lê uma tira, você percebe nela situações do dia a dia? Pode dar um exemplo?
5. De qual personagem de tira você mais gosta? Comente a sua escolha.
6. Você considera que as tiras são apenas engraçadas ou, além disso, elas nos fazem pensar sobre situações reais?
7. Ao analisar um personagem de uma tira, ou refletir sobre suas ações, seu modo de ser, você já o relaciona com a sociedade e/ou a cultura dele?
8. Pesquise uma tira, cole-a aqui e escreva uma frase que indique o que você entendeu ao realizar sua leitura dela.

Fonte: Autoria própria

4.1 APRESENTAÇÃO DA TURMA DO XAXADO

Previsão: 03 módulos-aula de 50 minutos cada

Optamos por iniciar as atividades da proposta de intervenção, fundamentando-nos em Melo e Ottoni (2016), no que corresponde às considerações³⁰ acerca de seu trabalho com as tiras:

A abordagem poderia se iniciar com a exploração da esfera social do gênero, do contexto histórico a que cada tira faz referência, e em seguida poderia ser feita uma pesquisa para melhor conhecimento dos personagens, para depois os/as autores/as apresentarem as perguntas (MELO; OTTONI, 2016, p. 210).

Percebemos que as autoras notaram a necessidade de iniciar os trabalhos com o conhecimento do contexto social e histórico das tiras e detalhar a caracterização de cada personagem para que os leitores entendessem e as interpretassem com mais facilidade. Portanto, iniciamos as atividades de nossa proposta com a apresentação do autor, depois

³⁰ Melo e Ottoni (2016) fazem as considerações finais acerca da aplicação de sugestões de atividades disponíveis no Portal do Professor, com abordagem no gênero tiras (o link para acesso ao portal é: <http://portal.mec.gov.br/portal-do-professor>). Uma das lacunas percebidas foi o fato de as sugestões das aulas não apresentarem aos leitores o contexto sócio-histórico das tiras; também não se propôs conhecer as personagens, antes de realizar as atividades sugeridas. Portanto, em nossa proposta, oportunizamos aos participantes que conhecessem as personagens com as quais iriam trabalhar para que pudessem compreender mais a fundo a rede social e cultural em que tais personagens estão inseridos e, consequentemente, identificar questões peculiares de suas comunidades.

com a caracterização de cada personagem da turma, passando para atividades de fixação a respeito dessas informações.

4.1.1 O autor Antônio Cedraz

Antônio Luiz Ramos Cedraz nasceu em 04 de maio de 1945 em uma fazenda no município de Miguel Calmon no interior da Bahia. O contato com as histórias em quadrinhos ocorreu aos 10 anos, quando a família se mudou para Jacobina. Começou a desenhar aos 16 anos; formou-se em Magistério, foi bancário, mudou-se para Salvador para fazer curso superior. Como já era casado e trabalhava no banco o dia inteiro, não podia concluir os estudos e só cursou por dois anos o curso de Artes Plásticas na UFBA. Criou diversos personagens, entre eles: A Turma do Joinha, a Turma do Pipoca, Os Guris e A Turma do Xaxado, seu último trabalho.

As tiras do Xaxado começaram a ser publicadas em 1998 no caderno Municípios, do jornal A Tarde duas vezes por semana e, depois, na edição diária, devido ao sucesso imediato. Com esta Turma, Cedraz conseguiu projeção nacional e foi bastante premiado. Venceu seis vezes o HQ Mix, importante prêmio brasileiro das Histórias em Quadrinhos; recebeu o prêmio Ângelo Agostini, que lhe conferiu o título de “Mestre do Quadrinho Nacional”. Antes, em 1989, já havia ganhado o troféu como destaque no 2º Encontro nacional de Histórias em Quadrinhos, realizado em Araxá (MG). Antônio Cedraz faleceu em Salvador, aos 59 anos, em 11 de dezembro de 2014. Foi o autor homenageado, em 2015, na FIQ – Festival Internacional de Quadrinhos de Belo Horizonte.



Seus trabalhos foram publicados em jornais de todo o Brasil. Hoje, suas tirinhas são utilizadas em diversos livros didáticos. Em 2003, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) concedeu apoio institucional aos Projetos da Turma do Xaxado. O então representante da UNESCO no Brasil, Sr. Jorge Werthein, afirmou que se tratava de uma iniciativa extremamente oportuna, uma vez que estimulava o interesse pela leitura, sobretudo uma oportunidade de embasar o processo de leitura na identidade sociocultural de uma região.

O trabalho do quadrinista baiano apresenta características muito próprias, diretamente ligadas aos costumes e falares nordestino. Isto se deve, sem sombra de

dúvida, à sua origem sertaneja e à sua vivência com o campo e a natureza. Para ele, os seus personagens são a ficção que se confunde com a realidade. Com essa inspiração, o artista encontra no seu próprio ambiente a matéria prima para dar forma a suas criações.

4.1.2 Caracterização dos personagens da Turma do Xaxado

A apresentação dos personagens que compõem a Turma do Xaxado, assim como da caracterização de cada um deles, é importante para que os participantes tenham mais facilidade na leitura e compreensão das tiras, durante as atividades propostas posteriormente no formato de oficinas. Essa turminha tão peculiar é

formada por personagens tipicamente brasileiros, cada um com seu jeito próprio de falar, pensar e agir, passando pelas várias classes econômicas, graus de instrução etc. É uma turminha heterogênea como o povo brasileiro, vivendo histórias que falam da nossa terra, encantos e problemas, mas sem perder de vista a universalidade da experiência humana (CEDRAZ, 2012, p.7).

A figura 51 mostra cada um dos seis personagens principais que compõem a turma, com os respectivos nomes, colocados abaixo em sequência da esquerda para a direita.

Figura 51 – A Turma do Xaxado



Disponível em: <http://blogmaniadegibi.com/2012/09/conheca-antonio-cedraz/> Acesso em 19.jan.2018

Aula 1 – Previsão: 01 módulo-aula de 50 min

Como as tiras são ambientadas no nordeste brasileiro e o personagem principal da turma é neto de cangaceiro, o sentido de duas palavras precisa ser trabalhado com o objetivo de auxiliar nas leituras dos quadrinhos: XAXADO e CANGAÇO. Para a primeira palavra, usamos a tira seguinte (figura 52) cujo sentido é explicitado no balão do segundo quadrinho. Para a segunda palavra, pedimos aos participantes que levassem para a aula anotações sobre seu sentido. Em sala de aula, no início do desenvolvimento das atividades, usamos o dicionário para deixarmos registrado no caderno dos participantes os sentidos das referidas palavras.

Figura 52 – Palavra cruzada

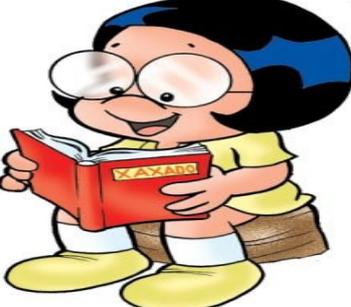


Fonte: CEDRAZ, A. L. R. *A Turma do Xaxado – volumes 1 e 2*. 3.ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2010, p. 20

O quadro 5, a seguir, nos mostra a figura de cada personagem, à esquerda, seguida de sua descrição. Para a aplicação desta atividade, os participantes recebem individualmente a cópia da imagem de cada personagem. Nesse caso, é necessário que o texto com a descrição de cada personagem seja entregue separado da imagem, para que eles procurem relacionar a caracterização com a imagem. Depois de conferir oralmente tal relação, os participantes fazem o registro por escrito de tais características nos seus cadernos.

Quadro 5 – Caracterização dos personagens da Turma do Xaxado

	<p>Xaxado é neto de um famoso cangaceiro que vivia com o bando de Lampião. Sensível, alegre e sempre atento às belezas e problemas da vida no campo, Xaxado é como um sol ao redor do qual circulam todas as outras personagens e histórias da turma.</p>
---	--

	<p>Zé Pequeno tem fama de ser um menino preguiçoso, que passa o dia inteiro dormindo, mas isso não é verdade. Quem conhece Zé sabe que ele também fica pescando, ouvindo música, namorando, inventando desculpa pra não ir pra aula, tomando banho no rio, subindo em árvore, passeando de jumento, fugindo do trabalho...</p>
	<p>Marieta vive corrigindo a fala “errada” dos outros. Para ela, isto é muito mais do que um passatempo, é uma verdadeira cruzada em defesa da língua portuguesa. Apaixonada por livros, Marieta adora ler um bom livro, estudar e aprender coisas novas para, um dia, tornar-se professora.</p>
	<p>Arturzinho é egoísta, avarento, vaidoso, chato, exibido, insensível, interesseiro. As “qualidades” do nosso amigo são tantas que, para falarmos delas, precisaríamos escrever uma enciclopédia inteira. Filho de um rico fazendeiro, é uma dessas pessoas que acham que dinheiro compra tudo, inclusive as pessoas. Arturzinho Albuquerque é tão metido que é o único personagem da Turma que tem até sobrenome...</p>
	<p>Marinês é uma garota como muitas outras de sua idade, mas que tem no pensamento um objetivo de vida que muito adulto sequer dá a mínima atenção: a convivência saudável entre o ser humano e a natureza, em busca de um mundo no qual as pessoas respeitem e cuidem dos animais, das plantas, das águas, do solo, do ar... Outra preocupação da garota é, também, um assunto muito sério mesmo: lidar com Zé Pequeno, o namorado preguiçoso!</p>
	<p>Capiba: quer ser um cantador tão famoso quanto Luiz Gonzaga e conquistar o mundo com sua música. Para quem não sabe, Capiba é irmão de Marinês.</p>

Disponível em: <http://turmadoxaxado.blogspot.com.br/2008/12/conhea-turma-do-xaxado.html> Acesso em 19. jan. 2018

Além dos seis personagens apresentados no quadro 5 (Xaxado, Zé Pequeno, Marieta, Arturzinho, Marinês e Capiba) outros personagens fazem parte da Turma do Xaxado, como o padre competente em seu ofício, mas que se humaniza por ser guloso; os sertanejos Tião e Genuíno Gabola que nunca foram à escola; os pais de Xaxado:

Dona Fulô e Seu Enoque; o esperto jumento Veneta; o porco Linguicinha; o cachorro Rompe-Ferro; a galinha caipira Odete; o galo Valdisnei; os urubus Gervásio e Genésio, dentre outros.

4.1.3 Atividades sobre a caracterização dos personagens da Turma do Xaxado

Aula 2 – Previsão: 01 módulo-aula de 50 min

Estas atividades para a apreensão da caracterização de cada personagem que compõe a Turma do Xaxado têm como objetivo levar os participantes a apresentarem mais facilidade para atribuírem sentido às tiras, a partir da relação entre as atitudes de um personagem no contexto de uma tira. Ou seja, o conhecimento prévio das particularidades dos personagens e seus modos de ver o mundo realmente se mostram importantes para a leitura e construção de sentido acerca das tiras lidas.

Para a realização das atividades seguintes, nomeamos cada uma de A a E. Buscamos formalizar questões com características interpretativas sendo necessário entregar aos participantes cópias das seguintes tiras, correspondentes às figuras 53 a 58, apresentadas abaixo. Cada atividade deve ser escrita no caderno e, antes de a resposta ser anotada, os participantes têm a oportunidade de se manifestarem oralmente, com o objetivo de haver uma socialização das respostas.

Passemos para a sugestão das atividades de A a E, que objetivam fazer com que os participantes façam a relação entre o modo de ser ou a visão de mundo de cada personagem e suas escolhas refletidas pelas suas ações:

A) Pedir aos participantes para justificarem a escolha dos animais feita pelos personagens Marinês e Arturzinho, conforme explicitado na figura 53.

Figura 53 – Escolha de bichos



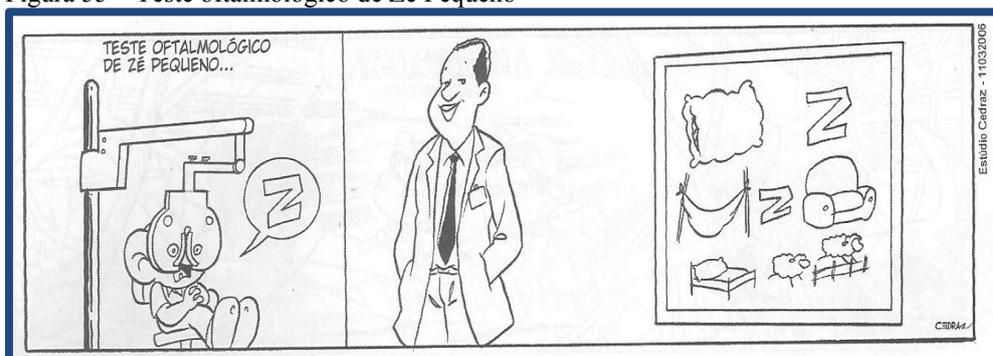
B) Solicitar aos participantes que comentem a razão de os personagens verem os desenhos em seus testes oftalmológicos, conforme explicitado nas figuras 54 e 55.

Figura 54 – Teste oftalmológico de Marieta



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **1000 tiras em quadrinhos**. São Paulo: Martin Claret, 2012, p.9

Figura 55 – Teste oftalmológico de Zé Pequeno



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **1000 tiras em quadrinhos**. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 10

C) Após ler atentamente a tira da figura 56, responder de forma coerente à pergunta: Xaxado é um garoto sensível e atento aos problemas da vida no campo. Percebemos isso na tira?

Figura 56 – A natureza é uma mãe



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **A Turma do Xaxado – volumes 1 e 2**. 3.ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2010, p. 11

D) Solicitar aos participantes que comentem a razão da ira da personagem Marinês no segundo quadrinho da tira apresentada na figura 57.

Figura 57 – O jogo do bicho



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **1000 tiras em quadrinhos**. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 35

E) Solicitar aos participantes que pensem nas características individuais de cada membro da turminha e justifiquem a escolha profissional de cada personagem da Turma do Xaxado, conforme apresentado na figura 58.

Figura 58 – Profissões da Turma do Xaxado



Disponível em: tirasemquadrinhos.blogspot.com.br/ Acesso em 19. jan. 2018

Aula 3 – Previsão: 01 módulo-aula de 50 min

Após a conclusão das atividades anteriores, propusemos outras com o objetivo de proporcionar interação entre os participantes e o conteúdo. Sugerimos que os questionamentos seguintes sejam feitos oralmente.

- F) Há alguém na turma da nossa sala de aula que possui características semelhantes às dos personagens?
- G) Você conhece alguém assim na sua família ou no grupo de amigos?
- H) Qual dos personagens você gostaria de ser? Quais são as características semelhantes entre você e esse personagem?
- I) Pedir aos participantes que escolham uma tirinha para fazer a leitura como se fossem os personagens escolhidos na questão anterior.

O intuito destas primeiras atividades é apresentar aos participantes as características dos personagens da Turma do Xaxado e também as informações sobre seu criador. Dessa maneira, a avaliação da atividade constará apenas de observações diante da receptividade dos participantes e da verificação se realmente memorizaram as características de cada um deles.

4.2 OFICINA 1 – MEIO AMBIENTE

Previsão: 03 módulos-aula de 50 min cada

As atividades propostas para esta oficina, cujo tema é o meio ambiente, procuram atender ao que propõem os PCN (BRASIL, 1998) com relação aos trabalhos com os chamados temas transversais. Estes documentos afirmam que

Trabalhar de forma transversal significa buscar a transformação dos conceitos, a explicitação de valores e a inclusão de procedimentos, sempre vinculados à realidade cotidiana da sociedade, de modo que obtenha cidadãos mais participantes. Cada professor, dentro da especificidade de sua área, deve adequar o tratamento dos conteúdos para contemplar o Tema Meio Ambiente, assim como os demais Temas Transversais (BRASIL, 1998, p. 193).

Nesse sentido, pensamos que as atividades focadas apenas na conceituação não são suficientes para que os leitores sejam mais atuantes no espaço em que vivem. O mais importante é fazer com que despertem para a necessidade de buscar agir na sociedade, procurando ser agentes em situações que objetivam amenizar os problemas enfrentados na questão socioambiental.

Os PCN afirmam também que

A principal função do trabalho com o tema Meio Ambiente é contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos a decidir e atuar na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade, local e global (BRASIL, 1998, p. 187).

Para a melhoria das condições de vida no mundo é preciso pensar bastante na relação que se estabelece entre a sociedade e a natureza não só na dimensão individual, mas também na dimensão coletiva. Agentes sociais como família, mídia e escola devem evidenciar atitudes e valores que levem a comportamentos que realmente criem vínculos com as questões sociais, possibilitando ações mais efetivas.

Para isso, no espaço escolar, em conformidade com os objetivos estabelecidos para o ensino de cada disciplina, os professores buscam alternativas de inserção da temática ambiental em suas aulas. Em Língua Portuguesa, sugere-se que a participação seja “trabalhando as inúmeras ‘leituras’ possíveis de textos orais e escritos, explicitando os vínculos culturais, as intencionalidades, as posições valorativas e as possíveis ideologias sobre meio ambiente embutidas nos textos” (BRASIL, 1998, p. 194). Portanto, o professor de Língua Portuguesa tem a oportunidade de vivenciar em sala de aula o debate sobre a questão ambiental, sem fugir de objetivos específicos de sua disciplina, uma vez que vai privilegiar atividades de leitura e favorecer a formação de opinião por meio de posicionamentos dos alunos diante da forma que a temática socioambiental for abordada. Para isso os alunos podem realizar atividades de pesquisa com o objetivo de entenderem melhor a abrangência da ideia que se tem de sociedade e ambiente.

Quando se fala da abordagem das questões ambientais e da valorização da vida, destacamos um estudo comparativo realizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 1968, no qual se reformularam proposições que seriam aceitas em âmbito internacional. Uma dessas proposições foi que “por ‘ambiente’ entende-se não apenas o entorno físico, mas também os aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos inter-relacionados” (BRASIL, 1998, p.229). No caso dos seres humanos, o meio ambiente é formado pela soma do espaço físico e do espaço sociocultural, ou seja, além da relação do ser humano com os elementos físicos naturais, há também as situações de relações econômicas, culturais e políticas.

Para a aplicação desta oficina, vamos dividi-la em três etapas: i) diagnóstico do conceito que os participantes apresentam de meio ambiente; ii) leitura e compreensão das tiras relacionadas à questão ambiental e; iii) socialização das análises das tiras apresentadas.

4.2.1 Diagnóstico do conceito de meio ambiente

Aula 1 – Previsão: 01 módulo-aula de 50 min

O objetivo de os participantes realizarem estas atividades é refletir sobre os conceitos de meio ambiente, para que possam agir de forma que contribuam para amenizar os problemas socioambientais atuais.

Nesta etapa vamos propor as seguintes atividades:

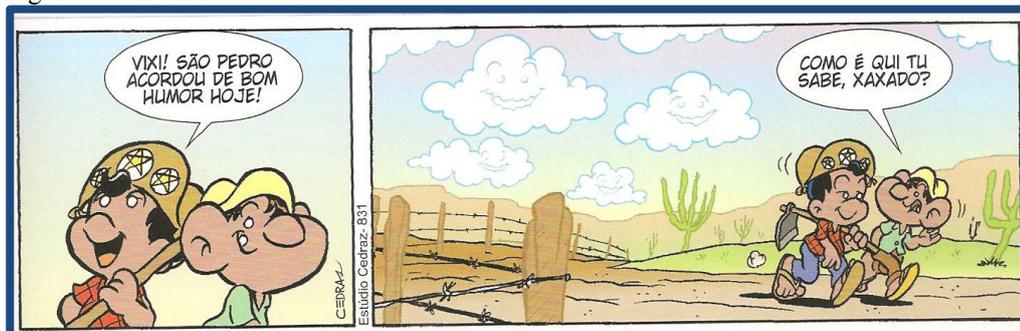
- A) O que você entende por meio ambiente? (Para responder a essa pergunta, analise as tiras seguintes, figuras 59, 60 e 61.)

Figura 59 – Comidas das aves



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **Xaxado ano 3**. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2008, p. 12

Figura 60 – Humor de São Pedro



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **A Turma do Xaxado – volume 2**. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2006, p. 17

Figura 61 - Computador tirando leite



Disponível em: tirasemquadrinhos.blogspot.com.br Acesso em 19. Jan. 2018

- B) Você se lembra de quais elementos, relacionados ao meio ambiente, quando se fala do espaço rural? E quando se fala do espaço urbano?

O que se pretende com os apontamentos relacionados à questão B é que os participantes mencionem elementos da paisagem rural e também da paisagem urbana, evidenciando diferenças quanto à natureza no que se refere aos diferentes lugares observados.

4.2.2 Compreensão das tiras relacionadas à questão ambiental

Nesta etapa, os participantes lerão as três tiras (figuras 62, 63 e 64) e responderão às questões propostas. Será apresentada uma tira de cada vez e, depois dela, o questionamento.

Tira A

Figura 62 – Tomates fresquinhos



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **Xaxado ano 3**. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2008, p. 13

- A) Hoje temos segurança para consumirmos de forma saudável os alimentos vindos do campo? Apresente argumentos para sua resposta.

Tira B

Figura 63 – Inseticida



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. A Turma do Xaxado – volume 2. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2006, p. 21

- B) O padre alerta o personagem Arturzinho a respeito das consequências que a natureza sofrerá em decorrência do uso de inseticidas. Quais poderiam ser essas consequências?

Nas tiras A e B (figuras 62 e 63) especificamente, é importante atentar para o fato de que elas ilustram o acontecimento que motiva o questionamento em cada uma. Na discussão que apontará as respostas, os participantes se valerão do conhecimento de mundo adquirido. A expectativa é que sejam citados os perigos do contato com alimentos e plantações impregnados de agrotóxicos e inseticidas.

Tira C

Figura 64 – Terra Doidona



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. A Turma do Xaxado – volume 2. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2006, p. 21

- C) Quando pediu para cortar os agrotóxicos, Arturzinho pensou na vida saudável dos consumidores?

Os questionamentos feitos em A, B e C foram motivados pelo texto “A indústria química oferece como solução o uso de praguicidas que acabam, muitas vezes, envenenando as plantas, o solo, a água e colocam em risco a saúde de trabalhadores rurais e consumidores” (BRASIL, 1998, p. 174). Espera-se, portanto, que os participantes apresentem em suas respostas itens relacionados aos danos causados tanto ao meio ambiente físico quanto à saúde das pessoas.

O próximo questionamento (D) refere-se à leitura do fato enfocado pelas tiras D e E, figuras 65 e 66.

Tira D

Figura 65 – Lixo no lixo



Disponível em: tirasemquadrinhos.blogspot.com.br/?m=0 Acesso em 19. Jan. 2018

Tira E

Figura 66 – Boa educação



Disponível em: tirasemquadrinhos.blogspot.com.br/?m=0 Acesso em 19. Jan. 2018

- D) Após ler as tiras D e E (figuras 65 e 66), reflita sobre como a escola pode ajudar as pessoas a lidarem com o problema do lixo no espaço urbano. Pense em duas sugestões de ações que seriam fáceis de serem executadas.

O objetivo do questionamento feito em D é levar o aluno a estabelecer uma relação com a situação real, pois não adiantaria simplesmente falar sobre o lixo sem pensar em possibilidades de amenizar na sociedade essa problemática.

Tira F

Figura 67 – Sinais do progresso



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **1000 tiras em quadrinhos**. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 91

- E) Pense na comparação que o personagem Arturzinho estabelece entre as características do ambiente urbano e as do ambiente rural. Ele realmente concorda com o que chamou de SINAIS DO PROGRESSO? Sua saúde física corre algum risco depois que mergulhou no rio?

Esta pergunta retoma as ideias da diferença entre os elementos que compõem o ambiente rural e o ambiente urbano. O intuito é que os participantes percebam as transformações ocorridas no ambiente urbano, decorrentes da ação do homem. A exploração do sentido que a expressão SINAIS DO PROGRESSO tem na fala de cada personagem contribui bastante para a reflexão proposta.

4.2.3 Socialização da análise das tiras apresentadas

Aula 2 – Previsão: 01 módulo-aula de 50 min

Nesta última etapa da oficina os participantes socializam suas respostas. É preciso atentarmos para algumas situações que devem ter sido percebidas pelos participantes, tais como: i) o uso excessivo de agrotóxicos na agricultura e os danos que eles podem causar à saúde dos consumidores; ii) como as pessoas se educam para lidar

com a problemática do lixo no espaço urbano e iii) se os participantes perceberam a diferença entre o ambiente urbano e o ambiente rural.

Aula 3 – Previsão: 01 módulo-aula de 50 min

Depois que as respostas forem apresentadas, propomos a realização de mais atividades, visando à interação da turma a respeito do tema do meio ambiente. Propor aos participantes que:

- a) Digam quais são suas contribuições a respeito do cuidado com o meio ambiente.
- b) Elaborem tiras com a intenção de mostrar a preservação do meio ambiente.
- c) Leiam expressivamente as tiras produzidas.

4.3 OFICINA 2 – SAÚDE

Previsão: 03 módulos-aula de 50 min cada

Esta oficina também se relaciona ao trabalho com os temas transversais. Optamos por apresentar atividades relacionadas ao tema Saúde para dar condições de o participante refletir sobre esse tema de uma forma interligada a algumas ideias da oficina anterior, entendendo que o agravamento de alguns problemas ambientais pode gerar problemas de saúde. Há, portanto, correlações entre meio ambiente e saúde. Dentre os objetivos apresentados pelos PCN no que se refere à educação para a saúde, destacamos “compreender que a saúde é produzida nas relações com o meio físico, econômico e sociocultural, identificando fatores de risco à saúde pessoal e coletiva presentes no meio em que vive” (BRASIL, 1998, p. 269).

A abordagem da aprendizagem sobre saúde se fundamenta em reflexões que podem gerar uma transformação de atitudes e hábitos de vida, como hábitos de higiene, por exemplo. A saúde é entendida como um direito universal e construído pelas pessoas ao longo de suas vidas em suas relações sociais e culturais. O ambiente escolar deve enfatizar um trabalho de prevenção, favorecendo a conscientização. Observemos a tira:

Figura 68 – Lavar as mãos



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **1000 tiras em quadrinhos**. São Paulo: Martin Claret, 2012, p.126

Na figura 68 a personagem Marinês oferece aos amigos um quindim. No entanto, ela não permite que eles degustem o prato sem antes lavar as mãos, o que revela uma consciência em relação à saúde. Geralmente todas as mães instruem os filhos a higienizarem as mãos antes das refeições. A tira se torna um instrumento de conscientização dos leitores para intervenções individuais (e até mesmo coletivas) sobre fatores que interferem no processo de saúde e doença.

O conceito de saúde tem sido objeto de várias reflexões. Vamos elencar dois deles. Conforme assume a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1948: “Saúde é o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença” (BRASIL, 1998, p. 249). Este conceito foi alvo de muitos questionamentos. Por exemplo, como entender um indivíduo como saudável, o que seria esse completo bem-estar? Há muitas subjetividades a serem consideradas, principalmente por se pensar a saúde relacionada ao meio físico, social e cultural.

Os PCN, a esse respeito, afirmam que

Intrincados mecanismos determinam as condições de vida das pessoas e a maneira como nascem, vivem e morrem, bem como suas vivências em saúde e doença. Entre os inúmeros fatores determinantes da condição de saúde, incluem-se os condicionantes biológicos (sexo, idade, características pessoais eventualmente determinadas pela herança genética), o meio físico (que abrange condições geográficas, características da ocupação humana, fontes de água para consumo, disponibilidade e qualidade dos alimentos, condições de habitação), assim como o meio socioeconômico e cultural, que expressa os níveis de ocupação e renda, o acesso à educação formal e ao lazer, os graus de liberdade, hábitos e formas de relacionamento interpessoal, as possibilidades de acesso aos serviços voltados para a promoção e recuperação da saúde e a qualidade da atenção por eles prestada (BRASIL, 1998, p. 251).

Diversos são os fatores que contribuem para se entender o que seja saúde e todos eles estão interligados. Não se fala em saúde sem destacar a vitalidade física, mental e social. Vamos pensar, por exemplo, na saúde de uma pessoa que vive em um grande centro urbano. A correria do dia a dia, num espaço com ar poluído, os hábitos alimentares desregrados, a falta de acesso a atendimento de saúde qualificado, as pressões psicológicas sofridas no trabalho, tudo isso contribui para que o indivíduo tenha a saúde física e mental comprometida. Ou seja, doenças físicas e estresse podem juntos afetar a qualidade de vida.

Vamos analisar na tira (figura 69) como os hábitos do espaço social podem interferir na saúde dos indivíduos, enfocando aqui o espaço rural.

Figura 69 – Pagamento para uso do banheiro



Disponível em: tirasemquadrinhos.blogspot.com.br/?m=0 Acesso em 19. jan. 2018

O que ficou subentendido na fala do personagem Tião? O povo daquele lugar tem o costume de defecar no mato. Sobre esse fato há várias consequências que apresentam riscos para a saúde das pessoas. Os detritos ficam expostos, causando mau cheiro, pode haver contato das pessoas; elas podem atingir as águas e contaminá-las, adoecendo as pessoas que delas beberem. Portanto, esse hábito, ligado às condições socioeconômicas das pessoas, é um fator que interfere na saúde delas mesmas.

Além do conceito de Saúde apresentado pela OMS, já discutido anteriormente, os PCN apresentam outra definição, afirmando que “Saúde é, portanto, produto e parte do estilo de vida e das condições de existência, sendo a vivência do processo saúde/doença uma forma de representação da inserção humana no mundo.” (BRASIL, 1998, p. 252). Concluímos que as condições e hábitos de vida são determinantes para o estilo de vida saudável, ou as doenças adquiridas podem estar relacionadas às condições desfavoráveis de vida.

As atividades propostas nesta oficina estão divididas em duas partes nas quais os participantes devem usar os conhecimentos de mundo adquiridos no espaço escolar ou fora dele. São atividades que exigem dos participantes a leitura da tira, associando-a à ideia que têm sobre saúde. Para finalização das atividades, os participantes são convidados a lerem e comentarem suas respostas entre os colegas.

4.3.1 Compreensão de tiras relacionadas ao tema saúde

Aula 1 – Previsão: 01 módulo-aula de 50 min

Antes de propor as atividades seguintes, os participantes são orientados a pesquisar o conceito de saúde e, juntos devem socializar suas ideias para realizarem a devida anotação no caderno.

O objetivo da realização destas atividades é conscientizar o participante sobre saúde para que ele transforme atitudes e hábitos capazes de prevenir doenças.

1ª parte: após leitura atenta das tiras A, B e C (figuras 70, 71 e 72, respectivamente), os participantes devem identificar o problema de saúde abordado em cada uma e sugerir uma atitude para minimizá-lo. Para o registro da resposta no caderno, após cada tira, pedem-se as seguintes informações:

Problema: _____
 Atitude sugerida: _____

Tira A

Figura 70 - Semana de descanso



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. 1000 tiras em quadrinhos. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 56

Tira B

Figura 71 – A rapadura



Disponível em: tirasemquadrinhos.blogspot.com.br/2013_06_16_archived.html?m=0 Acesso em 19. jan. 2018.

Tira C

Figura 72 – O bebum



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **1000 tiras em quadrinhos**. São Paulo: Martin Claret, 2012, p.126

As tiras correspondentes às figuras 70, 71 e 72 apresentam diferentes fatores que interferem na saúde das pessoas. Logo, espera-se que os participantes identifiquem fatores relacionados às condições de trabalho (figura 70), hábitos alimentares (figura 71) e vícios (figura 72).

Aula 2 – Previsão: 01 módulo-aula de 50 min

2ª parte: o problema da saúde pode ser prevenido por meio de conscientização, dizendo claramente às pessoas que atitudes podem tomar ou que mudanças de comportamento precisam ter para serem saudáveis, evitando assim a ocorrência de doenças. O participante ao analisar cada tira seguinte (A, B, C e D; figuras 73 a 76) deve identificar o personagem que precisa ser conscientizado e escrever uma mensagem a ele. No caderno do participante, o registro terá os seguintes dados:

Tira D

Figura 76 – Alimentação equilibrada



Disponível em: tirrasemquadrinhos.blogspot.com.br/search?updated-max=2013-05-14T09:15:00-07:00&max-results=7&m=0 Acesso em 19. Jan.2018

Para avaliar o desempenho dos participantes nestas atividades é necessário observarmos a facilidade que eles apresentaram para associar o problema de saúde à sugestão que apresentaram para minimizá-lo, ou seja, se foi por meio da atitude ou por meio da mensagem.

Aula 3 – Previsão: 01 módulo-aula de 50 min

Finalmente, após a discussão sobre o tema saúde, propusemos aos participantes a organização ou produção de tiras para retratar o problema e relacionar outros problemas referentes à saúde ou falta dela. Nesta atividade sugerimos aos participantes que buscassem exemplos próximos à realidade deles. Eles poderiam desenhar ou recortar de outras tiras e colar.

4.4 OFICINA 3 – VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Previsão: 03 módulos-aula de 50 min cada

O objetivo desta oficina é mostrar que a língua, como instituição de um grupo social, recebe a influência de vários fatores que interferem e condicionam alterações. Atualmente a variação linguística se faz presente em todos os ambientes e os falantes acabam por conviver com essas diferenças. No caso específico dos alunos dos anos

finais do ensino fundamental, os casos de variação linguística são pouco explorados até mesmo porque os livros didáticos utilizados pouco abordam essa questão.

Hoje, no Brasil, a mobilidade social é muito grande. A consequência é justamente a mistura de elementos linguísticos que interferem nos elementos culturais de um determinado grupo. Portanto, propomos trabalhar o tema com o intuito de que o participante conheça as variedades da língua que ele fala e que ele reconheça os fatores que motivam tais usos. Assim, ele poderá compreender e aceitar níveis diferentes de uso da língua, entendendo que isso ocorre devido às condições sociais do falante, por exemplo.

Para Soares,

é fator essencial e determinante do uso da linguagem: as condições sociais concretas de instauração da comunicação. Não se pode dissociar a linguagem da estrutura social em que é usada; assim, Bourdieu desloca o foco da análise: da caracterização da linguagem para a caracterização das condições sociais em que ela ocorre (SOARES, 1993, p. 55).

Assim, o mais relevante é conhecer a realidade, as condições sociais do falante para compreender o uso que ele faz da linguagem. A comunicação se realiza efetivamente por meio do uso de diferentes características linguísticas. Não há como impor um único registro, pois toda comunidade de fala apresenta variação no uso linguístico. Individualmente, a fala (uso da língua) pode revelar quem é o falante, pois “Cada enunciado é para o falante um ato de identidade” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 71).

Nesta oficina não trabalhamos com as concepções de certo e errado comumente veiculada nos exercícios tradicionais pautados pela gramática normativa; nossa intenção foi que o participante da pesquisa, após refletir um pouco sobre o fenômeno da variação linguística (por meio das atividades propostas), pudesse “aceitar a ideia de que *não existe erro de português*. Existem *diferenças* de uso ou *alternativas* de uso em relação à regra única proposta pela gramática normativa” (BAGNO, 2013a, p.166). A partir dessa consciência, esperamos que o participante também possa analisar e valorizar as diferenças linguísticas, que são a manifestação do modo de vida de cada grupo social, portanto, nosso enfoque foi na variação, nas diferenças encontradas na língua, reflexo de questões culturais, sociais e econômicas. O aporte teórico, reafirmamos, se baseou,

principalmente, em Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Faraco (2008), Bagno (2007, 2013a, 2013b).

A partir do momento em que conhecemos as particularidades dos integrantes de um grupo social, aprendemos a lidar com as diferenças. No entanto, essas diferenças praticamente não interferem na interação, em situações mais informais de comunicação. Vamos analisar na tira seguinte, figura 77 como isso acontece:

Figura 77 – O presente para Marinês



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. *A Turma do Xaxado – volume 2*. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2006, p.11

O personagem Zé Pequeno fala de uma forma por meio da qual se percebe que ele não deve apresentar “bom desempenho” na escola, um dos espaços em que se trabalha a língua, sobretudo pelo fato de que quem a frequenta faz uso de uma variedade linguística mais privilegiada socialmente. No entanto, sua namorada Marinês não deixa que o jeito de falar dele influencie na relação dos dois; inclusive no segundo quadrinho as imagens nos dão ideia de que o sentimento entre os falantes é mais importante que o modo de cada um falar. Há mais corações representando o amor dos dois e ela se sente emocionada pensando que vai receber flores. A decepção de Marinês no último quadrinho não se refere ao modo de falar do namorado, mas sim ao fato de receber uma galinha como presente.

Além do embasamento teórico concernente a um ensino de base sociolinguístico, os conceitos que serão usados na aplicação das atividades relacionam-se aos condicionadores extralinguísticos³¹, que segundo Coelho et al. (2015, p. 37-38) são aqueles, que como o nome sugere, encontram-se fora da estrutura da língua. Os autores enumeram a variação regional (diatópica), a variação social (diastrática) e a variação estilística (diafásica) como fatores importantes para a constituição de uma variedade

³¹ Esses condicionadores extralinguísticos estão citados e comentados quando falamos especificamente da variação social.

linguística capaz de distingui-la das demais mesmo sendo identificada como a fala do brasileiro, a língua portuguesa. Vejamos mais sobre cada uma destas variações possíveis de serem encontradas nas línguas.

A variação regional é aquela em que podemos identificar com facilidade a origem do falante. Pela fala percebemos se o falante é mineiro, baiano, carioca, entre outros. Em muitas situações há certo exagero na explicitação das características e hábitos culturais do falante para mostrar sua origem, criando estereótipos que exacerbam algumas particularidades. Por isso, é importante conhecer características sociais, hábitos, valores inerentes ao lugar em que o falante vive para também conhecer e compreender o seu estilo.

A variação social reflete diferentes características sociais dos falantes. Os principais condicionadores que se correlacionam a essa variação linguística são o grau de escolaridade, o nível socioeconômico, o sexo/gênero e a faixa etária. Apesar de esses condicionadores serem abordados como tradicionais nesta variação, Faraco (2008) chama a atenção para o fato de considerá-los, hoje, insuficientes, uma vez que um mesmo falante pode pertencer ao mesmo tempo a diferentes agrupamentos de pessoas os quais partilham também de diferentes experiências coletivas nos mais diversos espaços sociais. Portanto o falante varia a fala conforme a comunidade em que ele está, ou seja, a variação social se realiza em decorrência das redes de relações sociointeracionais.³²

No entanto, comentaremos os principais condicionadores para a variação social, conforme Bortoni-Ricardo (2004), a saber: i) **grupos etários**: diferenças linguísticas associadas a grupos de diferentes idades (diferenças sociolinguísticas intergeracionais); ii) **gênero**: são as variações entre os repertórios masculino e feminino, sempre relacionados aos papéis sociais; iii) **o nível socioeconômico**: as desigualdades na distribuição de bens, inclusive culturais, que refletem nas diferenças sociolinguísticas valorizando ou desvalorizando seus falantes em relação a determinada classe social; iv) **grau de escolarização**: refere-se à influência no repertório linguístico do falante em decorrência dos seus anos de escolarização e também da qualidade da escola que frequentou.

A variação diafásica está relacionada aos diferentes papéis sociais desempenhados pelos falantes nos mais diferentes domínios sociais. Vamos imaginar

³² Esses agrupamentos de pessoas que interferem na variação da língua recebem o nome de rede social, conforme Bortoni-Ricardo (2004, p. 49).

um advogado que trabalha em uma capital o qual é proprietário de uma fazenda no interior do estado. Não convém que ele fale da mesma forma com um cliente empresário se preparando para uma audiência em um tribunal e com o jardineiro de sua propriedade na área rural. O advogado terá que pensar na forma adequada para se comunicar com cada um deles. Por isso, dizemos que a variação diafásica também lida com o adequado e com o inadequado, dependendo da situação de comunicação.

Uma situação que deve ser evitada sempre ao lidarmos com o ensino sobre variação linguística é dizer que uma variedade seja melhor que a outra. Conforme Bortoni-Ricardo,

Essas crenças sobre a superioridade de uma variedade ou falar sobre os demais é um dos mitos que se arraigaram na cultura brasileira. Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social. Ser nordestino, ser mineiro, ser carioca etc. é um motivo de orgulho para quem o é, e a forma de alimentar esse orgulho é usar o linguajar de sua região e praticar seus hábitos culturais (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 33).

Se ignorarmos essas variedades como uma forma de se construir uma identidade cultural, não reconhecendo que elas caracterizam um determinado grupo social, ocorrerá o que se chama de preconceito linguístico. Desvalorizam-se algumas variedades para se atribuir bastante prestígio àquela variedade da língua usada por uma classe que já goza de prestígio social.³³ Essa atitude contraria o entendimento de que “Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam” (BAGNO, 2013a, p.64). Assim, é preciso realmente desvincular o prestígio econômico e social do prestígio linguístico. No estudo da variação linguística não há certo e errado, “O conceito de ‘erro gramatical’ é tão-somente uma questão de diferença entre dois dialetos” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 37). Na figura 78, isso fica bem evidente:

³³ Bortoni-Ricardo (2004, p. 33-34) salienta a respeito da questão que confere mais prestígio a uma variedade linguística: “Em toda comunidade de fala onde convivem falantes de diversas variedades regionais, como é o caso das grandes metrópoles brasileiras, os falantes que são detentores de maior poder [...] transferem esse prestígio para a variedade linguística que falam.[...] O prestígio que adquirem é mero resultado da fatores políticos e econômicos.”

Figura 78 – Falar certo e errado



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **1000 tiras em quadrinhos**. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 190

Na tira anterior (figura 78), fica bem claro por meio do diálogo entre Marieta, personagem defensora da língua portuguesa padrão, e Zé Pequeno, garoto que detesta a escola, que realmente o certo e o errado em questão de uso da língua nada mais são que diferenças.

Para melhor compreensão a respeito dos motivos que levam a esse julgamento do certo e do errado, nos remetemos, inicialmente, ao conceito de norma:

norma é o termo que usamos, nos estudos linguísticos, para designar os fatos de uma língua usuais, comuns, correntes, numa determinada corrente de fala. Em outras palavras, *norma* designa o conjunto de fatos linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade, **incluindo os fenômenos em variação** (FARACO, 2008, p. 40 grifo nosso).

Ao considerarmos as diferenças existentes entre os grupos sociais, incluímos os diferentes usos da língua. Trata-se de uma diversidade que agrega valores socioculturais, pois são formas que se externam ao grupo impregnadas de características que ultrapassam funções exclusivamente linguísticas. Constatamos também os costumes, os valores, os modos de agir de um grupo que nos permite avaliar sua identidade. Dessa maneira é incoerente pretender que todos os grupos sociais imprimam, ao que normalmente falam, todas as descrições de uma língua que se apresente constantemente uniforme, homogênea. Por isso, conforme Faraco (2008) o conceito de norma se correlaciona a dois sentidos: normalidade (é norma o que é *normal*) e normatividade (é norma o que é *normativo*).

Estão relacionados à normatividade os conceitos de norma padrão e norma curta³⁴, mas nos atemos ao conceito de norma padrão. Em princípio, a norma padrão “é uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialeção, a projetos políticos de uniformização linguística” (FARACO, 2008, p. 73). Assim, concebe-se a língua como uma instituição homogênea, uniforme. Por vezes é uma língua que se distancia da forma como falamos e escrevemos em nosso cotidiano. Não é pensada como uma variedade e até contraria o que preconizam os PCN: “A Língua Portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades” (BRASIL, 1998, p. 81).

No que se refere à aprendizagem da língua, o fato é que a escola acolhe um ser social, um falante com domínio pleno de sua variedade linguística; portanto ela precisa reconhecer que o aluno já apresenta uma competência comunicativa que o torna capaz de interagir em situações cotidianas. Se a escola agir como o ambiente que privilegia apenas a norma culta, sobretudo a língua escrita numa variedade de prestígio, além de agir com preconceito em relação ao aluno, cria uma situação de insucesso no ensino de língua materna, uma vez que evidencia um trabalho que visa apenas à assimilação de regras gramaticais, esquecendo-se de que a sala de aula é mais uma oportunidade de interação entre os falantes e construção do conhecimento.

Hoje o ensino da língua só se sustenta por meio da aceitação dos fatores relacionados à comunidade do falante, refletindo sua realidade sociocultural. E, com base nesse princípio, buscar aprimorar o desempenho linguístico do falante/aluno para que ele demonstre sua competência nas situações de interação em que se exige a adequação de diferentes variedades, cada uma delas com suas “normas”. Assim, a norma culta se apresenta conforme prescreve Faraco (2008, p.73) como a expressão viva de certos segmentos sociais em determinadas situações. É a norma culta que nos atesta que só o uso, como falamos ou escrevemos habitualmente, é capaz de constituir o poder de uma língua.

Reconhecemos, sim, a necessidade do ensino da norma culta, entendendo que ela “designa o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita” (FARACO, 2008,

³⁴ O apego a um ensino voltado apenas para as descrições gramaticais é o que evidencia a norma curta. Segundo Faraco (2008, p.92), “Infelizmente [...] o que tem predominado e que tem servido de referência no nosso sistema escolar, e tem sido reforçado por boa parte dos consultórios gramaticais da mídia, pela ação de revisores das editoras”, por manuais de redação dos grandes jornais, por cursinhos pré-vestibulares e por elaboradores de questões de concursos públicos é uma norma estreita a que chamamos aqui de *norma curta*.”

p. 71), mas não por meio de uma supervalorização da mesma em detrimento de uma desvalorização das demais.

Para isso, o professor ao lidar com o ensino da língua não pode desvincular de sua prática o reconhecimento das diferenças, “é preciso dizer que o professor, e não apenas o da disciplina Língua Portuguesa, deve ter em mente o caráter heterogêneo de toda língua, isto é, as diferenças existentes, inelutavelmente, nos usos linguísticos” (CYRANKA, 2016, p. 167). Essas diferenças linguísticas são a consequência dos perfis socioculturais dos grupos de falantes, são seres humanos que se integram para constituírem elementos fundamentais na nossa cultura. Desse modo, o profissional docente precisa compreender que todos merecem respeito igualmente, sem procedimentos que levem à exclusão social, ciente de que

As atitudes da professora em sala de aula, no tratamento dado aos fenômenos de variação linguística, podem exercer uma grande influência no comportamento de seus alunos. [...] a variação linguística está intimamente ligada a aspectos de natureza social, cultural, política – humana, enfim (BAGNO 2007, p.207)

Diante do exposto sobre alguns conceitos gerais de variação linguística, pensando-a como conteúdo para os anos finais do ensino fundamental, organizamos as atividades para serem desenvolvidas pelos participantes de uma forma que eles possam refletir sobre uma determinada situação sem se apegarem a teorias, mas sim pensando no uso da língua.

4.4.1 Atividades para reflexão sobre a variação linguística

Aula 1 – Previsão: 01 módulo-aula de 50 min
--

O objetivo destas atividades é levar o participante a entender as mudanças que a língua sofre e refletir sobre os fatores que as condicionam, para que respeitem a variedade linguística de cada indivíduo e de cada grupo social.

Esta primeira parte das atividades consiste em os participantes lerem informações sobre a variação linguística, analisarem as situações retratadas nas tiras e estabelecerem a relação entre a informação e a tira que a exemplifica. Para isso os

participantes necessitam de papéis recortados separadamente, contendo os textos com as informações referentes à variação linguística e as tiras.

Orientação: o participante deve ler cada informação a respeito da variação linguística, refletir sobre ela e relacioná-la à tira que exemplifica o texto lido; formar os pares e aguardar para discussões posteriores com os colegas.

A) Textos contendo as informações sobre a variação linguística:

01. Quando se tem um contato maior com a leitura e a escrita e com o uso das variedades cultas da língua, supõe-se que falantes mais escolarizados dificilmente usarão expressões como “nós vai” ou “a gente vamos”. Essas expressões são próprias de falantes que estudaram menos.

02. Falantes de grupo social menos privilegiado usam mais a variedade não padrão da língua, enquanto os mais privilegiados fazem uso da variedade culta.

03. Homens e mulheres falam de maneiras diferentes. As mulheres, por exemplo, usam mais diminutivos, são mais conservadoras em relação às regras de uma língua.

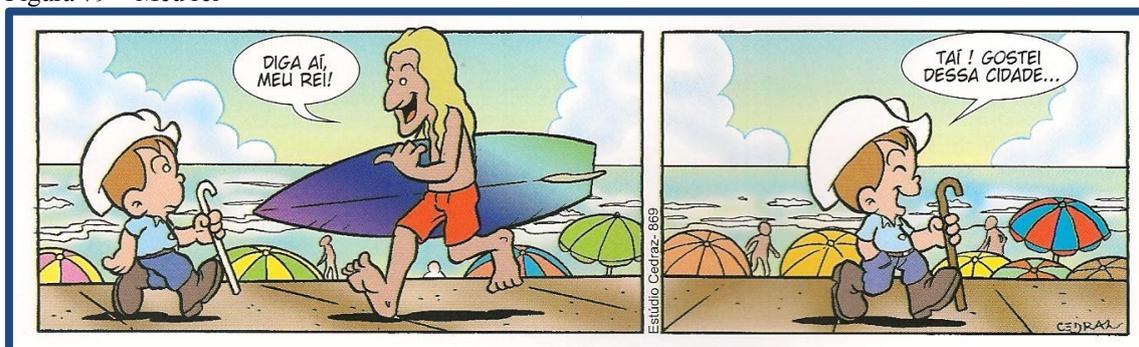
04. É fácil identificar a região a que pertence o falante devido às palavras que usa e à forma como fala (entoa) as palavras.

05. Considerar que sua forma de usar a língua é superior à forma que outra pessoa usa é uma situação de preconceito linguístico. Nesse caso não se consideram as condições sociais em que ocorre cada variedade da língua.

06. Em diferentes grupos sociais, a língua utilizada pelos diversos falantes pode ser facilmente depreendida.

B) Tiras que exemplificam as informações contidas nos textos:

Figura 79 – Meu rei



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. *A Turma do Xaxado – volume 2*. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2006, p.20

Figura 80 – O anjo da guarda



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. *A Turma do Xaxado – volumes 1 e 2*. 3.ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2010, p.22

Figura 81 – Sapo analfabeto



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. *A Turma do Xaxado – volume 4*. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2005, p.19

Figura 82 – Caipirês e bloguês



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. *1000 tiras em quadrinhos*. São Paulo: Martin Claret, 2012, p.125

Figura 83 – Catar os cacos



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. *A Turma do Xaxado – volume 2*. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2006, p.32

Figura 84 – Explicação complicada



Fonte. CEDRAZ, A. L. R. **1000 tiras em quadrinhos**. São Paulo: Martin Claret, 2012, p.191

Assim que finalizaram as discussões, os pares foram colados no caderno do participante, para registro. As observações para avaliação da atividade devem analisar a capacidade de o participante relacionar a informação à tira e posteriormente usar essa informação para pensar os usos da língua em situações diversas, considerando o espaço e as condições sociais do falante.

Após a conclusão da atividade anterior, propusemos um exercício para pensar sobre a norma utilizada pela personagem Marieta, figura 84. Discutimos com a turma as seguintes questões:

- A) Que norma é essa que Marieta usa para conversar com Zé Pequeno?
- B) Será que todos falamos desta forma? Quais são as diferenças entre a fala de Marieta e a fala de vocês? Por que isso ocorre? (Mostrar a dinamicidade da língua e buscar refletir sobre o porquê de o autor da tirinha utilizar este recurso).

Aula 2 – Previsão: 01 módulo-aula de 50 min

Em seguida apresentamos um vídeo indicando os falares regionais, destacando o que se apresentasse mais próximo à cidade do participante, no caso em questão, a Guimarães-MG, cidade onde residem os participantes das oficinas. A seguir, propusemos aos participantes que construíssem uma tirinha para retratar o falar da região; neste caso, os personagens seriam também criados por eles. Para isso, os personagens poderiam retratar diferenças entre patrão/empregado, homem/mulher, nordestino/mineiro, por exemplo. Para o desenvolvimento desta proposta escolhemos

um vídeo intitulado *Variações Linguísticas Regionais*³⁵, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iu4ra9tkFWM>.

4.4.2 Atividades relacionadas às variedades linguísticas

Aula 3 – Previsão: 01 módulo-aula de 50 min

Atividade A

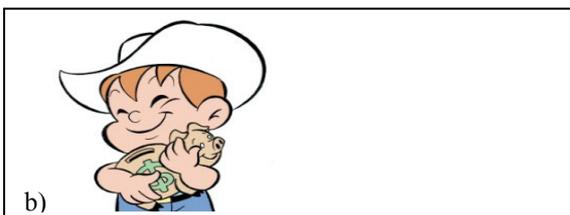
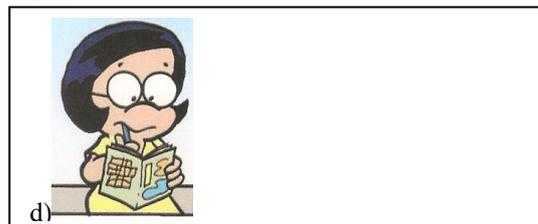
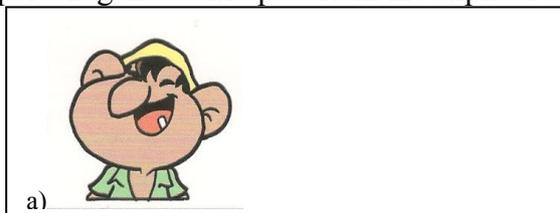
Leia atentamente a tira (figura 85) e responda à questão proposta.

Figura 85 – Coisas da cidade e urtiga



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **Xaxado ano 1**. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2003, p.38

Questão: imagine que o garoto da cidade não soubesse o que é urtiga. Como os personagens abaixo poderiam lhe explicar sobre ela?



³⁵ Este é de fato o título do vídeo. No entanto, conforme nossos estudos, reconhecemos que seria melhor empregado o título **Variedades linguísticas regionais**. O termo **variação** se refere ao processo, ao fenômeno das mudanças linguísticas, enquanto que “uma variedade linguística é um dos ‘muitos modos de falar’ uma língua” (BAGNO, 2007, p. 47).

Esta atividade pretendeu que os participantes escrevessem uma fala para cada personagem como uma possibilidade de retratar os diferentes modos de falar sobre um mesmo referente. Para isso, precisaram se valer do que conheciam sobre cada personagem da turma (conforme atividades do primeiro momento desta proposta) e perceber como os traços individuais interferem na fala.

Atividade B

Na tira seguinte (figura 86), o humor ocorre devido ao fato de a mãe de Zé Pequeno realizar atividades domésticas próprias de um eletrodoméstico: a lavadora de roupas.

Figura 86 – A lavadora de roupas



Disponível em: www.planetaeducacao.com.br/porta/artigo.asp?artigo=197 Acesso em 19. jan. 2018

A proposta foi que os participantes pensassem em outro eletrodoméstico e criassem uma tira em estilo semelhante ao da tira lida.

Para a realização desta atividade, os participantes receberam cópias xerocadas das imagens dos personagens com o objetivo de facilitar a criação das tiras.

4.5 Atividade de produção de texto

Previsão: 03 módulos-aula de 50 min cada

Esta etapa constou de duas atividades com o objetivo de averiguar se os participantes apresentaram habilidade para identificar nas tiras a abordagem de aspectos sociais e culturais. E a partir dessa identificação refletir sobre a realidade do espaço

social em que vivem, pensando em propostas para amenizar questões que comprometem a harmonia nesse espaço.

4.5.1 Atividade de reflexão da questão social e/ou cultural

Aula 1 – Previsão: 01 módulo-aula de 50 min

Nesta atividade, foram apresentadas aos participantes quatro tiras (figuras 87 a 90), seguidas de questionamentos que exploram situações socioculturais específicas. As tiras escolhidas foram:

Tira A

Figura 87 – O homem do cartório

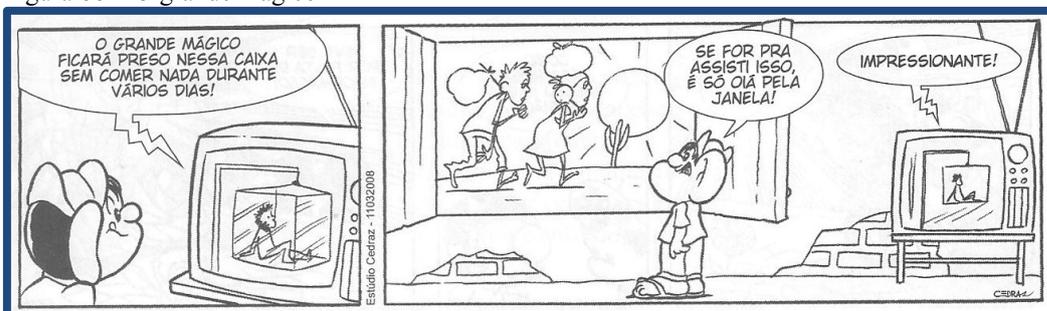


Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **Xaxado ano 1**. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2003, p. 20

Se Zé Pequeno e Xaxado morassem em nossa cidade, que atitude Xaxado deveria ter para ajudar Zé Pequeno?

Tira B

Figura 88 – O grande mágico



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **1000 tiras em quadrinhos**. São Paulo: Martin Claret, 2012, p.10

Inicialmente, analisar com os participantes, oralmente, o fato que é considerado impressionante na tira. Depois, pensar em um fato comum na realidade em que

vivemos, mas que a mídia deixa de considerar impressionante aqui, mas considera o fato impressionante em outros lugares.

Tira C

Figura 89 – Brincando de casinha



Disponível em: tirasemquadrinhos.blogspot.com.br/ Acesso em 19. Jan. 2018

Propor aos participantes que criem outra ilustração para o segundo quadrinho, substituindo a parte que mostra as crianças trabalhando. Alterar também a fala de Arturzinho. O objetivo é mostrar outra forma de exploração de trabalho infantil. Para isso, cada participante deve receber uma cópia da tira com a parte do segundo quadrinho em branco.

Tira D

Figura 90 – Área repleta de árvores



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **1000 tiras em quadrinhos**. São Paulo: Martin Claret, 2012, p.89

Acrescentar uma fala para a Terra, criando um terceiro quadrinho, incentivando as crianças a terem atitudes que contribuam para a preservação do meio ambiente.

Depois de os participantes responderem individualmente a cada questão, é feita a socialização das respostas, permitindo que eles façam oralmente comentários sobre o tema que cada tira critica.

4.5.2 Proposta de produção de uma tira

Aula 2 – Previsão: 02 módulos-aula de 50 min cada
--

Para finalizar as atividades da proposta de intervenção, sugerimos a produção de um texto pelos participantes, usando a linguagem verbal e a imagem (gênero tira). A proposta serviu para que os participantes escolhessem uma das questões socioculturais abordadas por uma tira das atividades desenvolvidas e a relacionassem com a realidade social que eles vivem. Em equipes com três integrantes eles deveriam produzir um texto para conscientizar as pessoas a respeito da questão sociocultural escolhida.

O texto seria produzido em uma folha tamanho A4 e os participantes poderiam utilizar o espaço em branco livremente, dividindo-a em quadrinhos.

Para isso, eles precisaram utilizar seu conhecimento prévio sobre a questão, o conhecimento relacionado ao gênero tiras e o conhecimento que adquiriram a respeito dos personagens da Turma do Xaxado, os quais seriam utilizados nessa produção. Foram disponibilizadas aos participantes cópias diversas dos personagens dessa turma, para que eles as utilizassem como conviesse, pois reconhecemos que nem todos possuem a habilidade para desenhar.

Na última aula das atividades, cada equipe fez a exposição oral do texto produzido e o leu do modo mais expressivo possível, interagindo com toda a turma. As produções foram divulgadas por meio de uma exposição em um local usual no ambiente escolar e depois coletadas para as observações relacionadas à avaliação do desenvolvimento da atividade.

5 ANÁLISE DOS DADOS DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Este capítulo foi dividido em sete seções com o objetivo de analisar os dados dos participantes. A primeira seção mostra a análise das respostas ao questionário aplicado aos participantes antes de iniciar a aplicação das atividades; as seções seguintes, da segunda até a sexta, foram destinadas à análise das respostas dos participantes nas cinco atividades desenvolvidas; finalmente, a sétima seção contém o relato de uma atividade de desdobramento das atividades desta pesquisa.

5.1 Análise das respostas ao questionário

O questionário foi aplicado com o objetivo de averiguar se os participantes apresentavam domínio do gênero discursivo tiras, conforme se propôs diagnosticar. As respostas deram subsídios para se certificar de que as atividades de ensino propostas poderiam ser aplicadas com expectativas de êxito por parte dos participantes. Três aulas antes de iniciar a aplicação da proposta, individualmente, cada participante levou o questionário para casa e teve o prazo de dois dias para apresentar respostas às perguntas. Houve uma aula específica para socialização das respostas na qual eles expuseram o que haviam anotado nos cadernos. Apresentamos, a seguir, o relato das respostas, sintetizando o que a turma discutiu.

1. O que você sabe dizer sobre o gênero tiras?

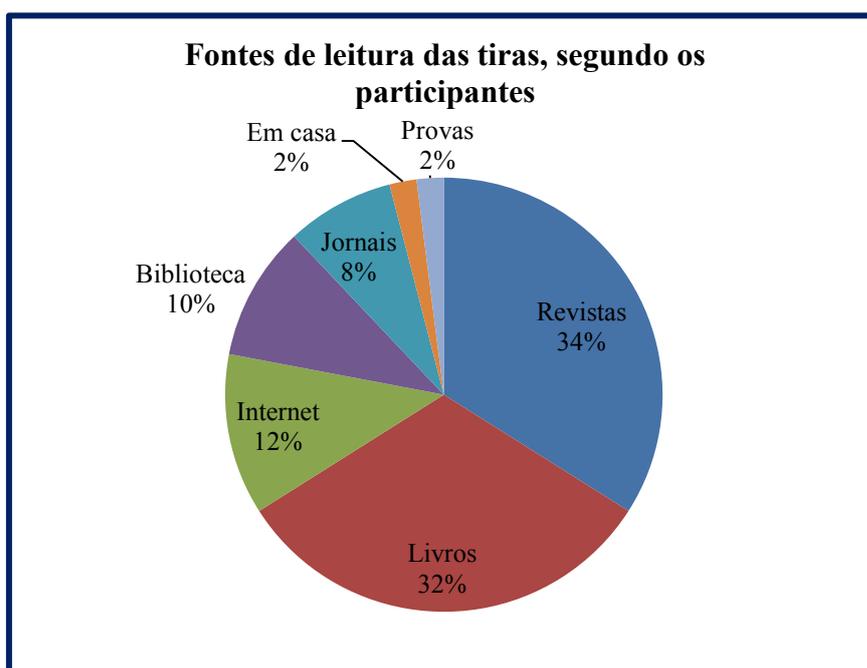
Destacamos nas respostas a essa pergunta o fato de a maioria dos participantes dizerem que as tiras são engraçadas, usando para isso palavras como “humor, diverte, engraçadas, fazem rir.” A parte estrutural foi muito bem lembrada, destacando as referências feitas à construção em quadrinhos, os quais se apresentam em sequência e são lidos da esquerda para a direita; mencionaram o uso das imagens, de balões, de onomatopeias. Responderam que, além de entreterem o leitor, elas apresentam assuntos que nos fazem pensar em melhorar nossas atitudes, apresentando situações comuns às que vivemos. Portanto, segundo as respostas dos participantes, “São textos para fazer rir e criticar.”

Como partimos do pressuposto de que os participantes já apresentavam conhecimento acerca do gênero discursivo tiras, as respostas confirmaram nossas expectativas; percebemos que dominavam as especificidades do gênero. Portanto, durante a aplicação das atividades nos propusemos a esclarecer eventuais dúvidas que surgissem a esse respeito.

2. Onde você mais encontra tiras para ler?

Como a pergunta não apresentou dados limitando as fontes em que os participantes encontram as tiras, cada participante respondeu citando mais de uma fonte, na sua maioria. As respostas se apresentam em um gráfico, em ordem decrescente de referências às fontes, iniciando por revistas e finalizando por provas.

Gráfico 1 – Fontes de leitura de tiras



Fonte: Autoria própria

Nesta resposta, o fato de os participantes citarem as revistas em primeiro lugar nos fez pensar que esta resposta advém do fato de que eles associaram as tiras às histórias em quadrinhos, as quais se apresentam em revistas. No entanto, não corresponde à realidade o fato de eles terem acesso a essas revistas, pois a sociedade em

que vivem na cidade de Guimarães não apresenta condições para aquisição das revistas, considerando que não há nenhum estabelecimento comercial na cidade que disponha desses exemplares. Reforçamos essa análise, diante do dado de haver apenas uma menção ao fato de que em casa se encontram tiras para leitura, confirmando a escassa aquisição desse tipo de livro pelos pais ou responsáveis.

Bastante coerente foi a resposta relacionada aos livros, ressaltando que os participantes adjetivaram os livros como didáticos, de português, escolares. Realmente os livros que eles utilizam na escola são, em nossa realidade, a principal fonte de contato dos participantes com as tiras. O que nos surpreendeu nessa resposta foi eles citarem os livros escolares, abrindo um espaço para pensarmos no uso das tiras não só nos livros de língua portuguesa, mas também em outras disciplinas escolares.

Poucos (apenas 06) relacionaram a leitura de tiras à internet. Nesse caso, percebemos a necessidade de alertá-los para essa possibilidade de ler as tiras, valendo-se desse recurso. O professor deve incentivar essas buscas. Quanto ao fato de apenas 05 citarem a biblioteca da escola, analisamos como coerente, uma vez que em nossa escola há poucos exemplares à disposição dos leitores. Consideramos que os 04 participantes que citaram os jornais, fizeram-no por uma questão de conhecimento, pois em nossa cidade não há circulação de jornal impresso. Surpreendente foi haver 01 citação das provas como fonte de leitura de tiras, dado que raramente os participantes consideram a realização de uma avaliação como um momento de leitura.

3. Você acha fácil ou difícil ler as tiras? Diga por quê.

Nossa impressão a respeito da resposta a essa pergunta foi de otimismo, pois do total de 29 participantes, 24 responderam que acham fácil a leitura das tiras, confirmando nossa expectativa com relação ao desempenho dos leitores (participantes da pesquisa, alunos do 8º ano do ensino fundamental). Dentre os 05 participantes que responderam achar difícil a leitura das tiras, os dados são os seguintes: 02 argumentaram que são difíceis as tiras que não apresentam falas; 01 disse que é difícil de interpretar; 01 disse que algumas são complicadas, 01 afirmou que em algumas as informações estão implícitas e é preciso muita atenção para descobri-las.

Dentre as justificativas apresentadas pelos participantes que consideraram difícil a leitura das tiras, chamou-nos a atenção o fato de um deles considerar que é necessária

muita atenção para encontrar determinadas informações nas tiras. A partir desse posicionamento do participante, confirma-se, conforme Mendonça (2010, p.218), que determinados quadrinhos precisam de bastante conhecimento prévio para sua leitura, ou seja, no momento da leitura, o leitor vai se valer do conhecimento já adquirido ao longo de sua vida para que possa atribuir sentido ao texto.

4. Quando lê uma tira, você percebe nela situações do dia a dia? Pode dar um exemplo?

Obtivemos para essa pergunta um total de 23 respostas em que os participantes afirmaram que percebem nas tiras situações do dia a dia. Citaram de maneira genérica algumas ações que se relacionam com o mundo próprio das crianças (brincar, estudar, comer, tomar banho, passear). No entanto, houve participantes que também fizeram referência a questões sociais (como escassez de água, poluição, extinção de algumas espécies de animais, o desmatamento, o lixo).

Diante das respostas, pressupomos que os participantes, mesmo mantendo um contato maior com tiras que reproduzem atitudes específicas das crianças, já apresentaram também a capacidade de perceber nelas a abordagem de algumas questões sociais que revelam valores relacionados à interação no meio em que se constroem como sujeitos. Tal percepção nos favoreceu o pensamento de que, como leitores das tiras, os participantes já apresentaram uma postura de maturidade.

5. De que personagem de tira você mais gosta? Comente a sua escolha.

Analisando os personagens citados pelos participantes da pesquisa, pudemos constatar que a preferência por tiras nacionais, principalmente pela Turma da Mônica, de Maurício de Sousa, foi realmente destaque. Dentre as 29 respostas, 27 citaram personagens da Turma da Mônica e fizeram comentários sobre suas atitudes (duas outras respostas se referiram a Charlie Brown e Hagar). Portanto, percebemos um elemento em comum entre as respostas dadas à 4ª pergunta e os personagens destacados pelos participantes nesta 5ª pergunta. Sabemos que os personagens da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa, reproduzem as ações típicas do universo infantil

trazendo à tona os eventos que compõem a rotina de uma turminha formada por amigos que dividem todos os momentos de vivência dessa fase da vida.

Como nossa proposta de trabalho pretendia se valer de outra turma dos quadrinhos brasileiros, a Turma do Xaxado, de Antônio Cedraz, ressaltamos a necessidade de, em um primeiro momento, apresentar atividades com o objetivo de os participantes conhecerem os personagens. Assim nosso trabalho com temas específicos obteria mais êxito.

6. Você considera que as tiras são apenas engraçadas ou, além disso, elas nos fazem pensar sobre situações reais?

Todos os participantes responderam que elas são engraçadas. Apenas 01 respondeu que não nos fazem pensar sobre situações reais. Desse modo, a resposta apresentou coerência com a resposta dada à questão 01 em que a primeira característica mencionada pelos participantes foi que as tiras são engraçadas, destacando o humor e a diversão. Confirmamos também a convergência com as respostas dadas à questão 04, na qual os participantes disseram perceber nas tiras situações do dia a dia. Falamos nessa convergência porque, se há percepção do cotidiano, somos levados a refletir sobre as situações importantes que as tiras veiculam.

7. Ao analisar um personagem de uma tira, ou refletir sobre suas ações, seu modo de ser, você já o relaciona com a sociedade e/ou a cultura dele?

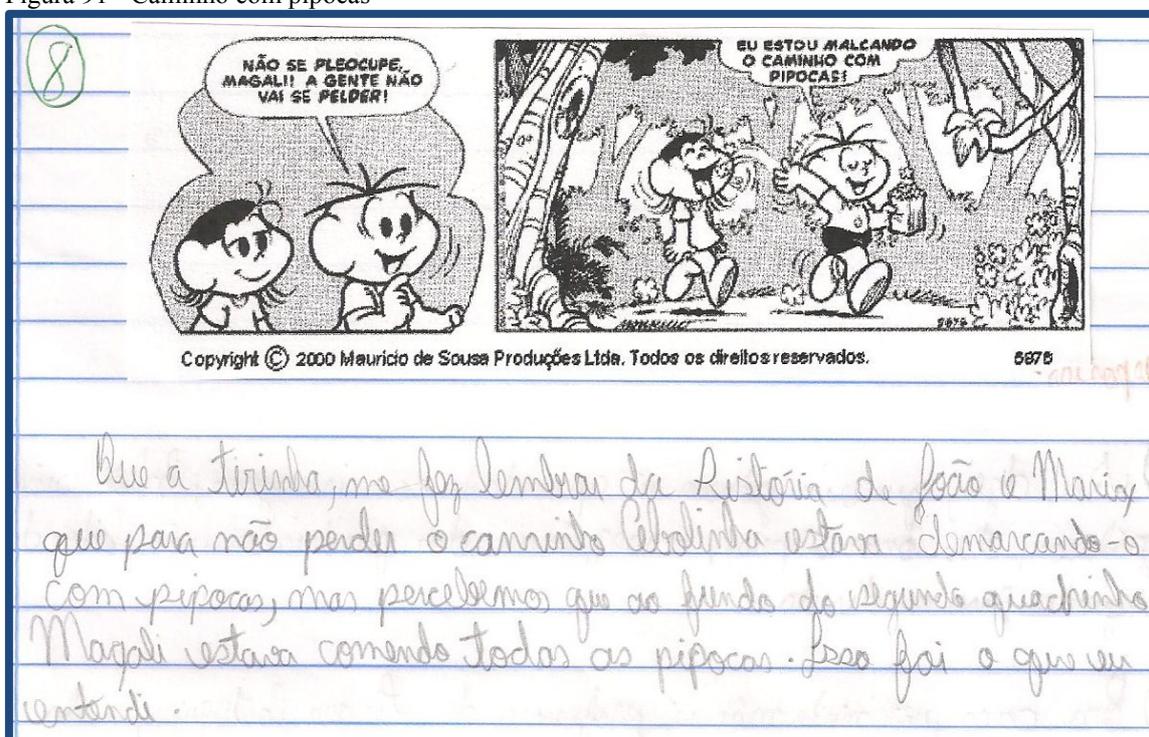
Nossa expectativa com relação a essa pergunta era que os participantes realmente se manifestassem capazes de entender que os personagens das tiras são construídos com base em um entrelaçamento de eventos com a cultura do mundo que representam. Diante disso, notamos que esse aspecto já foi apreendido por uma parcela considerável dos participantes, pois 16 responderam que já fizeram relação do personagem com a sociedade e/ou com a cultura dele. Destacaram elementos como o lugar em que o personagem vive, a roupa que veste, o modo de falar (com destaque para o sotaque de Chico Bento). Sentimos a necessidade de mostrar, por meio das atividades de ensino preparadas para esta proposta, que a cultura engloba mais elementos que aqueles que foram mencionados pelos participantes, tais como meio ambiente, saúde, variação linguística.

8. Pesquise uma tira, cole-a aqui e escreva uma frase que indique o que você entendeu ao realizar a leitura dela.

Para análise das repostas desta questão, selecionamos as tiras apresentadas por alguns participantes com seus respectivos comentários e registramos nossas impressões a respeito. Destacamos tanto os pontos positivos quanto os negativos com o objetivo de nos organizarmos para propor atividades que contribuíssem para minimizar as lacunas percebidas durante a leitura dos textos aqui apresentados.

As tiras analisadas correspondem às figuras de 91 a 98.

Figura 91 - Caminho com pipocas



Fonte: Caderno do participante A6

O participante A6 escolheu uma tira em que demonstrou a capacidade de estabelecer intertextualidade. Para comentar sobre a questão de a personagem Magali comer todas as pipocas jogadas por Cebolinha para demarcar todo o caminho, o participante disse “me faz lembrar a história de João e Maria.” Houve, portanto, a recorrência a um conhecimento prévio para produzir seu comentário, além de perceber, nesta tira, a influência de outro texto já existente.

Figura 92 -Agradecimento a Papai Noel



Fonte: Caderno do participante A7

O participante A7 escreveu uma frase para transmitir sua mensagem acerca da leitura do episódio da tira, fazendo referência a um ensinamento: viver de forma mais humilde diante da abundância dos bens materiais e reconhecer que precisa demonstrar gratidão por possuí-los. O leitor demonstrou que já é competente na leitura desse gênero, pois soube analisar a imagem do segundo quadrinho, no qual a personagem contempla sua grande quantidade de brinquedos, e perceber por meio da fala no último quadrinho (associada à imagem da carta) que a personagem Mônica manifestou sua gratidão e reconheceu que não tinha necessidade de mais brinquedos.

Figura 93 - Monte de creme dental



Fonte: Caderno do participante A10

O conhecimento prévio a respeito da caracterização da personagem Magali, que é comilona, e a informação da necessidade de escovação dos dentes após as refeições para que se tenha saúde bucal são aspectos que se evidenciam nessa análise do participante. Notamos sua facilidade em perceber a complementaridade entre a imagem e o texto. Por exemplo: a imagem das caixinhas na mão de Magali no primeiro quadrinho não mostram claramente do que se trata. A fala de Mônica “Para que esse monte de creme dental?” com o dedo apontado para os objetos carregados por Magali, já nos prepara para o fato da excessiva escovação dos dentes. E isso foi facilmente notado pelo participante A10.

Os comentários referentes às figuras 94, 95 e 96, dos participantes A12, A21 e A16, respectivamente, serão feitos de forma a mostrar uma comparação de leituras diferentes, conforme Kato (1990, p. 40) quando essa autora fala em leitor ascendente e leitor descendente.

Figura 94 - O sujeito prefeito



Fonte: Caderno do participante A12

O participante A12 foi tão sucinto, limitado ao essencial, quanto perspicaz em seu comentário. A percepção da crítica que a tira faz foi muito bem expressa. Percebemos que o leitor compreendeu com muita facilidade a ideia geral e principal do texto. Houve uma leitura em que o leitor, munido de conhecimentos e informações, construiu o sentido do texto. A esse tipo de leitura, Kato chama de leitura descendente. Ela acontece em profundidade, o leitor adentra o texto. No caso da tira, por exemplo, o leitor participante percebeu que o personagem Miguelito ignorou toda a questão gramatical para analisar a frase que Mafalda falava e demonstrou intensa situação de

interação no meio em que vive para falar do descaso da administração pública em relação ao lixo da cidade.

Atitude semelhante a essa no processo de leitura percebemos em A21.

Figura 95 - Brincadeira de governo

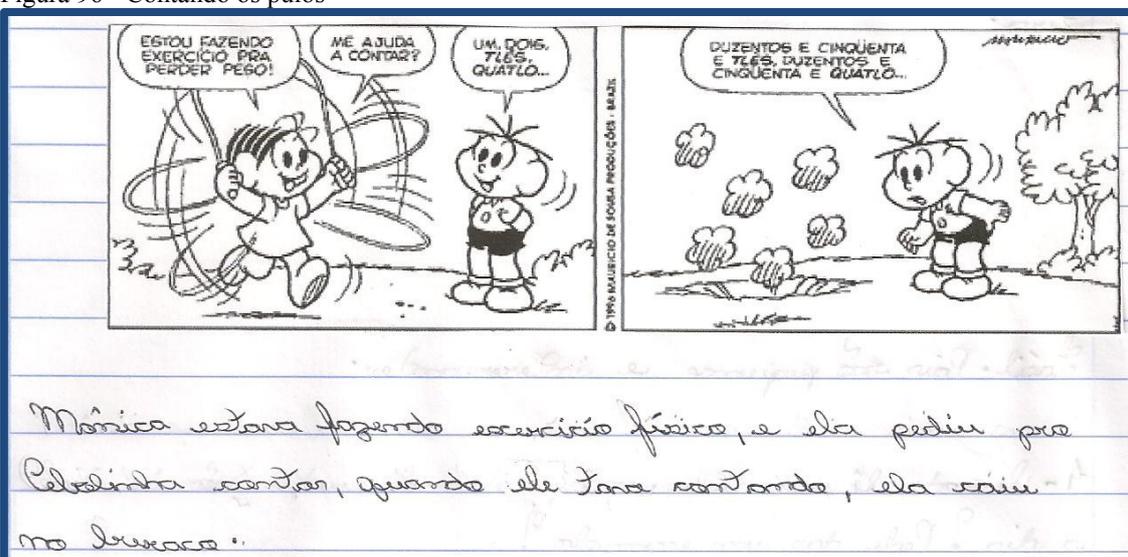


Fonte: Caderno do participante A21

O participante A21 realizou uma leitura em profundidade, atribuindo sentido à tira. Mesmo que o leitor não tenha o conhecimento de que Mafalda é uma personagem do argentino Quino, conhecimento de que época suas tiras foram concebidas, ressaltando a abordagem da problemática social, foi capaz de estabelecer uma relação com o atual momento político vivido pelos brasileiros, explorando a crítica e a ironia. Apesar de não ser eleitor ainda, os posicionamentos dos adultos com quem convive, expressa essa descrença a que se referiu.

Vejamos agora o que acontece na leitura feita pelo participante A16.

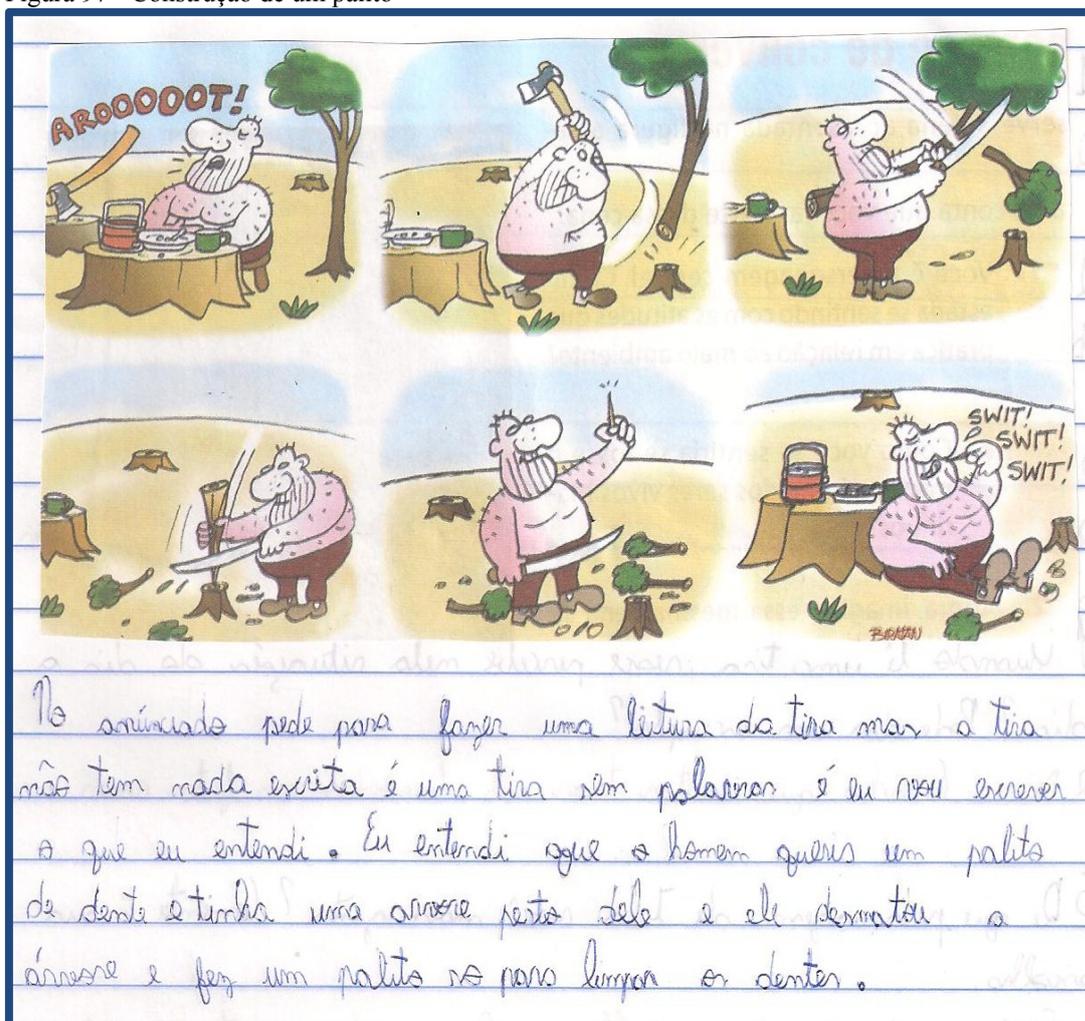
Figura 96 - Contando os pulos



Fonte: Caderno do participante A16

Notamos uma leitura superficial, na qual o leitor, participante A16, se ateuve apenas na base do texto, não faz a leitura nas entrelinhas. Percebemos que apenas extraiu do texto o seu significado. Tudo que escreveu é muito explícito. Não se referiu ao fato de a personagem ser gorda, pular muito possivelmente no mesmo lugar cujo resultado é a superfície não suportar e abrir um buraco, no qual Mônica caiu. Para Kato, esse tipo de leitura é chamado de ascendente: o leitor simplesmente extrai o significado do texto.

Figura 97 - Construção de um palito



Fonte: Caderno do participante A25

Para análise do comentário de A25 vamos nos fundamentar em Lins (2014, p.215): “Os textos em quadrinhos apresentam uma modalidade própria de linguagem. Operam com dois códigos de signos gráficos: a imagem e a linguagem escrita. Há momentos em que o elemento visual assume todas as funções de expressar o tópico”. Observamos que o participante se preocupou com o fato de fazer a leitura de um texto

em que não há palavras. No entanto, de forma ascendente, conforme Kato (1990, p.40), ele conseguiu expressar o que entendeu do texto, explorando exclusivamente a parte visual, as imagens. O próprio participante, quando usa a expressão “Eu entendi”, mostrou que é possível sim a leitura das imagens.

Figura 98 - Saída do vidro



Fonte: Caderno do participante A29

A frase que expressa o comentário do participante A29 manifesta que ele conseguiu entender a temática da tira, mas não se expressou bem por escrito. Faltou uma leitura nas entrelinhas e desenvolver a capacidade de relacionar a complementaridade que há entre a imagem e a parte verbal. Ao dizer que “cada um enxerga o outro da mesma forma”, o leitor não levou em conta que essa mesma forma se torna diferente quando extrapola o limite do vidro. De cada lado do vidro há vida, mas em condições diferentes. E nessas vidas em condições diferentes os julgamentos alheios é que tentam aproximá-las.

Diante da análise das respostas dos participantes, confirmamos que eles apresentaram domínio de leitura do gênero discursivo tiras, tanto no que se refere aos elementos composicionais quanto às diferentes temáticas abordadas. Perceberam a importância dos elementos constitutivos sem dizê-los separadamente, mas por meio dos relatos, explicitaram esse entendimento, no que se refere à contribuição para a

construção de sentidos. Destaque também para as análises nas quais se perceberam leituras em que houve a postura ativa do leitor, manifestando, por exemplo, conhecimento de intertextualidade (como na figura 91 , participante A6), facilidade em perceber a crítica feita (figuras 94 e 95, participantes A12 e A21). Portanto, pelo entendimento demonstrado pelos participantes acerca do gênero tiras, consideramos que eles já possuíam os conhecimentos relevantes para realizar atividades propostas na intervenção visando compreender questões sociais e culturais veiculadas pelas tiras.

5.2 Apresentação da Turma do Xaxado

Para iniciar a aplicação da proposta de intervenção, a primeira atividade desenvolvida foi procurar os conceitos de **xaxado** e **cangaço**. Os participantes da pesquisa procuraram em fontes variadas, com predominância do dicionário e anotaram no caderno cada um dos conceitos. Eles também pesquisaram imagens com o objetivo de ilustrar tais conceitos. Para **xaxado**, o conceito foi:

XAXADO: dança de origem pernambucana, cujo ritmo é marcado por batidas dos pés no chão ou por um canto geralmente sem acompanhamento musical. (Dicionário Didático de Língua Portuguesa, de Rogério de Araújo)

A imagem da figura 99 foi usada como ilustração para caracterização de dançarinos de xaxado pelo participante A2, que pesquisou a imagem e depois a colocou em seu caderno.

Figura 99 - Dançarinos de Xaxado



Fonte: Caderno do participante A2

Um texto que sobressaiu e chamou a atenção dos participantes na conceituação de **cangaço** foi:

CANGAÇO: O cangaço foi um fenômeno nordestino integrado por nômades que usavam violência para cometer crimes na região. O termo cangaço é proveniente de canga, uma peça de madeira utilizada em pescoços de boi para transporte. Como os chamados cangaceiros tinham que carregar todos os seus pertences junto ao corpo, deu-se o nome a partir da associação. As origens do movimento estão nas próprias questões sociais e fundiárias do nordeste. Para enfrentar tal panorama, homens isolados ou em bando assaltavam fazendas, sequestravam e matavam coronéis e saqueavam o que podiam. Os cangaceiros, em geral, viviam cometendo crimes, fugindo e se escondendo. Contudo, conheciam bem a natureza do cerrado brasileiro e, por isso, tinham ampla vantagem na hora de fugir das autoridades. Era da natureza também que tiravam todos os recursos para enfrentar as adversidades. (Fonte: <https://brainly.com.br/tarefa/5257469>. Acesso em 31. mai.2017)

Fonte: Caderno do participante A8

A imagem da figura 100 também foi usada como ilustração pelo participante A2, com os mesmos procedimentos relacionados à figura 99.

Figura 100 - Cangaceiros



Fonte: Caderno do participante A2

Os participantes manifestaram bastante interesse em usar o dicionário para encontrar os conceitos. No entanto, para conceituar cangaço, o participante A8 apresentou para a turma o texto que buscou pela internet. Foi um momento em que os participantes interagiram bem, discutindo as informações apresentadas. Além disso, o participante A26 procurou mais sobre a dança xaxado, por meio de vídeos e comentou ser uma dança que se assemelha à catira. Pontuou também sobre as roupas rodadas, remetendo ao estilo dos cangaceiros, além do fato destes usarem armas para mostrarem poder e se defender. O participante demonstrou conhecimento de mundo relacionado à

dança, sendo capaz de relacionar a catira ao xaxado, que se aproximam por ambos os ritmos apresentarem a batida dos pés.

Prosseguimos com as atividades de intervenção e realizamos a atividade de apresentação dos personagens da Turma do Xaxado, conforme quadro 5, páginas 84-85. Os passos seguidos foram coerentes com a proposta: distribuição das figuras (imagens dos integrantes da turma de personagens) e os textos contendo a descrição de cada um deles. Após os participantes lerem as descrições e identificarem os personagens, propriamente ditos, os relatos são os seguintes: na identificação do Xaxado houve facilidade em identificar devido ao chapéu que faz ligação com Lampião; a personagem Marieta segura um livro nas mãos e na parte verbal lê-se “Apaixonada por livros”, o que facilitou bastante a relação. Aproveitamos para questionar se, conforme a concepção de Marieta, há pessoas que realmente falam errado (alguns participantes responderam que ela corrige porque, na sua visão, está certa).

Com relação à personagem Marinês, a identificação se estabeleceu devido à presença, no texto descritivo, de palavras como natureza, plantas, ar e a forma feliz, animada como ela se apresenta, correndo em contato com a natureza. Nesse momento, o pesquisador/mestrando disse que seria fácil também porque eram apenas duas mulheres e Marieta já havia sido identificada. Apenas um participante - A12 - discordou. Seu procedimento foi o seguinte: quando leu na descrição que Capiba era irmão de Marinês, observou a cor negra³⁶. Porém o participante teve receio de comentar esse procedimento para a turma porque na sala de aula havia um colega negro. A colega participante próxima a ele é que comentou com tom de voz baixo, apenas para o professor/mestrando, enquanto o A12 olhava timidamente para os colegas.

Para identificar o personagem Capiba, a clareza consistiu na evidente associação entre a palavra cantador e a imagem do violão. Os participantes expressaram que não conheciam o artista Luiz Gonzaga³⁷. O integrante Zé Pequeno foi analisado como aquele preguiçoso que até parece que anda dormindo; perceberam também a falta de cuidado com os dentes. Finalmente, para dizerem qual era Arturzinho, estabeleceram facilmente a ligação entre o cofre e o dinheiro. Observaram a diferença entre seu chapéu, que é branco, e o chapéu de Xaxado, que é de vaqueiro. Para eles, foi uma

³⁶ Observem que os dois personagens, os irmãos Marinês e Capiba, são negros. Isso fez com que o participante A12 não quisesse falar para todos os colegas participantes ouvirem, com receio de constrangimentos devido à questão racial, uma vez que entre os participantes havia um colega negro.

³⁷ A partir da manifestação dos participantes quanto a não conhecerem o artista Luiz Gonzaga, pedimos a eles que fizessem pesquisas na internet tanto com relação a textos quanto a imagens do artista. Em aula posterior os participantes expuseram o que encontraram a respeito.

forma de perceber o poder que Arturzinho, o coronelzinho da turma, exerce sobre os demais personagens.

Na análise das respostas, percebemos a importância das imagens para o entendimento e a identificação dos personagens pelos leitores no que se refere, inclusive, a sua cultura; por exemplo, o chapéu de cangaceiro usado por Xaxado. Conforme Cagnin (2014, p.65) “O relacionamento da imagem com o contexto extraicônico se faz com os elementos do repertório ou com o que surgir no ato de leitura de imagem”. Assim, a imagem do chapéu é que possibilitou, no momento da leitura da descrição da personagem, a célere identificação de Xaxado entre todos os outros personagens da turma.

Outro ponto a ser destacado é que os participantes já abordaram questões que influenciam no convívio social. Duas situações confirmam esta observação: primeiro, o fato de o participante A12 não querer dizer diante da turma que havia observado a informação de Capiba ser negro, justamente para evitar possíveis discussões acerca do preconceito racial; segundo, a diferença que estabeleceram entre os chapéus de Xaxado e Arturzinho evidencia as desigualdades econômicas entre eles, as quais acabam interferindo também na relação social.

Em sequência, propusemos algumas atividades que enfocavam os personagens separadamente. De modo geral os participantes tiveram bastante facilidade devido à assimilação do conteúdo da proposta anterior. Ressaltamos que uma das atividades realizadas em praticamente todas as tiras foi que os participantes as lessem expressivamente.

Em nossa análise, comentamos algumas observações dos participantes:

Na figura 53, página 86 – Escolha de bichos - uma resposta interessante foi que Arturzinho gosta de dinheiro, falaram que “leão” é feroz nos impostos. Sabiam que Imposto de Renda se relaciona a dinheiro, mas quiseram saber o que era mesmo esse imposto. Conforme Kleiman (1992, p. 13) “o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe”. No entanto, o simples fato de saber que Imposto de Renda se relaciona a dinheiro não foi suficiente para atribuir sentido à tira, os participantes quiseram saber algo a mais.

Com relação à leitura da figura 56, página 87 (A natureza é uma mãe), os leitores manifestaram dificuldades para ler por meio das imagens a retirada de água dos cactos em um ambiente muito seco. Argumentaram não terem conhecimento do que os personagens faziam, ou seja, entendemos que os participantes se defrontaram com uma realidade que não faz parte do mundo deles. Por isso precisaram da intervenção do

professor para que compreendessem a tira. A atitude do professor, quando o leitor apresenta alguma dificuldade foi compreensível conforme Solé (1998, p. 77): “intervir de forma segura nas necessidades dos alunos”. Esse procedimento contribui para que o leitor realmente compreenda o texto.

Para registrar o final desta primeira parte da proposta, houve o momento em que os participantes conversaram sobre os personagens, relacionando-os ao seu espaço de convivência. Em princípio, transcrevemos as perguntas para que possamos compreender melhor as respostas:

- Há alguém na turma que possui características semelhantes às dos personagens?
- Você conhece alguém assim na sua família ou no grupo de amigos?
- Qual dos personagens você gostaria de ser? Quais são as características semelhantes entre você e esse personagem?

Para conversarem a respeito destas questões, os participantes demonstraram bom entrosamento, interagiram bastante e mostraram que conheciam bem as características da maioria dos colegas. Destacaram os colegas que leem mais, os que são autoritários, preguiçosos, dormem durante as aulas, gostam de cantar, gostam de plantas e de animais. Alguns falaram por eles mesmos, ressaltando suas experiências de vida, como:

- A25 – Seria Xaxado porque gosta do campo (a família tem ligação com a área rural).
 A1 – Disse que seria Marieta por gostar de estudar Português.
 A4 – Seria Marinês porque gosta de plantas. Mas não gosta de animais.
 A23 - Seria o Zé Pequeno porque não gosta de estudar, é preguiçoso.
 A21 - Seria Marieta porque gosta de estudar Português, de ler, mas não corrige os outros que estão a sua volta, pois cada um tem o seu jeito de falar.

Com relação à fala de A21, compreendemos que o participante manifesta consciência, ainda que limitada, sobre a questão da variação linguística. O fato de não corrigir a fala do outro, reconhecendo que cada um tem o seu jeito de falar, demonstra o reconhecimento de diferenças no uso da língua. Também, quando disse que não corrige os outros, concebemos uma atitude de tolerância; no entanto ficou implícito se o participante tem ou não preconceito linguístico.

Com relação ao tema do preconceito linguístico, durante a aplicação das atividades, tivemos bastante cautela para não tornar o personagem Zé Pequeno uma evidência de falante de variedade estigmatizada. Atentamo-nos para uma recomendação exposta em um exemplar do material que pesquisamos para a elaboração da proposta: “As expressões regionais apresentadas na fala do Zé Pequeno devem ser entendidas não como um desvio da norma culta, mas uma maneira própria de se expressar que é uma característica dos moradores menos letrados da região” (CEDRAZ, 2012, p. 2).

A recomendação vai ao encontro da constatação de que

é visível nos LD (livros didáticos) a tendência a tratar da variação linguística em geral como sinônimo de variedades regionais, rurais ou de pessoas não escolarizadas. (...) Essa visão pouco adequada do fenômeno é o que explica a insistência dos LD em apresentar como exemplos de variação linguística tirinhas do personagem Chico Bento (de Maurício de Sousa) (BAGNO, 2013b, p.82-83)

Por isso, nos esforçamos para procedemos de forma que esse mesmo equívoco não acontecesse com as atividades propostas com o personagem Zé Pequeno, mas que conforme a recomendação do autor Cedraz pudéssemos agir de forma que as diferenças socioculturais de que o personagem é representante fossem valorizadas.

Após a realização desse primeiro momento, destacamos que o objetivo de conhecer os personagens da turma foi alcançado e que os participantes apresentaram mais facilidade para desenvolver as atividades seguintes.

5.3 Oficina 1 – Meio ambiente

Inicialmente, os participantes fizeram pesquisa sobre o conceito de meio ambiente e depois leram na sala as principais informações encontradas a respeito. Em seguida, elaboraram em conjunto um conceito mais abrangente que foi o seguinte:

MEIO AMBIENTE não se refere apenas ao espaço físico (rural ou urbano); mas envolve também os espaços sociais em que as pessoas se relacionam, considerando as características culturais, econômicas e sociais.

Houve também uma proposta em que se pediu aos participantes para enumerarem os elementos do meio ambiente, relacionados ao espaço rural e ao espaço urbano, foram mencionados elementos que tornam visível, de maneira convencional, cada espaço, mas também relacionaram outros que nos surpreenderam por nos fazer pensar que no espaço urbano não há apenas destruição e poluição³⁸. Por exemplo, enquanto que para o ambiente rural citaram mais vegetação, animais, plantações, pomares, para o ambiente urbano falaram em parques e praças e zoológicos. Os participantes pensaram em atitudes positivas em relação ao meio ambiente urbano: a relação que estabeleceram entre zoológicos (espaço urbano) e simplesmente animais (espaço rural, campo) e entre mais vegetação (espaço rural) e parques e praças (espaço urbano) deixa claro o olhar que os participantes tiveram para as ações que se dedicam à conservação do espaço em que se vive, mesmo que com perspectivas diversas.

Considerando que a área rural do município de Guimarães é repleta de plantações de verduras e hortaliças e, atualmente, elas fazem uso constante de agrotóxicos, selecionamos três tiras que abordam este tema para que os participantes pensassem sobre a questão.

Em primeiro lugar mostramos a figura 62, página 92 (Tomates fresquinhos) e questionamos os participantes a respeito da confiança que têm em consumir de forma saudável os produtos oriundos do campo. Apenas um participante (A29) respondeu de maneira afirmativa:

A29 - SIM. Porque antes de chegar em supermercados, sacolões e feiras, provavelmente são lavados e higienizados.

No entanto, ao ser questionado pelos colegas participantes, ele não manteve a resposta, pois os colegas destacaram convictamente que a palavra “provavelmente” indicava que ele não demonstrava segurança na resposta.

Em segundo lugar, por meio da figura 63, página 93 (Inseticida), propusemos que os participantes refletissem a respeito das consequências sofridas pela natureza devido ao uso dos inseticidas. As respostas não apresentaram muita discussão, enfatizando a ideia dos malefícios que causam à vida humana e também acabam afetando o espaço em que se vive. Ressaltamos na leitura da tira a percepção de um

³⁸ A figura 67, página 95 (Sinais do progresso) mostra essa ideia de que, quando se fala do meio ambiente no espaço urbano, a tendência é dar destaque à destruição e à poluição.

participante quanto ao uso da língua, no momento em que o padre conversa com o personagem Arturzinho, chamando-o simplesmente de “Artur”. O participante comentou que o padre estava bravo e advertindo o Arturzinho. Ele demonstrou o conhecimento de que o uso do diminutivo no nome sugere afetividade, assim como dizer o nome sem o diminutivo é uma forma de chamar a atenção para a seriedade da conversa.

Finalmente, na terceira tirinha analisada, figura 64, página 93 (Terra doidona), Arturzinho percebe que a terra está ficando “doidona” e pede a Tião que corte os agrotóxicos. Questionamos então se o personagem havia pensado nos consumidores ao sugerir que parasse de usar agrotóxicos. Destacamos três respostas que, na ordem em que as relacionamos (A14, A27, A6) há uma leitura ascendente para descendente³⁹, conforme Kato (1992):

A14 - Não, pensou em suas plantações que não estavam saindo conforme ele planejava.

A27 - Ele pensou na terra que estava doidona.

A6 - Ele só pensou em si mesmo, no prejuízo que a plantação lhe deu.

Falamos que a ordem das respostas sugere uma leitura ascendente para descendente porque partimos do que está bem explícito no texto (o agricultor não tinha o controle das plantações, pois plantava uma coisa e nascia outra diferente – o que fica evidente nos dois primeiros quadrinhos), passa pela conclusão da personagem de que a terra estava “doidona” (o leitor se torna cúmplice do autor da tirinha, pois não é normal plantar algo e nascer outra coisa diferente) e finalmente há uma leitura em que o sujeito fez uso de conhecimento de mundo (Arturzinho é ambicioso, gosta de dinheiro) inferindo que ele foi extremamente egoísta, pensando apenas em si mesmo, financeiramente. Foi bem empregada a palavra “só” na resposta do A6, sugerindo que Arturzinho não pensou nos consumidores dos produtos agrícolas, conforme se pediu para analisar.

Concluindo o debate sobre o uso dos agrotóxicos, os participantes levantaram a questão de que em nossa escola (instituição coparticipante desta pesquisa), a horta, cujos produtos são utilizados na merenda escolar, não faz uso dos agrotóxicos, apenas

³⁹ Destacamos aqui o fato de que são respostas de participantes diferentes, no entanto no momento da reflexão foram expressas no ambiente da sala de aula, numa atividade de socialização das respostas em que os participantes juntos contribuem para a compreensão.

de adubo orgânico. Assim, as análises dos participantes comprovaram que eles se preocupam com os danos causados ao meio ambiente.

Quando apresentamos outras duas tiras – figura 65 (Lixo no lixo) e 66 (Boa Educação) página 94, propusemos que os participantes apresentassem sugestões de ações que ajudassem as pessoas a lidarem com o problema do lixo no espaço urbano. Expomos alguns exemplos:

A11: Promover uma campanha de conscientização.

A17: A escola poderia organizar um projeto entre as turmas sobre esse tema, premiar a classe que conservou a sala limpa, ensinar sobre os problemas ambientais que o lixo fora do lixo pode causar, entre outras ideias.

A24: Pedir para as crianças fazerem cartazes sobre a natureza e sobre a poluição. E falar para não jogar lixo fora do lixo.

A23: Ensinar a jogar lixo no lixo. Explicar por que não jogar lixo na rua ou em qualquer outro lugar se não na lixeira, pois polui muito.

Notamos que os participantes apresentaram dificuldades para sugerir propostas que possam, de fato, ser executadas. Apresentaram sugestões que são ouvidas no dia a dia, e para algumas delas não apontaram o elemento agente.

Para finalizar as discussões sobre o meio ambiente, foi pedido aos participantes que elaborassem tirinhas em que pudessem mostrar cuidado e contribuições para a preservação do meio ambiente. Vamos analisar três delas, sendo as figuras 101, 102 e 103:

Figura 101 - Nuvem no sertão e na cidade



Fonte: Caderno do participante A12

Na produção da tira, seu autor se valeu da exploração de espaços diferentes (sertão e cidade) com um impacto contraditório (coisa boa/coisa ruim) de um mesmo ser

(a nuvem). No primeiro e no segundo quadrinhos observamos que não há imagens que caracterizam o espaço.⁴⁰ Mas há o conhecimento já adquirido de que os personagens Xaxado e Zé Pequeno vivem no sertão nordestino brasileiro, região de muita seca. A palavra nuvem, no segundo quadrinho, representa a esperança de chuva, o que seria bom para eles. Entretanto, no terceiro quadrinho, no qual aparece o cenário urbano, poluído pelas indústrias, a palavra nuvem agora aparece em sentido figurado (nuvem de fumaça). Ainda no terceiro quadrinho, a imagem dá ideia da poluição de forma geral: poluição do ar (nuvem de fumaça), da água (rio poluído), do solo (desmatamento).

Apresentamos a segunda tira:

Figura 102 - Limpeza da praça



Fonte: Caderno do participante A24

Observando bem o primeiro e o último quadrinhos, identificamos a proposta do autor e a crítica que ele fez. Na fala do primeiro quadrinho “Olha só essa praça toda suja” há uma situação de descuido que motiva toda a ação da personagem; nos quadrinhos seguintes aparece alguém que tem a mesma ideia e juntos eles limpam o local. No último quadrinho, o mesmo personagem que falou no primeiro, diz “Olha como está bem melhor”. Nesse quadrinho, o verbo **olha** não mais apresenta um tom de

⁴⁰ Conforme Silva (2005, p.22) uma das características dos quadrinhos brasileiros é “a falta de elaboração dos cenários”. Isso exige uma compensação para que sejam bem compreendidos.

advertência como no primeiro, mas sim de perceber com encantamento toda a transformação pela qual a praça passou, resultado da ação dos personagens.

É fácil notar que o participante apresentou dificuldade para “desenhar bem”, mas transmitiu com eficiência a mensagem. Ao fundo do primeiro quadrinho há objetos dispostos de forma que denota sujeira; ao fundo do último quadrinho há o verde, borboletas, enfeite de Natal, pássaros voando. O autor da tirinha também explorou a fisionomia do personagem numa situação de contraste: no primeiro quadrinho, está assustado, inconformado diante do que vê; no último apresenta uma fisionomia de alegria, sorriso. É o resultado de ser agente, participar e contribuir com melhorias no ambiente em que vive.

Ainda sobre a temática do meio ambiente vamos analisar a terceira tira:

Figura 103 - Chiclete



Fonte: Cadernos dos participantes A4 e A26

Os participantes que criaram a tira abordaram a temática, relacionando-a à própria faixa etária. Adolescentes em geral gostam muito de mascar chiclete. Na tira, além de o personagem dizer isso explicitamente, a onomatopeia (usada em duplicação, sugerindo a repetição da ação de mascar) confirma esse hábito. No segundo quadrinho está o motivo de toda a indignação da personagem Marinês que se lê no terceiro quadrinho: Zé Pequeno joga a goma do chiclete no solo. Com certeza vai demorar bastante tempo para se decompor, o que se confirma a informação colocada na fala de Marinês: cinco anos. Destacamos que as participantes pesquisaram, construíram conhecimento para elaborar a tira, com o intuito de melhor conseguir a conscientização dos leitores.

Por fim, consideramos que os participantes demonstraram por meio da realização das atividades propostas, relacionadas à temática do meio ambiente, que são capazes de perceber os problemas socioambientais e pensar em ações possíveis para minimizar a situação.

As próximas análises das atividades estão relacionadas ao tema saúde.

5.4 Oficina 2 - Saúde

Esta oficina também se iniciou com o entendimento do conceito de seu tema: saúde. Os participantes trouxeram conceitos anotados no caderno, na primeira aula. Após a leitura deles, anotaram também o conceito que todos criaram juntos:

SAÚDE: significa o estado de normalidade de funcionamento do organismo humano. Ter saúde é viver com boa disposição física e mental. Além da boa disposição do corpo e da mente, a OMS (Organização Mundial da Saúde) inclui na definição de saúde, o bem-estar social entre os indivíduos.

Durante a discussão do conceito pelos participantes, destacamos os seguintes pontos: saúde não é apenas ausência de doença física; há também as doenças psicológicas; a saúde inclui as boas condições de vida na sociedade em que estamos inseridos.

Nesta oficina as atividades foram propostas em duas partes. Na primeira parte, procuramos levar os leitores a pensar em problemas de saúde e pensar maneiras de minimizá-los. Para isso, foram apresentadas três tiras (figuras 70, 71 e 72).

Na tira Semana de descanso (figura 70, página 99) destacamos a observação do participante A14, dizendo que Arturzinho é rico, tem computador e seu funcionário é pobre. Nessa observação notamos a relação de poder entre os interlocutores na qual o empregado se dirige humildemente (inclusive com postura curvada) ao patrão, dizendo-se estressado e querendo uma semana de descanso. Outro participante, A8, não viu uma saída para solucionar o problema:

A8 – Serviço de roça é assim mesmo, trabalha de domingo a domingo. Essa é a rotina do meu pai.

O participante analisou a situação a partir de sua vivência, do conhecimento de mundo que tem a partir da rotina de trabalho do próprio pai. Ou seja, utilizou os hábitos, os costumes da família para ler a tira.

Na leitura da figura 71, página 100 – A rapadura – os participantes se ativeram ao que é essencial na prevenção da cárie dentária, principalmente evitar o excesso de doce e visitar regularmente o dentista. Finalmente, na figura 72, página 100 - O bebum - os participantes apontaram o problema do alcoolismo e manifestaram que o que pode evitá-lo é “beber moderadamente”.

Na segunda parte das atividades, a reflexão dos participantes foi voltada para a proposição de mudança de atitudes para se conseguir uma vida mais saudável. O que se pediu foi que após analisarem as tiras (figuras de 73 a 76) os participantes escrevessem como os personagens deveriam agir para evitar os problemas de saúde.

As propostas dos participantes foram as seguintes: na figura 73, página 101 – Leite e manga – Xaxado deve comer menos; na figura 74, página 101 – Usar o mato é mais barato – os participantes tiveram dificuldade para responder, devido ao fato de não ser hábito deles “usar o mato”. Até quem vive na zona rural (três participantes) sempre teve em casa o banheiro com vaso sanitário. Na figura 75, página 101 – O mosquito da dengue – perceberam a campanha de conscientização para se evitar a dengue. No entanto, o participante A8 fez uma leitura com mais profundidade: explorou a alegria dos personagens no último quadrinho de duas maneiras, observando que apenas neste quadrinho o dono do bar sorriu. A alegria dos fregueses é percebida de maneira óbvia por estarem bebendo e esvaziando as garrafas, mas para o dono pode ser motivo de lucro: quanto mais garrafas vazias houver, mais ele terá vendido. Na figura 76, página 102 – Alimentação equilibrada – perceberam a afinidade entre o personagem Zé Pequeno e a Magali da Turma da Mônica, criticando em ambos o exagero na alimentação.

Para finalizar as atividades dessa oficina, os participantes deveriam produzir tiras retratando o problema da saúde, buscando exemplos próximos à realidade deles. No entanto as tiras apresentadas não corresponderam à expectativa; falaram de saúde, mas de uma forma geral. Selecionamos três delas para fazer os comentários (figuras 104, 105 e 107):

Figura 104 - Arturzinho gripado



Fonte: Caderno do participante A22

No que se refere à temática da saúde, o participante falou sobre um resfriado, usando conhecimentos que fazem parte do senso comum: pode-se resfriar se sair no frio, sem agasalho de frio. No entanto há outras análises que não poderiam deixar de ser comentadas por terem sido usadas de forma bastante expressiva. Nos dois primeiros quadrinhos, a figura das duas personagens (Marieta e Marinês) se apresentam de um tamanho “normal”, diferentemente do terceiro quadrinho em que o personagem Arturzinho se apresenta de tamanho bem maior que elas. O participante A22 argumentou que desenhou assim para mostrar a superioridade de Arturzinho em relação às duas. Uma questão linguística bem explorada foi o emprego ambíguo do verbo espirrar: para Marieta tem o sentido de dar espirros, consequência do resfriado; já para Marinês o sentido é de expelir, arremessar. No caso, ela sabia que Arturzinho é rico e esperava conseguir um pouco de dinheiro dele; inclusive é nesse fato que se constrói o humor da tira.

Vamos comentar a segunda tira:

Figura 105 - Cenoura, abacate e doces



Fonte: Cadernos dos participantes A4 e A26

Os participantes fizeram pesquisa sobre os benefícios da cenoura e do abacate para a saúde e, na tira, colocaram em forma de perguntas para os personagens que realmente sabiam responder. Para Zé Pequeno a pergunta foi feita de modo a gerar o humor. Fужão da escola, pressupõe-se então que tenha pouco conhecimento, deu uma resposta fundamentada no senso comum. Não há conhecimento que procede, relacionando doces e vermes.

Na terceira tira vamos analisar a crítica que se faz ao sistema público de saúde no Brasil. Entretanto, simultaneamente à análise da crítica, procederemos ao relato de como a tira foi produzida uma vez que ela não apresenta uma ideia original. As participantes acessaram o Google, buscando por **Charges sobre saúde**, pesquisando em **Imagens**. Dentre os resultados obtidos, estava a seguinte charge (figura 106):

Figura 106 - Charge Saúde no Brasil



Fonte: <http://chargesdodenny.blogspot.com.br/2013/01/demora-no-atendimento-da-saude-no-brasil.html>
Acesso em 18. jan. 2018

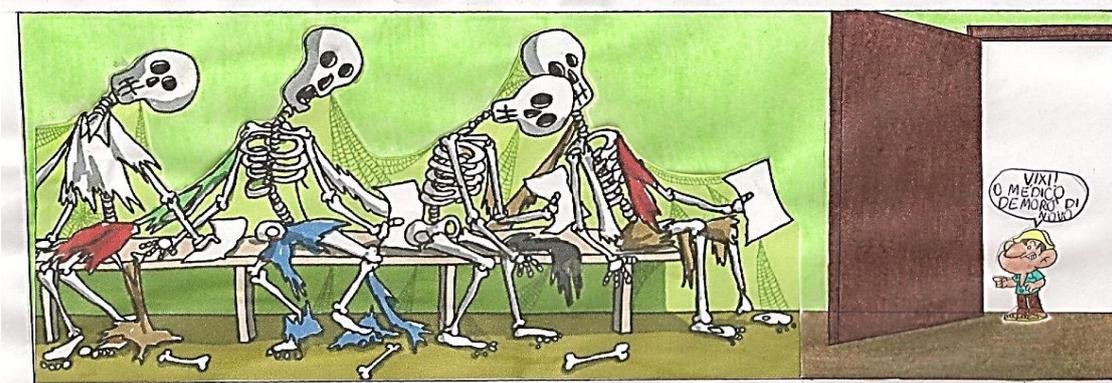
No que se refere às imagens, os participantes recortaram os desenhos dos esqueletos, colaram em uma folha em branco e mantiveram o fundo verde da parede. Desenharam a porta e substituíram a imagem do médico pelo personagem Zé Pequeno, da turma do Xaxado. Durante a aplicação das atividades, dissemos aos participantes que poderiam utilizar o recurso da colagem, uma vez que

Com relação ao uso dos quadrinhos como recurso pedagógico, geralmente se esbarra na dificuldade por parte de algumas crianças, jovens e adultos em desenhar. Frente a isto, o já citado pesquisador Edgar Franco, indica três maneiras diferentes de se trabalhar com essa ferramenta como alternativas ao desenho em si, são elas: por meio de fotografias, colagem e técnicas tridimensionais. (...) Na técnica de colagem os alunos devem usar imagens diversas adquiridas de outras fontes como revistas, jornais ou mesmo escolhidas para impressão (SILVA, 2013, p.50-51).

Assim, a forma como os participantes trabalharam a parte visual nesta criação está em consonância com as sugestões para eliminar eventuais dificuldades durante a utilização dos quadrinhos em sala de aula.

Com relação à parte verbal, substituíram a fala do médico na charge pela fala de Zé Pequeno e criaram a tira. A produção final ficou assim:

Figura 107 - Atrasos médicos



Fonte: Cadernos dos participantes A11, A20, A21

Faz-se necessário refletir os conceitos de charge e tira para justificarmos os procedimentos das participantes nesta atividade.

O conceito de tira já foi exposto nesta dissertação, página 24, conforme Travaglia (2015, p.70). Para a charge, assumimos que se trata de

um texto humorístico ligado quase invariavelmente à crítica social de um momento ou de uma ação de um ser identificável na sociedade. (...) A charge pode ser composta por linguagem visual (geralmente desenhos), sendo ou não associada à linguagem verbal (TRAVAGLIA, 2015, p. 71).

Os dois conceitos, de tira e de charge, destacam a crítica social como elemento comum entre elas. Tanto na charge quanto na tira criada pelos participantes (figura 107) a crítica acontece pela associação das imagens dos esqueletos sentados às falas dos personagens, evidenciando a longa espera de pacientes na rede pública de saúde no Brasil aguardando atendimento médico. Na charge a fala do médico (que é a voz do sistema de saúde) é intensamente irônica, reforçando um descaso que há para com a população em relação à atitude de otimizar o atendimento. Na tira, Zé Pequeno (personagem cuja presença representa a manifestação da população) por meio da fala

“Vixi! O médico demorô di novo!” denota que o fato é rotineiro, o que se reforça pelo emprego da expressão “di novo”.

Concluimos as atividades desta oficina sobre saúde mostrando que os participantes pensaram a saúde para além das condições físicas, mesmo conservando aspectos relacionados ao senso comum. Acrescentamos que, para a criação de tiras sobre o tema, houve pesquisa e atitude crítica.

5.5 Oficina 3 – Variação Linguística

Para iniciar as atividades com o tema da variação linguística, desenvolvemos uma atividade oral lendo a tira Falar certo e errado, figura 78, página 106. Primeiramente solicitamos aos participantes que lessem a tira e depois comentassem as seguintes questões⁴¹: i) o que é falar errado?; ii) o que é falar certo?; iii) como as pessoas com quem vocês convivem falam: certo ou errado?

Os comentários dos participantes foram os seguintes:

I) Falar errado:

A4 – Fala rápido, de qualquer jeito.

A7 – Uai! (risos). Falar errado, errado, não! Tem o vocabulário e a fala mais humilde, do interior, tem sotaque.

A8 – Depende do lugar, do jeito de falar. Nordeste, por exemplo.

A9 – Depende do costume.

A17 – Ouviu alguém falar e acha que é certo.

II) Falar certo:

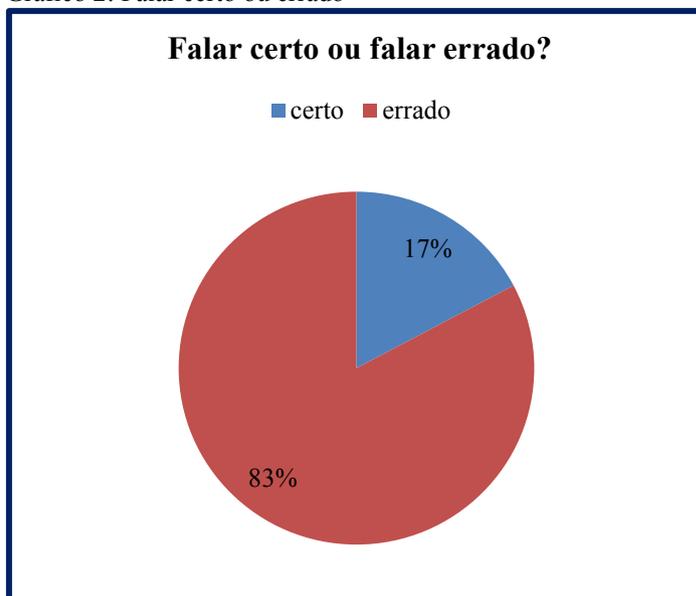
A17 – Usar as regras da gramática. (Ninguém mais se manifestou depois da resposta desse participante.)

⁴¹ Esta atividade não estava prevista na elaboração da proposta. No entanto julgamos conveniente aplicá-la a partir da situação retratada pela tira mencionada com o objetivo de averiguar a concepção dos participantes diante do que se conceitua como erro, conforme o que se chama padrão no ensino da língua.

III) Como as pessoas com quem vocês convivem falam: certo ou errado?

Para demonstrar a resposta dos participantes a essa pergunta, elaboramos o gráfico (2):

Gráfico 2: Falar certo ou errado



Fonte: Autoria própria

Após os comentários dos participantes pudemos conduzir a discussão para que repensassem suas respostas para o entendimento de que, na fala, há o diferente no lugar do certo e do errado. Em primeiro lugar, eles apresentaram, em seus comentários sobre o falar errado, vários fatores que justificam a “fala diferente”: o sotaque (A7), o lugar onde se vive (A8), os costumes (A9); o participante A7 mesmo já se manifesta com a ideia de excluir o conceito de errado, dizendo “Falar errado, errado, não!”.

Em segundo lugar, percebemos na resposta da A17 o emprego da palavra “normas” inibindo todos os outros participantes a se manifestarem. De fato, quando se busca o conceito do que é certo, a oportunidade para discussão é praticamente inexistente, principalmente quando ainda se tem a concepção de que uma norma não se discute. Por isso todos os outros participantes se mantiveram calados, concordando com o comentário feito. O que se confirma diante da situação é que nossas escolas ainda reforçam um ensino de gramática normativa, com conceitos bem arraigados.

Finalmente, quando os participantes julgaram a fala das pessoas com quem convivem, houve uma forte influência do comentário em relação à pergunta anterior. Lemos pelo gráfico que eles consideraram apenas a ideia de certo ou errado, predominando o julgamento de que fugir às “normas gramaticais” é considerado erro.

Para concluir a discussão, e com o intuito de que entendessem o sentido de diferente neste contexto, comentamos com eles algumas ideias relacionadas às mudanças no uso da língua, considerando grupo social, por exemplo. Isso provocou uma manifestação do A6: “Agora eu entendi o que é falar diferente!”⁴²

Estimulados com as discussões sobre o falar certo, falar errado, falar diferente, propusemos a realização da atividade em que os participantes formaram os pares⁴³ (informação sobre variação linguística e a tira que a exemplifica). Os participantes apresentaram facilidade para a formação dos respectivos pares, produzindo alguns comentários que demonstraram o que assimilaram, inicialmente, sobre o fenômeno da variação linguística:

A8 – Costumamos falar como as pessoas com que convivemos.

A12 – Arturzinho é uma criança e age como um rei, por isso que manda na fazenda.

A13 - Não tem plural em OS CACO.

A 26 - A fala do sapo é humilde e informal.

Apenas o A13 apresentou uma resposta que ainda se relaciona aos pressupostos da fala certa. As outras respostas mostraram a percepção de uma língua usada em situações diversas, entendendo que as condições sociais de quem fala e o lugar onde vive interferem nesse processo.

Após a conclusão dessa atividade, retomamos a tira Explicação complicada – figura 84, página 112 - para discutir algumas questões. Foram elas:

A) Que norma é essa que Marieta usa para conversar com Zé Pequeno?
--

As respostas mais consistentes foram:

A1 – Ela usa uma língua formal, só deve usar no momento certo, no dia a dia pode ser informal.

⁴² Esse mesmo participante (A6), ao término de todas as atividades a respeito de variação linguística, e também do encerramento das atividades desta proposta de intervenção, manifestou-se de uma forma muito interessante sobre sua compreensão do fenômeno da variação linguística. No início da primeira aula em que fomos estudar um item do livro didático que se referia à gramática normativa, o participante disse “Hoje é aula de certo e errado?”

⁴³ A proposta se encontra nas páginas 110-112 e envolve as tiras correspondentes às figuras de 79 a 84.

A24 – Linguagem formal; dependendo da pessoa ou região, nem entende.

A26 – Usa uma norma só indicada para os momentos certos como na escola, em reuniões da Câmara.

Os participantes já demonstraram o entendimento de que o uso da língua depende muito da adequação; mencionaram, inclusive, em quais momentos a norma empregada por Marieta deve ser usada. Os conhecimentos adquiridos em nossa vida contribuem muito para essa percepção; o participante A26 é filho de um vereador da cidade e apresentou conhecimento de qual variedade linguística se usa na realização das reuniões da Câmara.

B) Será que todos falamos desta forma? Quais são as diferenças entre a fala de Marieta e a fala de vocês? Por que isso ocorre?

As respostas apresentadas indicam o entendimento de que a língua não é uniforme.

A8 – Para Marieta é a língua do dia a dia, nós só usamos em ocasiões especiais. Uma pessoa da minha família fala assim. Eu não gosto.

A17 – EXPLICAR-TE-EI é muito difícil encontrar. *(A turma manifestou que nunca encontrou.)*

A23 – Ela estuda demais.

A26 – Usamos esta forma só na escrita, em entrevistas de emprego.

Para o desenvolvimento da próxima atividade os participantes assistiram ao vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=iu4ra9tkFWM>, intitulado Variações Linguísticas Regionais. Quando o comentaram, destacaram o jeito de falar do mineiro: usa muito o diminutivo, usa uma fala mais vagarosa, diminui bastante as palavras, apresenta um jeito diferente de usar as expressões em que aparece “você, ocê, cê...”.

Depois dos comentários, houve a proposta de produção de tiras com a temática da variação linguística, das quais apresentamos três para nossa análise. São elas as figuras 108, 109 e 110.

Figura 108 - Avô e neto mineiros



Fonte: Cadernos dos participantes A6 e A7

Os elementos observados na elaboração da tira vão além da variação linguística, que era o principal enfoque da proposta. Inicialmente observamos a criação com dois personagens com faixas etárias bem diferentes: uma criança e um idoso. No entanto há entre eles uma relação de muita proximidade, sendo avô e neto.

Há uma preocupação com a caracterização física das personagens, como as rugas na testa do avô, a calvície (que é mais comum em homens idosos), os óculos, o uso da bengala. No primeiro quadrinho, a forma como desenharam os passos demonstra coerência com as idades, pois enquanto o avô dá um passo curto e com apoio da bengala, o neto demonstra mais agilidade, com passos bem firmes durante o caminhar. Outro aspecto é o movimento dos braços: o neto os movimenta esbanjando energia, enquanto o avô ergue minimamente apenas da forma necessária para se movimentar.

Com relação à variação linguística, evidenciamos uma situação de incorporação do registro informal, com o emprego de palavras bem ligadas às características de uma fala mineira: a expressão “espia só”, presente no vídeo a que assistiram; o uso da palavra “butelão”⁴⁴, que exige do leitor conhecimento de mundo para a compreensão, no caso, contato com falantes da comunidade que usam essa palavra; o emprego da palavra “uai”, tipicamente mineira; e a forma como foi dita pelo avô a palavra mesmo (MÊZM), que é inclusive a explicação para o humor da tirinha.

⁴⁴ Em nossa região essa palavra é empregada para se referir a um objeto de tamanho bastante grande.

Para o emprego da palavra mesmo, da forma como está, os participantes, após assistirem ao vídeo sobre a variação linguística, conversaram sobre a diferença de fala dessa palavra nos diferentes lugares do país, inclusive pronunciaram imitando o paulista interiorano, o malandro do subúrbio carioca e comentaram especificamente do mineiro. Assim, construíram a tira empregando dois condicionadores da variação: a faixa etária e a região onde vivem os falantes.

Figura 109 - Uma palavra mineira



Fonte: Cadernos dos participantes A8 e A27

O humor da tira anterior foi criado a partir da fala do personagem Xaxado no último quadrinho dizendo que “laranjinha” é uma palavra mineira. Está implícito que a explicação para essa fala é o uso do diminutivo exageradamente usado pelo mineiro (isso foi comentado no vídeo), mas que nem sempre tem ideia de tamanho. Ressaltamos o fato de um dos participantes criador da tirinha (A27), morar em nossa cidade somente a partir dos dez anos de idade; antes morava em uma cidade chamada Córrego Danta, também em Minas Gerais, e lá não se falava laranjinha e sim chupe-chupe.

Diante dessa situação, questionamos o condicionador regional da variação, pois um mesmo referente é conhecido por dois nomes diferentes, em duas cidades dentro do mesmo estado. Portanto, afirmar que a variação regional apresenta como limite de espaço um estado, por exemplo, é incoerente. Isso se comprova pelo depoimento do participante A27.

Figura 110 – Amigo nordestino



Fonte: Caderno do participante A12

Vários elementos sociais e culturais se encontram imbricados na produção dessa tira. O participante A12 primeiramente valorizou os costumes locais (da região de Guimarães-MG), transformando o Arturzinho da Turma do Xaxado em um rico produtor de queijos em nossa região. O personagem permanece autoritário, evidenciando uma relação de poder entre o “patrãozin” e o empregado Bento, como demonstram os dedos de uma forma imperativa no primeiro quadrinho, ao mesmo tempo em que ordena a Bento que produza os queijos em quantidade dobrada, já no dia seguinte. O chapéu não é mais branco, mas sim em conformidade com o modelo usado no interior de Minas Gerais.

No tocante à variação linguística, destacamos que há a exploração dos sentidos da palavra “dobradinha”. Para o ambicioso mineiro produtor de queijo significava dobrar a quantidade de queijos produzidos e, conseqüentemente, dobrar a arrecadação em dinheiro. Mas como o amigo era nordestino e o criador da tira tem o conhecimento de que a dobradinha é uma comida feita pelos nordestinos com a buchada de bode, essa palavra passa a significar um prato típico da culinária nordestina. Houve um exemplo de variação linguística em que se envolve o léxico.

A outra atividade aplicada se relacionava à tira Coisas da cidade e urtiga (figura 85, página 113) em que o personagem Xaxado conversa com um garoto da cidade. Eles conhecem coisas diferentes relacionadas à cultura do local em que cada um vive. O garoto da cidade conhece freezer, antena parabólica, micro-ondas. No entanto está sentado, sem saber, sobre uma moita de urtiga, que é conhecida por Xaxado, o garoto do campo. Propusemos que os participantes se colocassem no lugar dos personagens da Turma do Xaxado para explicar ao garoto da cidade o que é urtiga. As respostas dos participantes foram organizadas no quadro seguinte:

Quadro 6 - Respostas ao menino da cidade

PERSONAGEM	PARTICIPANTE	RESPOSTA DO PARTICIPANTE
	Zé Pequeno	A6 É umas foia que se ocê incostá, pinica!
	Marieta	A6 É uma espécie de folha que se entrar em contato com a pele humana, dá coceira.
	Capiba	A17 A urtiga é uma planta antiga. Quem cai na bobeira de mexer com ela ganha coceira e pele vermelha!!!
	Marinês	A11 Urtiga causa uma queimação, mas tem seus benefícios.
		A18 Não sente nas plantas, se não vai amassar e estragar.
		A21 Urtiga é uma plantinha que causa uma coceirinha.
	Arturzinho	A7 É uma planta que faz coçar e pode me dar muito dinheiro, porque eu posso vender para os meninos aprontarem!
		A23 A urtiga é uma planta que não dá nenhum lucro.

Fonte: Cadernos dos participantes

Observamos que os participantes mostraram dificuldades para conceituar, explicar o que é a urtiga, se ativeram à questão de ser uma planta que provoca coceira. No entanto, conseguiram usar palavras, marcas linguísticas que evidenciaram as características, o estilo de cada personagem.

O participante A6 teve suas respostas destacadas para os personagens Zé Pequeno e Marieta. É possível perceber a relação de distanciamento no que se refere ao grau de atenção com o uso da língua. E como os dois personagens dizem a mesma coisa de maneira diferente. Fundamentamos os textos da resposta do participante A6 segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 48) ressaltando que a variação linguística decorreu de dois fatores. Primeiro, o status socioeconômico em que percebemos uma desigualdade cultural entre Zé Pequeno e Marieta. O segundo fator é o grau de escolarização: Zé Pequeno é um estudante preguiçoso que até foge da escola e Marieta é uma estudante exemplar e exigente, principalmente em relação à língua portuguesa.

O participante A17 pretendeu relacionar a situação de Capiba ser cantor e tentou usar recursos próprios da música, rimando urtiga com antiga (dando também ideia de ser uma planta que há muito se conhece).

Para criar as falas da personagem Marinês, protetora da natureza, três participantes se preocuparam em explicitar essa característica. O participante A11 até reconhece que a urtiga não é uma planta tão boa assim: “A urtiga causa uma queimação, mas tem seus benefícios.” No entanto, a postura é que também pode compensar de alguma forma, pois a segunda parte de sua fala procura expressar o lado bom da planta, faz uma oposição ao lado ruim que é a queimação: a palavra **mas** é que estabelece essa relação. O participante A18 emprega em sua frase três ações (expressas pelos verbos): sentar, amassar, estragar. Percebemos a sugestão de proteção à planta, pois o primeiro verbo foi empregado no modo imperativo (negativo): evitando a ação de sentar, conseqüentemente a planta não seria amassada nem estragada. O participante A21 utilizou o recurso do diminutivo (coceirinha) com pretensão de amenizar os efeitos causados pela urtiga ao entrar em contato com a pele, ou seja, a coceira não seria tão intensa assim.

Para o personagem Arturzinho não foram dispensadas palavras que se relacionassem com sua ambição: o participante A7 falou em dinheiro e o A23 falou em lucro. Sabemos que para esse personagem todas suas ações devem ter bastante retorno financeiro.

Além dos comentários das respostas dos participantes, relatamos mais dois pontos que consideramos relevantes no momento da socialização desta atividade em sala de aula. A primeira foi que os participantes foram perguntados se conheciam urtiga. Apenas quatro conheciam (três moram na zona rural e um na cidade, mas o pai tem propriedade na zona rural e o filho vai bastante à fazenda, o que facilita entrar em contato para conhecer). A segunda foi que estabeleceram uma comparação entre a realidade do personagem Xaxado e a realidade dos três participantes da pesquisa, os quais moram na zona rural. Eles disseram que, diferentemente do garoto da tira, eles vivem no campo, mas, atualmente conhecem todos os eletrodomésticos mencionados pelo garoto da cidade. Logo concluímos que em relação à aquisição dos modernos aparelhos eletrodomésticos, em nossos dias, não há diferenciação entre a população da cidade e a população do campo.

Na atividade relacionada à produção de uma tira em que os participantes deveriam falar de um eletrodoméstico, seguindo o estilo da tira A lavadora de roupas,

(figura 86, página 114), eles tiveram dificuldade de elaborar as tiras, de forma original. Pensamos que a proposta pedia uma ação que não faz parte do cotidiano dos participantes, pois eles, na sua maioria, não executam as tarefas domésticas. Portanto isso faz com que desconheçam as funções específicas bem como a funcionalidade dos eletrodomésticos. Mesmo assim apresentamos duas produções para exemplificar os resultados, aqui consideradas figuras 111 e 112.

Figura 111 - O micro-ondas



Fonte: Caderno dos participantes A4, A26

O texto da tira produzida é uma “imitação” do texto da tira mostrada na proposta, procurando seguir a mesma estrutura. Inclusive manteve a postura de superioridade de Arturzinho. A única substituição que fizeram foi que o personagem Zé Pequeno foi trocado por Xaxado e no lugar da mãe de Zé Pequeno colocaram o pai de Xaxado. Mostraram uma situação incomum, pois geralmente os pais não se dedicam aos afazeres domésticos e cuidados dos membros da família, em especial às crianças. Na tira da figura 86, página 113, Cedraz usou uma lavadora, substantivo feminino e quem executa as tarefas é a mãe; os participantes falaram de um micro-ondas, substantivo masculino, colocando o pai executando as tarefas. Quanto à variação linguística, usaram a expressão “dá pro gasto”, condizente com a situação de informalidade e expressando o contentamento, a satisfação do personagem por possuir tal eletrodoméstico.

Figura 112 - O aspirador de pó



Fonte: Caderno dos participantes A11, A20, A21

Nesta tira, os participantes mostraram a ideia de superioridade do personagem Arturzinho por meio da expressão “só os mais ricos têm”. Na fala da personagem Marinês há o emprego do diminutivo, denotando cuidado, zelo com o ambiente doméstico. No segundo quadrinho aparece a imagem de um espanador de pó que, diferentemente das outras tiras relacionadas a esta proposta, não mostra um ser humano exercendo a função dos eletrodomésticos. Destacamos, quanto ao uso do balão, conforme Ramos (2016, p. 43) que o personagem que fala não está presente no quadrinho, por isso sua existência está subentendida no contexto da leitura.

Nossa próxima análise de aplicação de atividades da proposta se refere à parte de produção de texto, ou seja, de uma tira retratando uma questão social que os participantes consideraram relevante discuti-la.

5.6 Atividade de produção de uma tira

Antes da produção da tira foram desenvolvidas atividades com o objetivo de levar os participantes a pensarem sobre as questões sociais e culturais. Para isso foram apresentadas quatro tiras (figuras de 87 a 90, páginas 115-116). A figura 87, página 115- O homem do cartório⁴⁵ - falou da dificuldade que pessoas com menos escolaridade têm para resolver seus problemas em lugares que exigem domínio de mais informações e competência linguística para resolvê-los. A segunda tira – O grande mágico - (figura 88, página 115) retratou situação de miséria, levando os sertanejos a se retirarem do local. A terceira tira – Brincando de casinha (figura 89, página 116) abordou a problemática do trabalho infantil. Por fim, a tira Área repleta de árvores (figura 90, página 116) discutiu o problema ambiental.

Dentre as respostas apresentadas pelos participantes destacamos para comentários aquelas referentes às tiras Brincando de casinha e Área repleta de árvores.

Na primeira, a proposta foi que os participantes recriassem o segundo quadrinho, mostrando outra forma de exploração do trabalho infantil. Destacamos duas produções, expostas no quadro abaixo:

⁴⁵ Nesta tira, apesar de o personagem Zé Pequeno dizer “O homi do cartório veio me dizeno qui eu era anarfabeto! Essa gente rica pensa qui é dona da verdade! Anarfabeto?1”, os participantes não fizeram nenhum comentário associando o prestígio econômico e social ao prestígio linguístico. O próprio personagem sugere que, mesmo sendo uma situação incoerente, socialmente há uma valorização dos “falantes das variedades prestigiadas (moradores dos centros urbanos, mais escolarizados e de poder aquisitivo mais elevado)” (BAGNO, 2013a, p.29).

Quadro 7: recriação de um quadrinho de tira

Figura 85 – Brincando de casinha

XAXADO / Antonio Cedraz



Disponível em: tirasemquadrinhos.blogspot.com.br/search?updated-max=2013-05-14T09:15:00-07:00&max-results=7&m=0 Acesso em 10.abr.2016

Recriação I

XAXADO / Antonio Cedraz



Participante A21

Recriação II

XAXADO / Antonio Cedraz



Participante A25

No quadrinho da recriação I, a participante se valeu do tamanho do carrinho que a criança está se esforçando para puxar a fim de mostrar a exploração de seu trabalho. Há uma ideia de sobrecarga que está além das reais condições de força do menino. Os rostos de Arturzinho e do doutor não aparecem com os traços fisionômicos, fato que interfere bastante no sentimento de indiferença dos exploradores.

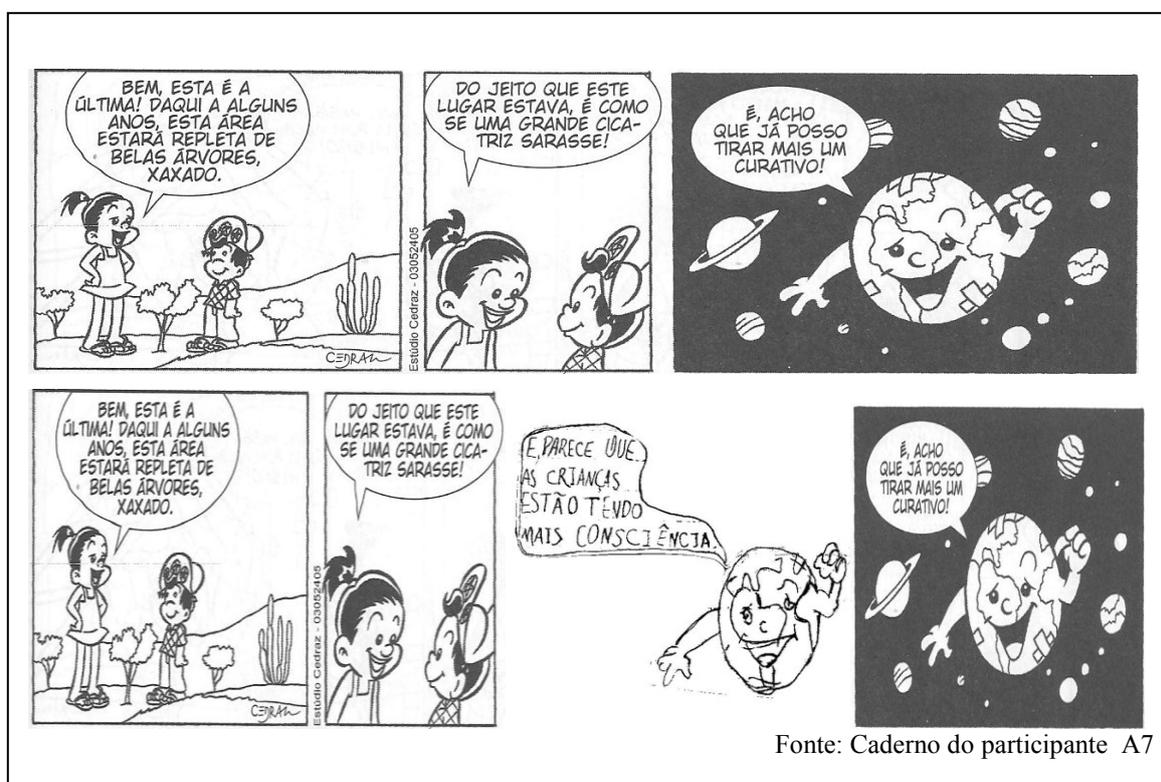
Na recriação II, o quadrinho apresenta uma situação de trabalho mais amena em relação à recriação I. No entanto, subentende-se a existência da responsabilidade que o

menino tem com o trabalho. A imagem reforça a sugestão de exploração, mostrando o garoto descalço, com uma ferramenta de trabalho braçal em suas mãos.

Nas duas recriações, os participantes praticamente mantiveram o conteúdo da fala “Só estão brincando de” trocando apenas o objeto do verbo brincar: **brincar de casinha** por brincar de carrinho, brincar de dar comida para o cavalo.

Na segunda tira selecionada nesta proposta – Área repleta de árvores – foi pedido aos participantes que acrescentassem a ela um terceiro quadrinho cuja mensagem incentivasse as crianças a cuidarem do meio ambiente. Apresentamos uma produção para nossa análise, exposta no quadro seguinte:

Quadro 8: Acréscimo de quadrinho



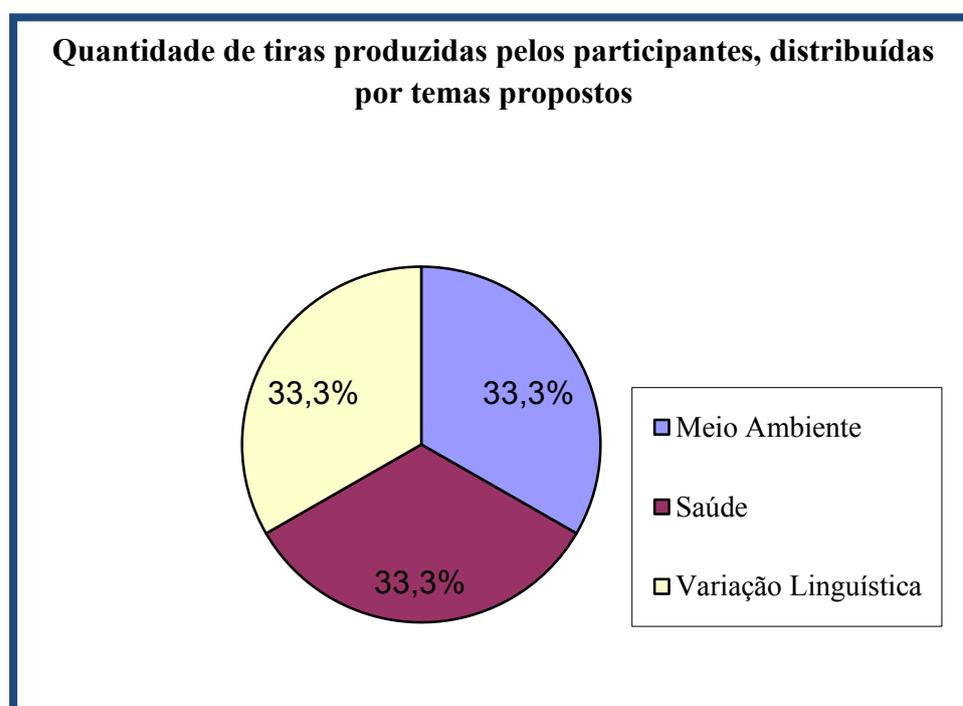
O participante acrescentou um quadrinho que de fato incentiva as crianças a pensarem em alternativas para cuidarem melhor do planeta. A fala “Parece que as crianças estão tendo mais consciência!” enfatiza a condição delas enquanto agentes. Elas se destacam entre os adultos, por exemplo, agindo com **mais consciência**. Assim, já se mostram envolvidas em situações que buscam repensar e transformar a realidade em que vivem.

Finalmente, para encerrar as atividades da proposta de intervenção, os participantes escolheram uma das questões socioculturais abordadas nesta pesquisa e

produziram tiras, relacionando o tema escolhido (meio ambiente, saúde, variação linguística) à realidade social em que vivem. Depois de prontas, os participantes expuseram oralmente os textos produzidos e eles foram coletados para análise e, posteriormente, expostos em um local mais usual no espaço escolar.

Para demonstrar a quantidade de tiras produzidas distribuídas por temas escolhidos, apresentamos um gráfico com esses dados. Antes, porém, apresentamos outro gráfico com a quantidade de tiras que produziram durante todas as atividades propostas nas oficinas, por temas:

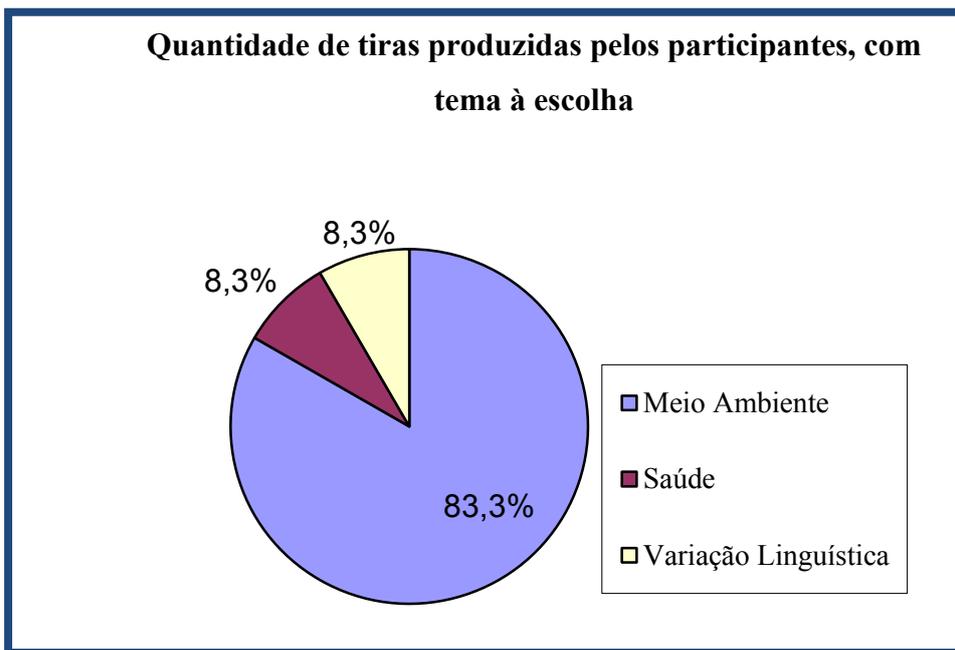
Gráfico 3: Tiras produzidas durante as oficinas, com temas propostos



Fonte: Autoria própria

Em todas as oficinas os participantes criaram uma quantidade igual de tiras, não havendo maior ou menor empenho em participar de alguma atividade em relação a outra. No entanto, quando puderam escolher o tema, houve preferência pelo tema do meio ambiente. Vejamos o gráfico:

Gráfico 4: Tiras produzidas na atividade de conclusão, com tema à escolha



Fonte: Autoria própria

Dentre as dez tiras que enfocaram o tema do meio ambiente, escolhemos cinco delas para comentarmos nesta análise (figuras de 113 a 117) . Destacamos que elas foram mostradas à Secretaria do Meio Ambiente com o intuito de discutirmos as providências que poderiam ser tomadas em relação às questões que os participantes apontaram. Expusemos em cada análise o posicionamento da Secretaria.

Procuramos também informar, aqui nos comentários, alguns dados relacionados à realidade da cidade de Guimarães-MG, espaço social maior que corresponde à realidade de vida dos participantes envolvidos nas atividades desta pesquisa. Consideramos que sem essas informações que nos propusemos a apresentar não haveria condições bastantes para os leitores compreenderem efetivamente as criações dos participantes.

Apresentamos a primeira tira, que fala sobre uma mina de água, supostamente potável, localizada na propriedade de um senhor que disponibilizou gratuitamente a água para a população, construindo uma espécie de bica à margem da estrada que passa por suas terras. Esta tira foi assim criada:

Figura 113 - Visita à água limpa



Fonte: Cadernos dos participantes A13, A23, A25

Os autores expressaram bem a realidade vivida pela população de Guimarães⁴⁶. Por muito tempo, não houve na cidade água tratada e não havia também a consciência para preservação dos arredores de onde a água de queda natural era captada para o abastecimento da cidade. Por isso a população precisou buscar em outras fontes água potável; aquelas famílias de condições financeiras mais limitadas buscavam a “água limpa” nas minas, como a descrita nesta tira. Inclusive a palavra **limpa** foi empregada pelos autores com o objetivo de gerar o humor e intensificar a crítica. Por meio da fala de Xaxado no último quadrinho “Tomara que as pessoas também fiquem com a consciência **limpa** para conservar a natureza”, a palavra destacada se refere também ao sentido de as pessoas não se corromperem e danificarem o espaço físico de onde brota a água que tem servido a elas.

O posicionamento da Secretaria do Meio Ambiente a respeito de as pessoas estarem consumindo essa água é que se tenha bastante cautela, uma vez que ainda não foram realizados testes que comprovam que a água de fato é própria para o consumo humano.

A segunda tira deu destaque ao fato de a rodovia de acesso à cidade ter sido recentemente duplicada e seu canteiro central ainda não ter sido arborizado. Os participantes partiram da situação em que a personagem Marieta, defensora do meio ambiente, visita Guimarães e fica muito zangada com o que vê:

⁴⁶ A cidade de Guimarães não contava até o ano de 2016 com uma prestação de serviços de uma empresa de saneamento. Atualmente esses serviços estão entregues à Companhia de Saneamento de Minas Gerais (Copasa), incluindo água tratada e esgoto.

Figura 114 - Visita de Marinês



Fonte: Cadernos dos participantes A6 e A7

No primeiro quadrinho⁴⁷ da tira não há palavras, mas as imagens, incluindo significativamente as cores, constroem toda a compreensão do assunto explorado: de cima para baixo, o azul representa o céu; o verde nos remete a pouca vegetação que aparece; as duas faixas pretas são as vias asfaltadas da rodovia; o grande espaço marrom entre as duas faixas pretas é o espaço de terra que forma o canteiro central o qual ainda não foi arborizado. No segundo quadrinho, a atitude reflexiva da personagem Marinês expressa uma quase obrigatoriedade em questionar as autoridades responsáveis. E no terceiro quadrinho ela aparece no gabinete do prefeito, realmente questionando. Nesse quadrinho há o humor da tira por meio da repetição da expressão “Tá bom” como se o prefeito estivesse ao mesmo tempo impaciente e sentindo-se acuado para resolver a situação. Também reforça o humor a imagem da autoridade com cabelos arrepiados.

A Secretaria do Meio Ambiente argumentou que para solucionar o problema da falta de arborização da entrada da cidade de Guimarães é necessário um projeto que abranja também toda a área urbana.

A terceira tira apresenta enfoque semelhante à segunda.

⁴⁷ A imagem do primeiro quadrinho apresenta o rosto da personagem Marinês virado para um lado em que não parece ser muito coerente com o seu foco de visão: ela está olhando para sua direita enquanto que as imagens estão à sua esquerda.

Figura 115 - Projeto de plantio de árvores



Fonte: Cadernos dos participantes A14, A17, A24

Começamos a análise pelo título da tira “Poderia acontecer...” o qual manifesta um desejo, no caso uma vontade de verem a ação da arborização no canteiro central da entrada da cidade. Há uma ênfase na iniciativa das crianças para pensarem a questão, destacando também o envolvimento da instituição escolar. No segundo quadrinho há uma chamada de atenção para o despertar dos adultos em relação a essas questões ambientais, são tratados como os agentes da “bagunça”. A palavra **limpar** apresenta um nexos com a imagem da personagem que é mostrada usando avental, provavelmente ela está fazendo alguma limpeza no ambiente doméstico.

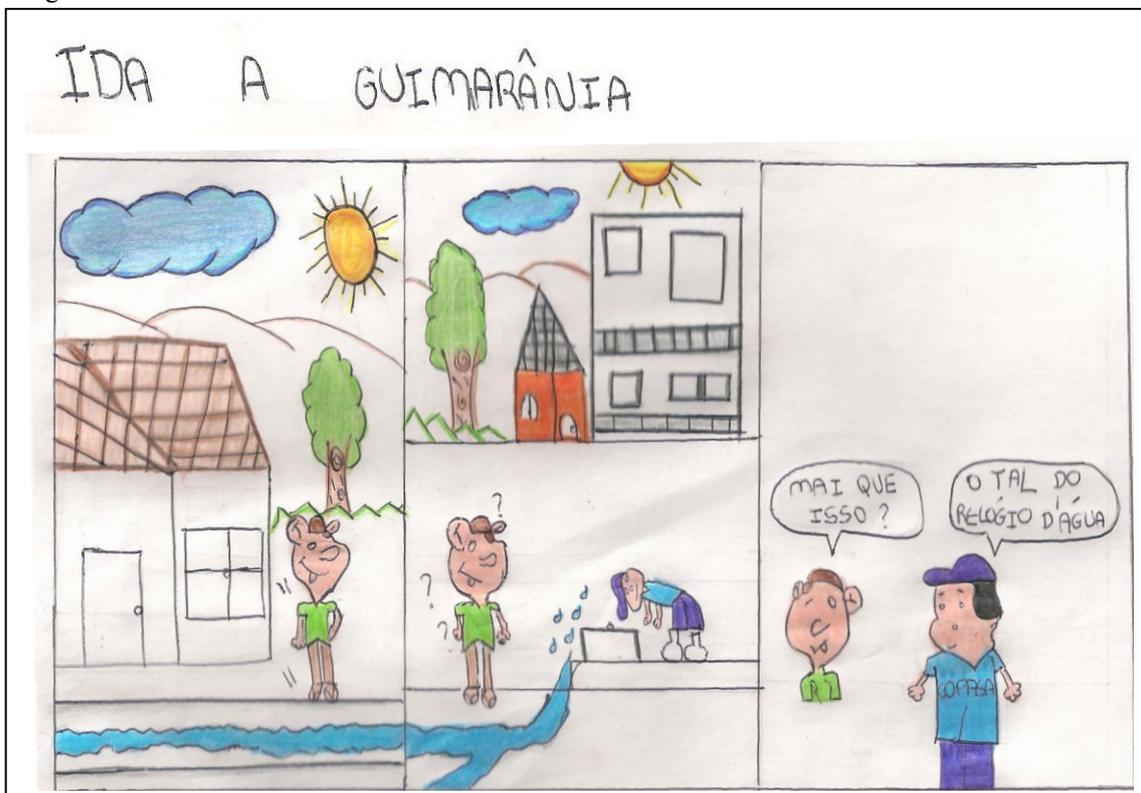
Fazemos uma ressalva quanto aos elementos constitutivos da tira: no primeiro quadrinho o tipo de balão a ser empregado coerentemente seria o balão de linhas quebradas, pois indica fala vinda de uma tevê, que é um aparelho eletrônico. Entretanto, os participantes colocaram as linhas quebradas apenas no apêndice.

A quarta tira analisada trata-se da ida do personagem Zé Pequeno à cidade de Guimarães-MG. Sabemos que ele vem do sertão nordestino, um espaço em que a água é bastante escassa. Quando chega à cidade, depara-se com um grande volume de água escorrendo pelas ruas; isso acontecia porque estavam sendo instalados os hidrômetros pela Copasa. A realidade é que os encanamentos para distribuição de água eram muito antigos e se encontravam em estado tão precário que arrebentavam facilmente, jorrando água por toda parte. A população, que na sua maioria, manifestou-se desfavorável à

atuação da Copasa na cidade e, conseqüentemente contrários à instalação dos hidrômetros, falava de maneira muito negativa a respeito desse fato.

Os participantes criaram a tira:

Figura 116 - Ida a Guimarães



Fonte: Caderno dos participantes A4 e A26

Para a leitura dos dois primeiros quadrinhos são necessários os conhecimentos expressos antes da apresentação da tira. São quadrinhos que exploram apenas as imagens para a construção do sentido. As marcas de interrogação em torno do personagem Zé Pequeno antecipam o questionamento que ele fará no terceiro quadrinho. Nele, a fala “MAI QUE ISSO?”, que indica o questionamento do garoto, representa toda a espontaneidade no uso da língua⁴⁸, os traços da fala não padrão são facilmente identificados. Sua pergunta pode ser entendida de duas maneiras:

⁴⁸ A palavra MAI, que aparece na fala de Zé Pequeno, também se faz presente em uma entrevista disponível no portal do Museu da Língua Portuguesa. Trata-se de um projeto chamado Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB), coordenado pelo sociolinguista Dermeval da Hora. Bagno (2007) transcreve a fala de uma jovem mulher, sem nenhum grau de instrução, empregada doméstica, nascida e residente em João Pessoa: “Já visse lugá de gente pobe ser calmo? Todo dia tem uma confusão; mai as vizinha, po lado de lá pa cima, até que tem umas velhinha meia boazinha.” Bagno, analisando traços linguísticos da jovem paraibana, explica o uso da palavra MAI: “**mai**, atraí – nas variedades estigmatizadas de alguns estados nordestinos (Paraíba, Pernambuco e Alagoas, por exemplo), ocorre a presença de uma semivogal /y/ e o apagamento do /s/ no final das palavras” (BAGNO, 2007, p.215).

primeiramente podemos nos perguntar se o personagem realmente não sabe o que está vendo; também podemos compreender que ele faz uma advertência diante do desperdício de água. Esta segunda possibilidade pode ser motivada pela situação adversa que ele vive em sua terra, o sertão nordestino.

Analisando a resposta do funcionário da Copasa “O tal do relógio d’água” reconhecemos toda a situação motivadora dessa fala. Inicialmente, esclarecemos que a população não tem o costume de dizer hidrômetro, mas sim **relógio d’água**. Já mencionamos em um comentário anterior que a população de Guimarães foi muito resistente diante da implantação do hidrômetro, porque isso geraria gastos mensais, alterando uma rotina de vida numa cidade em que há tempos não se pagava pelo consumo de água, por ela ainda não ser tratada.

Quando viram que realmente a Copasa iria atuar na cidade, os adultos, principalmente, começaram a reclamar bastante, fazendo dessa situação o assunto prioritário nas constantes conversas nos grupos sociais, inclusive nos armazéns, um local onde as pessoas costumam comentar essas questões. Explicamos que uma das participantes da pesquisa é filha de um dono de armazém, também vereador. Por isso ela presenciou muitas conversas relacionadas a essas reclamações. Como o tom das conversas era de reprovação, os participantes transpuseram para a tira que criaram toda esta postura negativa das pessoas, empregando a palavra **tal**⁴⁹ com uma conotação pejorativa. Percebemos que não foi necessária uma aula no espaço escolar para estudar os vários empregos de TAL. Apenas o uso no dia a dia, de maneira contextualizada, foi suficiente para que a empregassem adequadamente, na produção da tira, numa situação de informalidade, mostrando uma variedade linguística bem próxima da realidade da população.

Sobre os serviços da Copasa na cidade, a Secretaria do Meio Ambiente se manifestou satisfeita com os serviços prestados, considerou que a empresa tem agido em parceria com o município, com ética, presteza e responsabilidade.

Vamos analisar agora a quinta tira. Ela foi a que mais discussão provocou devido ao fato de o esgoto da cidade de Guimarães ser jogado no Rio Espírito Santo, que corta o município. Toda a cidade vive uma situação de muitas observações sobre o

⁴⁹ A palavra **tal** foi empregada na tira com um sentido que deprecia o aparelho instalado para medir a água. Em outros contextos, ela pode ter outros sentidos, como: ocultação de um nome, intencionalmente (Eu me referi ao tal que me caluniou.); ideia de semelhança (Tal pai, tal filho); uma informação que não é conhecida pelo locutor (Preciso comprar o livro tal.); em interrogações pedindo uma opinião (Que tal minha casa nova?); substituição de sobrenomes desconhecidos (Na Rua Henrique de tal...).

problema, mas poucos o conhecem em toda sua abrangência. Três participantes apresentaram uma criação em que os personagens Arturzinho e Marinês visitam a cidade e se deparam com essa agressão ao meio ambiente:

Figura 117 - Esgoto no Rio Espírito Santo



Fonte: Cadernos dos participantes A1, A15, A16

A criação de todo o texto foi muito bem refletida: o fato de o esgoto ser jogado no rio é tão absurdo que até mesmo o ganancioso Arturzinho se mostra indignado com o que vê; Marinês estabelece seu juízo de valor e condena a população; o prefeito logo se justifica com o intuito de não ser, evidentemente, o único culpado da situação. No entanto, questionamos alguns aspectos relacionados às imagens. O que foi desenhado poluindo o rio é realmente o esgoto? A imagem apresenta características que remetem mesmo ao local que é cenário da crítica feita? A imagem do prefeito de terno e gravata no meio da paisagem é coerente com suas atitudes na administração? E para concluir perguntamos se os participantes já haviam ido ao local em que o esgoto cai no rio: ninguém havia visitado o local ainda; as participantes que elaboraram a tira a fizeram “de ouvir falar”.

Houve a partir desse fato uma certa incoerência (terem criatividade e envolvimento com a questão para elaborarem a tira, porém sem apresentarem o conhecimento de mundo necessário para sustentarem a crítica social) e uma inquietação para que essa atividade pudesse ter reflexos nas atitudes dos participantes, enquanto cidadãos. E foi com o envolvimento inclusive dos responsáveis pelos participantes que

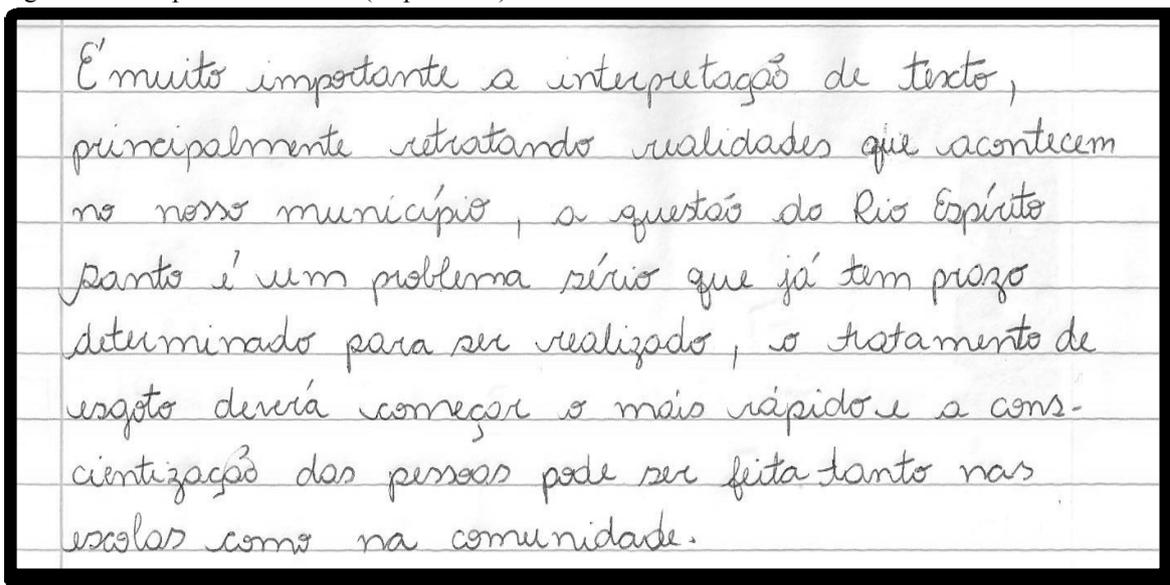
aconteceu o que chamamos de desdobramento das atividades desta proposta de intervenção.

5.7 Atividade de desdobramento da proposta de intervenção

Nesta seção mostraremos os passos que seguimos para darmos conhecimento da atividade que foi realizada com o objetivo de cumprir o que recomendam os PCN ao se referirem à proposta com os temas transversais, que é “a inclusão de procedimentos, sempre vinculados à realidade cotidiana da sociedade, de modo que obtenha cidadãos mais participantes” (BRASIL, 1998, p.193).

De início, fomos motivados pelo depoimento da mãe⁵⁰ de um participante, o qual apresentamos na figura 118:

Figura 118 - Depoimento da mãe (responsável)



Fonte: Caderno do participante A16

A partir desse depoimento, procuramos a mãe com o intuito de averiguar de que provável solução falava. Como ela é funcionária da prefeitura de nossa cidade, e por questões éticas ela não pôde dizer. Mas juntos decidimos que faríamos um trabalho em parceria, buscando as informações. Coube a ela conversar com o Secretário do Meio

⁵⁰ Informamos que pedimos durante a reunião com os responsáveis pelos menores participantes da pesquisa para que eles acompanhassem as atividades desenvolvidas durante a pesquisa e que, quando julgassem oportuno, fizessem comentários. Para isso sugerimos que anotassem no caderno do próprio participante. Ao final das atividades muitos responsáveis deram pequenos depoimentos por escrito nos respectivos cadernos.

Ambiente para nos receber (o professor pesquisador/mestrando e os participantes que criaram a tira) e nos conceder uma entrevista.

Houve necessidade de nos prepararmos para obtermos êxito na realização da atividade. Primeiramente, em horário de contraturno da escola, nós nos reunimos para estudar o gênero entrevista oral (conceito do gênero, como se preparar para entrevistar bem, assistimos a vídeos com alguns exemplos⁵¹ e preparamos as nossas perguntas).

O quadro seguinte contém as perguntas que foram preparadas para a nossa entrevista:

Quadro 9: Perguntas para a realização da entrevista

- 01) Sabemos que em Guimarães, nossa cidade, o esgoto não é tratado e ainda é jogado no Rio Espírito Santo, que corta nosso município. O que pensam sobre esse fato? Por que seria conveniente solucionar o problema?
- 02) Para tratar o esgoto, é necessário construir uma ETE (Estação de Tratamento de Esgoto). Quais são os procedimentos para isso?
- 03) Em Guimarães, há um projeto para tratamento do esgoto?
- 04) Uma curiosidade: a água da chuva também pode ir para a rede coletora do esgoto?
- 05) Gostaríamos de deixar um espaço para o caso de vocês quiserem comentar algo mais sobre as atividades da Secretaria do Meio Ambiente.

Fonte: Autoria dos participantes

Na realização da entrevista com o Secretário, gravamos em áudio e vídeo para depois fazermos a transcrição. Após a entrevista, fomos⁵² a campo, visitamos o local do rio exatamente onde o esgoto cai na água. Os participantes tiveram a oportunidade de visualizar o problema e refletirem melhor em busca de atitudes que pudessem contribuir para minimizá-lo. Eles fizeram pequenos vídeos e fotografaram o local.

O próximo passo foi a reelaboração da tira, aprimorando as imagens, pois a partir dessa etapa os participantes puderam comparar a tira que haviam criado com a

⁵¹ Os exemplos de entrevistas orais a que as participantes assistiriam são parte de um material do pesquisador/mestrando, produzido por alunos do 9º ano do ensino fundamental II, também discentes da instituição coparticipante desta pesquisa, no primeiro semestre de 2016, durante a aplicação de uma proposta de trabalho relacionada à disciplina Texto e Ensino, ministrada em caráter obrigatório pela Professora Doutora Simone Azevedo Floripi, do Proletras – UFU.

⁵² Na visita ao local onde o esgoto da cidade de Guimarães-MG é jogado no Rio Espírito Santo os responsáveis pelos participantes não puderam participar devido a compromissos de trabalho. Portanto, foram o pesquisador/mestrando, os três participantes que realizaram a entrevista, acompanhados de um senhor da cidade que conhecia bem o local.

realidade que eles mesmas conheceram; isso concorreu para que o texto refletisse melhor o fato que estavam representando. A tira foi assim reelaborada:

Figura 119 - Reelaboração da tira Esgoto no Rio Espírito Santo



Fonte: Cadernos dos participantes A1, A15, A16

A reelaboração da tira foi uma atividade que demonstrou a consciência dos participantes sobre a questão que abordaram, a partir do momento em que buscaram mais informações. Refletiram melhor e, sem alterarem as ideias originais, apresentaram uma tira produzida com mais eficácia.

Na atividade de leitura da tira, evidenciamos a contribuição dos elementos verbais e visuais na construção do sentido. Retomamos aqui o conceito de texto multimodal, em que a tira se apresenta como um texto composto de muitas linguagens (ROJO, 2012). Conforme Júnior (2014, p. 227) “A natureza constitutivamente verbo-visual das tirinhas possibilita a articulação entre a dimensão linear, a da palavra, e a não linear, a da diagramação, da imagem, exigindo, por parte do leitor, a integração verbo-visual para produção de sentido”. Com relação a essa propriedade, vamos comentar a tira que foi reelaborada (figura 119).

No primeiro quadrinho foi bastante explorado o uso das cores: o cinza do esgoto desce entre o verde da vegetação e se mistura no azul da água do rio. Em cada quadrinho há um personagem diferente, cada um com um gesto diferente dos braços, mas que se complementam numa sequência que vai refletir a postura de cada um deles

diante do problema e, conseqüentemente, da questão como um todo. Entendemos no primeiro quadrinho a intensidade da indignação das pessoas diante do problema por meio da presença de Arturzinho, que é um personagem muito ambicioso, não se importa com questões ambientais, mas nesta situação está revoltado também. Está com os braços erguidos e abertos manifestando sua impressão pelo absurdo da situação.

No segundo quadrinho, a personagem Marinês, muito preocupada com as questões da natureza, aparece em meio ao verde com a mão direita na face e expressando uma fisionomia de reflexão, ao mesmo tempo em que sua fala responsabiliza as pessoas pela agressão ao meio ambiente. No último quadrinho ocorre a mudança de cenário de forma surpreendente: estamos no gabinete do prefeito. Ele aparece de terno e gravata, simbolizando a formalidade do cargo, e os braços estão abaixados sem nenhum movimento como se não houvesse o que fazer para solucionar o problema. Inclusive sua fala é uma forma de justificativa aos questionamentos e discussão do problema.

Com relação ao uso da língua constatamos uma atenção maior, aproximando-se bem da norma culta, pois se trata de uma criação na qual se envolve a presença do prefeito, o que torna a situação mais formal. Se compararmos o uso da língua na tira da figura 119 (página 168) com a variedade usada na tira da figura 116 - Ida a Guimarães (página 163), notaremos que os participantes souberam adequar com competência o uso, pois na primeira tira empregaram uma variedade típica das conversas bem informais, ocorridas quando as pessoas se encontram nas ruas da cidade; na segunda, a variedade linguística empregada se aproxima da situação de formalidade.

Depois da reelaboração da tira, refletimos que ela precisaria ser divulgada à população para que pudesse contribuir efetivamente nas informações sobre a questão do esgoto em nossa cidade. Decidimos, em parceria com o município, que criaríamos um comunicado que seria divulgado à população por meio da exposição de um banner⁵³ nas repartições públicas da esfera municipal.

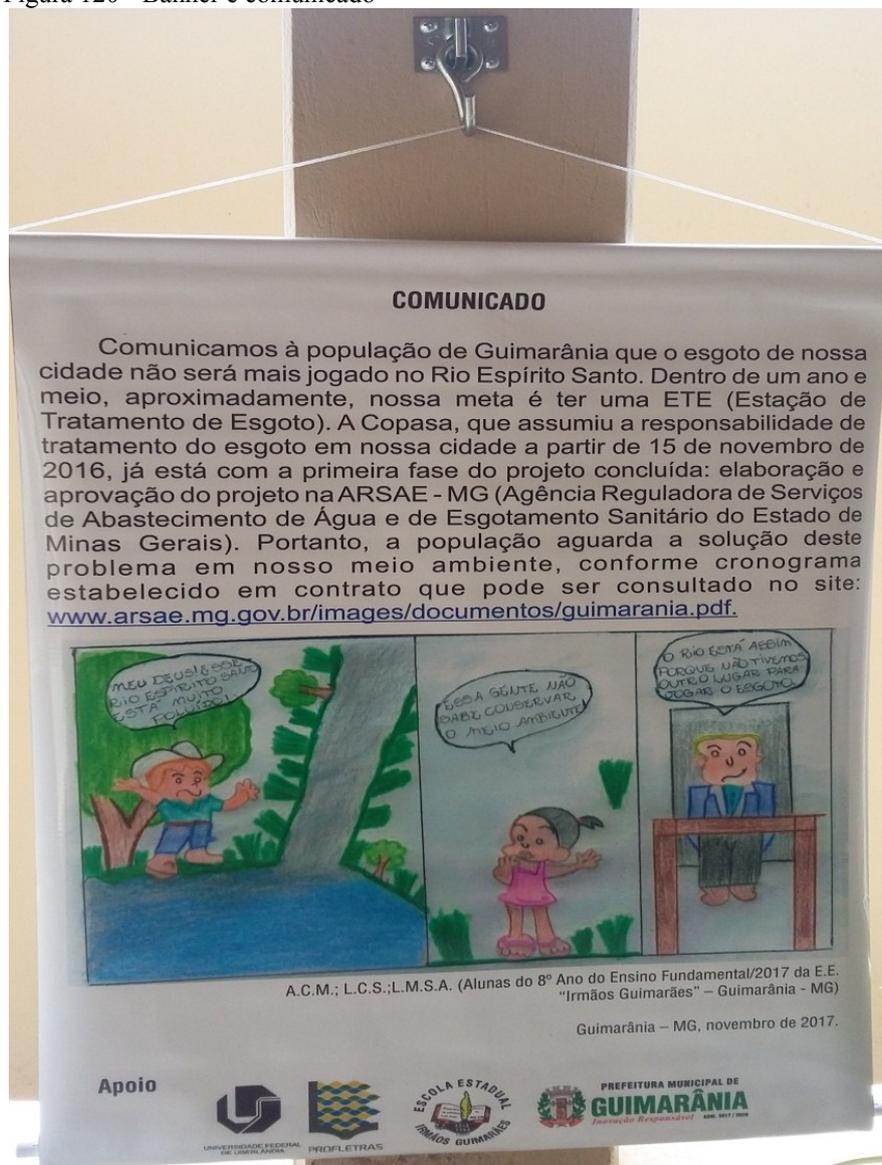
Para essa produção textual, procedemos novamente aos estudos com os participantes para que conhecessem o gênero comunicado. Adotamos para esse gênero o conceito de Costa (2012, p. 84) como “aviso (v.), informe (v.), declaração (v.), nota (v.), particular ou oficial, feita de maneira objetiva, difundida pelos meios de comunicação

⁵³ Consideramos o banner como suporte de gênero fundamentando-nos na definição de Marcuschi (2008, p.174): “entendemos aqui como suporte de um gênero um *locus* com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto”.

ou afixada em lugar público”. Portanto, procuramos alguns exemplos de comunicados pela internet, os quais se apresentavam em consonância com o conceito adotado e depois, relendo a transcrição da entrevista com o Secretário do Meio Ambiente⁵⁴, selecionamos as informações principais e criamos o comunicado cuja ilustração foi feita com a tira produzida pelas participantes.

Apresentamos a imagem do banner com o comunicado que foi considerado o resultado de nosso trabalho na tentativa de levar os participantes a atuarem na realidade e se preocuparem com melhorias para o bem-estar da sociedade.

Figura 120 - Banner e comunicado



Fonte: Autoria dos participantes

⁵⁴ A transcrição da entrevista foi feita sem seguir normas específicas, apoiando-se apenas na audição da gravação e, posteriormente, escrita do texto. O objetivo foi transpor as respostas orais para a escrita, a fim de facilitar a discussão das informações na elaboração do comunicado.

A última atividade relacionada a esse desdobramento de nossa proposta refere-se a um momento realizado na Escola Estadual “Irmãos Guimarães”, instituição coparticipante da pesquisa, no qual estiveram presentes os participantes da pesquisa acompanhados de seus responsáveis, a equipe gestora da escola, o pesquisador/mestrando e o Secretário do Meio Ambiente, representando o Poder Público Municipal. Foi o momento de apresentar a esse grupo os resultados de todas as nossas atividades.

Dentre as apresentações, destacamos: apresentação da dança do xaxado por um grupo de participantes; comentários sobre as atividades com as tiras da Turma do Xaxado, bem como apresentação dos personagens pelos participantes adequadamente caracterizados; exposição das tiras produzidas durante a aplicação da proposta⁵⁵; mostra dos cadernos que os participantes usaram para registrar diariamente as atividades; esclarecimento sobre a confecção do banner com o comunicado e entrega dele ao Secretário do Meio Ambiente e à Direção da Escola.⁵⁶

Para finalizar o momento, foi oferecido um jantar⁵⁷ com cardápio típico da culinária nordestina: carne de sol com arroz branco e cocada, como sobremesa. Este foi um momento em que as pessoas puderam interagir mais, conversar, apreciar e comentar os trabalhos expostos. Percebemos que a proposta que desenvolvemos, realmente contribuiu para provocar o debate de uma questão social; o que só aconteceu a partir do momento em que a escola se dispôs a pensar os problemas da comunidade.

⁵⁵ As tiras recolhidas também foram expostas em um mural no espaço da escola para que fossem melhor divulgadas.

⁵⁶ Além de ser exposto na escola (instituição coparticipante) e na Secretaria Municipal do Meio Ambiente, o banner foi afixado também em dois Postos de Saúde Familiar, na Unidade de Pronto Atendimento à Saúde, na Secretaria Municipal de Educação e Cultura, na Secretaria Municipal de Saúde, na Secretaria Municipal de Obras e no Prédio do Poder Executivo Municipal. Eles foram entregues pelo pesquisador/mestrando e participantes no dia posterior à realização da mostra das atividades.

⁵⁷ O jantar foi oferecido a todos os presentes no evento – participantes, responsáveis, equipe gestora, secretário municipal do meio ambiente - pela instituição coparticipante e pesquisador/mestrando, no mesmo espaço em que aconteceu a mostra das atividades desenvolvidas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando finalizamos a aplicação da proposta, pudemos refletir de forma bastante empírica o propósito de realizar uma pesquisa que se caracterizasse como um momento diferenciado em sala de aula, voltado para a possibilidade de os participantes discutirem questões sociais e culturais numa perspectiva mais cidadã. A pesquisa foi motivada por uma preocupação nossa, como professor de LP na rede pública de MG, ao defrontar com a situação de que professores de outras áreas comentam sobre a dificuldade de lidar com o texto no cotidiano de suas aulas. Assim a formação de leitores de fato nos parece ser uma tarefa de todo educador, levando em consideração a relação de dependência que há entre o uso da língua e o desenvolvimento das atividades dentro de sua área curricular. Nesse sentido, mencionamos nesta dissertação autores como Mendonça (2010) e Vilela (2015). É incoerente admitir que apenas as aulas de Língua Portuguesa devam focar o estudo da língua uma vez que, na sociedade, o aluno se envolve em práticas sociais que exigem dele o conhecimento relacionado a temas de diferentes áreas.

Foi com esse pensamento que, no capítulo da introdução, discorremos sobre nossa preocupação com a questão de procurar levar todos os profissionais docentes a se envolverem na prática de formação de leitores. Na instituição coparticipante desta pesquisa, nosso intuito é dialogar com os professores das demais disciplinas, visando à integração entre eles para que futuros trabalhos nesse formato também alcancem bons resultados, levando os participantes a se envolverem criticamente no meio em que vivem.

No capítulo 2 falamos em conformidade com os PCN (BRASIL, 1998) sobre o ensino de língua portuguesa a partir dos gêneros discursivos; focamos na escolha das tiras, pois esse gênero discursivo propicia ao leitor a percepção da crítica e oferece oportunidade de se relacionar o tema do texto com conteúdos de diversas áreas curriculares. As tiras favorecem também a reflexão de questões sociais e culturais. Procedemos a uma explanação sobre o gênero discursivo tiras, falando sobre humor e ironia, os seus elementos constitutivos com o intuito de fornecer um aporte para colegas professores que desejarem aplicar a proposta e por isso precisam conhecer o gênero com o qual vão trabalhar. São elementos que, aparentemente simples, contribuem eficazmente para a construção do sentido. Nosso referencial teórico se

fundamentou principalmente em Cagnin (2014), Ramos (2016), Vergueiro (2015, 2016) e Júnior (2014).

Ainda neste capítulo, nós nos dedicamos a analisar como as tiras se fazem presentes gradativamente nos livros didáticos de língua portuguesa, e verificando principalmente como elas abordam as questões gramaticais, em comparação com a abordagem de temas sociais e culturais, que foi o foco de nossa pesquisa.

No capítulo 3 falamos sobre nossa escolha metodológica da pesquisa-ação, bem como nossa opção por desenvolver as atividades da proposta em forma de oficinas, por considerar que elas são uma forma mais flexível de desenvolver as atividades articulando teoria e prática. O professor não ensina o que sabe, deixa que os participantes busquem, na prática e em equipes, construir o que querem aprender, portanto ocorre bastante interação. Em nossa pesquisa, isso se evidenciou por meio de comentários que os responsáveis fizeram no caderno dos participantes, ao finalizarmos a aplicação da proposta, como:

A15 – Eu adorei a ideia do projeto, a questão do **trabalho em grupo**. Observei que ela está mais crítica, sabe interpretar melhor os textos, as tiras. Foi muito bom para o **desenvolvimento escolar e social**. Deveria haver mais projetos assim, que incentivam a criatividade dos alunos.

A21 – O projeto está sendo bem proveitoso, com ele achei que (*nome da participante A21*) está mais **entrosada com os colegas** em especial com o **grupo de trabalho**. No início estava complicado de interpretar as tirinhas, mas com o tempo foi ficando mais fácil. Ela sempre tira dúvidas conosco e pede opinião.

No capítulo 4, após o apontamento da lacuna referente a atividades que dessem visibilidade ao enfoque das questões sociais e culturais, apresentamos a nossa proposta dividida em cinco momentos, evidenciando as três oficinas, cada uma com tema específico destacando dois temas transversais (meio ambiente e saúde) e a variação linguística. Na conclusão das atividades, que foi o momento da produção da tira, visamos a que os participantes produzissem um texto em equipes com três integrantes cada, abordando um dos temas das oficinas.

No capítulo 5 foi o momento de procedermos à análise das discussões dos participantes mediante as atividades propostas: refletir sobre os apontamentos orais e

escritos dos participantes, fazer a leitura das tiras criadas por eles, observar a ligação que estabeleceram com a realidade em que vivem. Verificamos que os alunos do 8º ano de ensino fundamental realmente apresentaram conhecimentos suficientes acerca do gênero discursivo tiras para executarem as atividades da pesquisa, conforme o questionário que propusemos antes do início da aplicação da pesquisa, cuja análise foi exposta no início do capítulo. Aqui pudemos perceber também como o desempenho dos participantes foi percebido pelos responsáveis, inclusive com atitudes de valorização do gênero, como se comprova pelos depoimentos dos responsáveis por A4, A10 e A11:

A4 – Fui acompanhando as atividades, achei muito interessante as oficinas, os temas dados. Tem muitas tirinhas engraçadas, legais, algumas com duplo sentido. **Muito interessante a escolha da Turminha do Xaxado** para ser trabalhada.

A10 – Gosto muito dos quadrinhos. Além de engraçados eles **passam bastantes informações** de variação linguística. E também servem **para ajudar as pessoas** no dia a dia, passando alguma mensagem. O trabalho foi muito bom para os alunos usarem a criatividade.

A11 – Eu gostei muito desse trabalho desenvolvido com os alunos, porque além de aprimorar os conhecimentos de cada um, **as histórias em quadrinhos são bem atrativas** para o leitor.

Os depoimentos seguintes (responsáveis por A6, A23 e A29) mostram que eles reconhecem nas tiras a faculdade de mostrar a crítica a uma realidade social:

A6 – As atividades foram muito bem desenvolvidas com os alunos. Material enriquecedor, educativo e bem humorado, com certeza despertando ainda mais a atenção dos alunos. **As tiras apresentaram temas relevantes que ajudaram na conscientização e formação de nossos filhos como cidadãos responsáveis.**

A23 – O trabalho em si foi muito gratificante para os alunos, pois **lhes proporcionou um jeito diferente de aprender**, incentivando a imaginação deles na criação das tiras. Esperamos que novas oportunidades possam surgir.

A29 – As tiras **produzidas mostram conscientização e mostram humor e realidade** em certas situações.

Com relação à atividade de produção da tira que criticou o fato de o esgoto da cidade de Guimarães-MG ainda ser jogado no Rio Espírito Santo, explicitamos que, por meio da proposta de ensino com o gênero tiras, foi possível permitir que os participantes se engajassem em uma discussão mais profunda sobre a realidade deles mesmos com a questão do meio ambiente. Destacamos que, devido à realização desta pesquisa na escola e com nossa ajuda na orientação, os participantes deram prosseguimento às discussões e encaminhamentos para dar relevância não só à concretização do projeto de pesquisa na escola, mas também a uma maior visibilidade da escola como um todo. Houve um marcante entrosamento entre a escola e poder público municipal (por meio da Secretaria do Meio Ambiente), apresentando os participantes da pesquisa como protagonistas na discussão do problema.

Uma limitação de nossa proposta foi que não utilizamos os recursos tecnológicos, mas reafirmamos que houve muita interação entre os participantes, cada um auxiliando no desenvolvimento das atividades com sua habilidade para o desenho ou para a criação do texto, sempre com muitas e produtivas discussões. Mesmo assim, sugerimos que, nas instituições escolares onde há facilidade de uso dos recursos tecnológicos (sala de informática, por exemplo) seja utilizado o programa PIXTON, que é um software livre, para a produção de tiras e HQs, e pode ser acessado gratuitamente. O link é <https://www.pixton.com/br>.

Evidenciamos também as contribuições desta proposta para o ensino:

- i) proporcionar ao participante melhor domínio do gênero tiras;
- ii) melhorar o conhecimento de mundo dos participantes, que buscaram pesquisar sobre temas de diferentes áreas curriculares para criar suas tiras;
- iii) incentivar a criatividade ao mesmo tempo em que torna os participantes críticos;
- iv) abordar os temas transversais (após duas décadas da proposta dos documentos oficiais, pouco se tem feito de fato no espaço escolar para dinamizar essas propostas).

A proposta também envolve uma nova perspectiva de pesquisa do curso de pós-graduação (Mestrado Profissional), corroborando que

A pesquisa no ambiente escolar, protagonizada pelos pós-graduandos do Mestrado Profissional, vem contribuir para a formação do professor de Língua Portuguesa, em serviço, porque o ajuda a entender a prática docente, suas dificuldades e as teorias que procuram fundamentar essa prática (DIAS; FERREIRA, 2016, p.198-199).

Portanto, trata-se de uma pesquisa que não se volta só para a teoria, mas também e principalmente para o ensino, que não se realiza em prol da aprendizagem apenas por si só, mas prioritariamente em favor dos participantes. Sem dúvida, é uma oportunidade de repensar atitudes docentes na sala de aula para que o aluno possa se desenvolver como ser social, e com direito de manifestar elementos de sua cultura.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

AZAMBUJA, J. Q. A leitura como um ato produtivo. In: MAGALHÃES, I. (Org.) **As múltiplas faces da linguagem.** Brasília: Editora da UNB, 1996.

AZEVEDO, D. G. **Palavra e criação: língua portuguesa, 7.** São Paulo: FTD, 1996.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** 55 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013a.

BAGNO, M. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português.** São Paulo: Parábola Editorial, 2013b.

BARBOSA, J. P. Do professor suposto pelos PCNS ao professor real de língua portuguesa: são os PCNS praticáveis? In: ROJO, R. (Org.) **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs.** Campinas: Mercado de Letras, 2000, p. 149-181.

BEZERRA, B. G. **Gêneros no contexto brasileiro: questões (meta)teóricas e conceituais.** 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BISOGNIN, T. R. **Descoberta e Construção, 7ª série.** São Paulo: FTD, 1991.

BOMENY, H. et al. **Tempos modernos, tempos de sociologia: ensino médio: volume único.** 2 ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2013.

BORGATTO, A. T.; BERTIN, T.; MARCHEZI, V. **Projeto Teláris: Português, 8º ano.** 1 ed. São Paulo: Ática, 2012.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e Educação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília : MEC/SEF, 1998. 436 p.

BRASIL – Secretaria de Educação Fundamental – **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares**

nacionais/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL – Secretaria de Educação Fundamental – **Parâmetros curriculares nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAGNIN, A. L. **Os quadrinhos:** linguagem e semiótica: um estudo abrangente da arte sequencial. São Paulo: Criativo, 2014.

CARVALHO, A.; FRANCO, A.; LOPES, T. A.; SOARES, S.; **Português hoje:** a comunicação viva, 7ª série. 2 ed. Belo Horizonte: Lê, 1990.

CARVALHO, S. M. de. **O Gênero Discursivo Tira em Atividades de Leitura de Sala de Aula.** 2008. 109f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Taubaté, São Paulo. Disponível em <www.btdt.unitau.br/.../tde.../Maria%20Silvia%20Mendes%20de%20Carvalho.pdf> Acesso em 28. mai. 2016.

CEDRAZ, A. L. R. **Xaxado ano 1.** Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2003.

CEDRAZ, A. L. R. **A Turma do Xaxado – volume 4.** Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2005.

CEDRAZ, A. L. R. **A Turma do Xaxado – volume 2.** Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2006.

CEDRAZ, A. L. R. **Xaxado ano 3.** Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2008.

CEDRAZ, A. L. R. **A Turma do Xaxado – volumes 1 e 2.** 3.ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2010.

CEDRAZ, A. L. R. **1000 tiras em quadrinhos.** São Paulo: Martin Claret, 2012.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português:** Linguagens, 8º ano. 9 ed.. Reform. São Paulo: Saraiva, 2015.

COELHO, I. L. et al. **Para conhecer sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2015.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais,** 3 ed.. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

CYRANKA, L. Sociolinguística aplicada à educação. In: MOLLICA, M.C.; JUNIOR, C.F. (orgs.) **Sociolinguística, sociolinguísticas:** uma introdução. São Paulo: Editora Contexto, 2016, p. 167-176.

DAVIS, J. **Garfield, 10:** o rei da preguiça. Porto Alegre: L&PM, 2011.

DELL'ISOLA, R. L. P. A interação sujeito-linguagem em leitura. In: MAGALHÃES, I. (Org.) **As múltiplas faces da linguagem.** Brasília: Editora UNB, 1996.

DIAS, E. **O ensino do léxico:** do livro didático às oficinas de vocabulário. Tese de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa 204f. Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras- Unesp, 2004.

DIAS, E.; FERREIRA, K.C.S. A pesquisa no ambiente escolar: sequência didática para ensino do gênero relato. In: SOUZA, A; SOBRAL, A. (Orgs.) **Gêneros, entre o texto e o discurso.** Campinas: Mercado de Letras, 2016, p.197-219.

EGUTI, C.A. **A representatividade da oralidade nas histórias em quadrinhos.** São Paulo, 2001. 183 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

EISNER, W. **Quadrinhos e arte sequencial:** princípios e práticas do lendário cartunista. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FARACO & MOURA. **Linguagem Nova,** 7ª série. 10 ed. São Paulo: Ática, 2001.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira:** desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GOMES, V. A. Aulas do portal do professor: o gênero como objeto de ensino. In: OTTONI, M. A. R. (Org.) **O portal do professor:** contribuições e implicações para o ensino de língua portuguesa na educação básica. Curitiba: CRV, 2016, p.67-91.

GUIMARÃES, E. História em Quadrinhos e a Expressão da Cultura Brasileira. In: GUIMARÃES, E. (Org.) **O que é história em quadrinhos brasileira.** João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005, p. 58-66.

GUISARDI, C. M. A. A.; OTTONI, M. A. R. Ensino de língua portuguesa, gênero do discurso, multimodalidade e tecnologias da informação e da comunicação. In: OTTONI, M. A. R. (Org.) **O portal do professor:** contribuições e implicações para o ensino de língua portuguesa na educação básica. Curitiba: CRV, 2016, p.15-30.

JÚNIOR, R. C. Ler e compreender tirinhas. In: ELIAS, Vanda Maria (Org.). **Ensino de Língua Portuguesa:** oralidade, escrita, leitura. São Paulo: Contexto, 2014, p. 227-235.

KATO, M. **O aprendizado da leitura.** 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

KLEIMAN, Â. **Texto e Leitor:** aspectos cognitivos da leitura – Campinas, SP: Pontes, 2ª edição, 1992.

LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura:** uma perspectiva psicolinguística. Porto Alegre: Sagra DC Luzzato, 1996.

LINS, M. P. P. Lendo o humor nos quadrinhos. In: ELIAS, Vanda Maria (Org.). **Ensino de Língua Portuguesa:** oralidade, escrita, leitura. São Paulo: Contexto, 2014, p. 215-226.

LINS, M. P. P. Os contos de fada na visão de Mafalda: ou até quando vamos ser os frangos da literatura? In: CARMELINO, A. C. (Org.) **Humor: eis a questão**. São Paulo: Cortez, 2015, p. 155-180.

MAGALHÃES, H. O bom humor das tiras brasileiras. In: GUIMARÃES, E.(Org.) **O que é história em quadrinhos brasileira**. João Pessoa, Marca de Fantasia, 2005, p. 68-87.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 151-201.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. (Org.) **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p.19-38.

MEDEIROS, F. D. **Mafalda: uma análise textual**. 2007. 92f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/11400/000611529.pdf?sequence=>> Acesso em 28. Mai. 2016.

MEIRELES, S. M. Quadrinhos e linguística: Onomatopeias e interjeições e suas funções na narrativa em quadrinhos. In: VERGUEIRO, W.; SANTOS, R. E. (Org.) **A linguagem dos quadrinhos: estudos de estética, linguística, semiótica**. São Paulo: Criativo, 2015, p. 49-77.

MELO, C. R. C. **O gênero discursivo tira no ensino de língua portuguesa: uma proposta de trabalho**. 2015. 155 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística, Uberlândia. Disponível em <http://www.bdtu.ufu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6919> Acesso em: 31 mar. 2016.

MELO, C. R. C.; OTTONI, M. A. R. O gênero discursivo tira no ensino de língua portuguesa. In: OTTONI, M. A. R. (Org.) **O portal do professor: contribuições e implicações para o ensino de língua portuguesa na educação básica**. Curitiba: CRV, 2016, p. 187-211.

MENDONÇA, M.R.S. Análise linguística: refletindo sobre o que há de especial nos gêneros. IN: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. e CAVALCANTE, M. (Orgs.). **Diversidade textual: os gêneros na sala de aula**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica/CEEL/MEC, 2007, p. 73-88.

MENDONÇA, M.R.S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. (Org.) **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p.209-224.

MENEZES, E. T. de; SANTOS, T. H. dos. **Verbetes PNLD** (Programa Nacional do Livro Didático). Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/pnld-programa-nacional-do-livro-didatico/>>. Acesso em: 19.jan.2018.

NEPOMUCENO, T. **Sob a ótica dos quadrinhos:** uma proposta textual discursiva para o gênero tira. 2005. 146 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística, Uberlândia. Disponível em <www.ileel.ufu.br/travaglia/sistema/uploads> Acesso em 28. mai. 2016.

NEVES, M. H. de M. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2003.

NICOLA, J.; INFANTE, U. **Palavras e ideias**, 7ª série. 2 ed. São Paulo: Scipione, 1995.

NICOLAU, M. **Tirinha:** a síntese criativa de um gênero jornalístico. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2007.

OTTONI, M. A. R. **Os gêneros do humor no ensino de Língua Portuguesa:** uma abordagem discursiva crítica. 2007. 400 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/1999>> Acesso em: 28.mai.2016.

PAIVA, M. **Radical Chic:** corpo de delito. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

PAVIANI, N. M. S.; FONTANA, N. M. **Oficinas pedagógicas:** relato de uma experiência. Caxias do Sul: Conjectura, 2009. Disponível em <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/16/15> Acesso em: 10. mar.2017.

POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso.** 1 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos.** 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2016.

RAMOS, P.; VERGUEIRO, W.; BARBOSA, A.; RAMA, A.; VILELA, T. **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula.** 4 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: BONINI, A.; MEUER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Org.) **Gêneros:** teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R; MOURA, E. (Org.) **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p.11-31.

SEGATE, A. **As tiras nos livros didáticos de língua portuguesa:** uma proposta de leitura. 2011. 154 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. Disponível em <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15407>> Acesso em 28.mai.2016.

SILVA, C. O que é História em Quadrinhos Brasileira? In: GUIMARÃES, E. (Org.) **O que é história em quadrinhos brasileira**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005, p. 16-26.

SILVA, M. M. Universos ficcionais infantis nas histórias em quadrinhos: crianças também podem criar? In: NETO, E. S; SILVA, M. R. P. (Org.) **Histórias em quadrinhos e práticas educativas: o trabalho com universos ficcionais e fanzines**. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2013.

SOARES, M. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 10 ed. São Paulo: Ática, 1993.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6.ed. Porto Alegre: Penso, 1998.

SOUZA, C.G; CAVÉQUIA, M. P. **Linguagem: criação e interação**, 7ª série. 1 ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

SOUZA, J. P.; HODGSON, E. C. C.; PINHEIRO, J. D. (Org). Projeto PALÍNGUAS. Fortaleza: UFC, 2007.

TERRA, E.; CAVALLETE, F. **Português para todos**, 7ª série. 2 ed. São Paulo: Scipione, 2007.

TESOTO, L. **Texto e contexto**. São Paulo: Editora do Brasil, 1986.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa Ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

TIRAS DA TURMA DO XAXADO. Disponíveis em <<http://www.xaxado.com.br>> Acesso em 19. jan. 2018.

TOZONI-REIS, M.F.C. **Metodologia de pesquisa**. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2006.

TRAVAGLIA, L. C. **Uma introdução ao estudo do humor pela linguística**. DELTA – Revista de documentação de Estudos em Linguística teórica e aplicada, São Paulo, v.6, n. 1, p. 55-82, 1990.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1996.

TRAVAGLIA, L. C. Texto humorístico: o tipo e seus gêneros. In: CARMELINO, A. C. (Org.) **Humor: eis a questão**. São Paulo: Cortez, 2015, p. 49-90.

VERGUEIRO, W. Quadrinhos infantis. In VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. (Orgs.) **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 159-184.

VILELA, T. Quadrinhos de aventura. In VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. (Orgs.) **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 73-102.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CADERNO DE ATIVIDADES

CADERNO DE ATIVIDADES

Gênero discursivo tiras: questões sociais e culturais

<p>MEIO AMBIENTE SAÚDE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA SAÚDE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA MEIO AMBIENTE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA MEIO AMBIENTE SAÚDE MEIO AMBIENTE SAÚDE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA SAÚDE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA MEIO AMBIENTE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA MEIO AMBIENTE SAÚDE MEIO AMBIENTE SAÚDE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA SAÚDE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA MEIO AMBIENTE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA MEIO AMBIENTE SAÚDE MEIO AMBIENTE SAÚDE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA SAÚDE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA MEIO AMBIENTE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA MEIO AMBIENTE SAÚDE</p>	
	<p>MEIO AMBIENTE SAÚDE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA SAÚDE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA MEIO AMBIENTE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA MEIO AMBIENTE SAÚDE MEIO AMBIENTE SAÚDE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA SAÚDE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA MEIO AMBIENTE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA MEIO AMBIENTE SAÚDE MEIO AMBIENTE SAÚDE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA SAÚDE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA MEIO AMBIENTE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA MEIO AMBIENTE SAÚDE MEIO AMBIENTE SAÚDE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA SAÚDE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA MEIO AMBIENTE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA MEIO AMBIENTE SAÚDE</p>

Uberlândia, 2018

Sumário

APRESENTAÇÃO	1
ATIVIDADE 1	
Apresentação da Turma do Xaxado	4
ATIVIDADE 2	
Oficina 1 – Meio ambiente	9
ATIVIDADE 3	
Oficina 2 – Saúde	14
ATIVIDADE 4	
Oficina 3 – Variação Linguística	18
ATIVIDADE 5	
Atividade de produção de um texto	24
SUPLEMENTO TEÓRICO SOBRE OS TEMAS DAS OFICINAS	29
REFERÊNCIAS	33

APRESENTAÇÃO

Este Caderno de Atividades é produto de uma pesquisa realizada para o Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), intitulada como “Uma proposta de trabalho com o gênero discursivo tiras: enfoque nas questões sociais e culturais”. A pesquisa foi desenvolvida pelo Professor Gilberto Antonio Peres¹, sob orientação da Professora Doutora Simone Azevedo Floripi² (UFU).

A elaboração e apresentação deste material tem como objetivo possibilitar aos profissionais docentes, em especial aqueles que atuam no 8º ano do ensino fundamental, a aplicação de atividades de ensino com o gênero discursivo tiras, enfocando questões sociais e culturais. Assim, a abordagem desse gênero privilegia sua compreensão, estabelecendo relações com os acontecimentos no espaço social em que o aluno está inserido.

Nesse sentido, procuramos fazer cinco apontamentos a fim de contribuir com melhor compreensão e aplicação das atividades sugeridas neste material.

1. A escolha do gênero discursivo tiras para a proposta das atividades

Pretendemos dar visibilidade ao gênero discursivo tiras nestas atividades, uma vez que se trata de um texto multimodal³, considerado de fácil leitura e veicula questões importantes na sociedade. Isso facilita ao leitor perceber a relação do tema do texto com suas experiências no cotidiano, levando-o à reflexão até mesmo de suas condições para agir de forma que contribua para amenizar problemas sociais.

2. Uma abordagem diversa da maioria das atividades propostas nos livros didáticos de língua portuguesa

Antes da promulgação da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (9394/96), raros eram os exemplares de livros didáticos de língua portuguesa que apresentavam tiras. Mesmo assim, o enfoque era para o ensino gramatical tradicional, ou simplesmente apareciam em espaços reservados ao humor, à distração. Após a promulgação da LDB 9394/96, houve, timidamente, uma crescente presença das tiras nesses livros, ainda com enfoque predominantemente para os aspectos gramaticais.

Nossa proposta pretende que as tiras sejam usadas para atividades que inspirem o leitor a explorar as questões sociais e culturais, repensando valores e conceitos para agirem na sociedade de que fazem parte. Dessa forma, os conhecimentos linguísticos

¹ Professor da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, mestrando do Profletras (UFU).

² Professora Doutora do Instituto de Letras e Linguística da UFU.

³ Rojo define os textos contemporâneos chamados multimodais como “textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar”. (ROJO, 2012, p. 19)

serão postos de forma a permitir a reflexão sobre seu uso e sobre a contribuição para a compreensão.

3. A proposta de trabalho em formato de oficinas

Optamos pela proposta das atividades em formato de oficinas⁴ pelo fato de essa metodologia apresentar vários pontos positivos:

- i) o trabalho é realizado de forma coletiva;
- ii) há bastante dinamismo e interação;
- iii) ocorre a abertura de espaços nos quais os participantes buscam o diálogo.

Portanto o espaço de aprendizagem permite ao aprendiz ser mais espontâneo e se comunicar mais.

É importante que o aluno realize suas atividades, manifestando-se a partir de suas experiências ao mesmo tempo em que provoca repercussões significativas na vida social, diminuindo o afastamento entre o pensar e o realizar.

Não fizemos a indicação precisa do tempo para realizar cada atividade. Nossa sugestão, no entanto, é que cada atividade (organizadas e enumeradas de 1 a 5), seja aplicada em três módulos-aula de 50 minutos cada, podendo o professor organizar esse tempo como lhe aprouver, considerando também o envolvimento da turma de alunos.

4. Os temas escolhidos para as oficinas: meio ambiente, saúde, variação linguística

Como pretendemos uma reflexão acerca de questões que se permeiam na vida social e cultural, escolhemos três temas que acreditamos serem apropriados para que o leitor perceba a necessidade de pensar valores e atitudes que os constroem no cotidiano, dando sentido à sua interação social.

Escolhemos dois temas transversais, propostos pelos PCN (BRASIL, 1998): meio ambiente (levar o aluno a entender que o meio onde o ser humano vive, além do espaço físico, é formado também por um espaço sociocultural) e saúde (provocar uma reflexão que a saúde envolve muito mais que simplesmente a ausência de doenças físicas, mas também predetermina uma situação de completo bem estar). O terceiro tema escolhido foi a variação linguística. Esse tema é muito pouco abordado pelos livros didáticos de língua portuguesa, além de mostrar com muita ênfase as variedades estigmatizadas da língua ou por abordar intensamente apenas as variedades regionais. Por isso propusemos que o aluno tenha no espaço escolar a oportunidade de refletir sobre os usos da língua, entendendo que ela é heterogênea, pensando também em fatores que provocam a variação linguística.

⁴ O conceito de oficina que adotamos nesta proposta é que “se trata de um espaço onde se dão transformações, o diálogo, a criatividade e a reflexão” (DIAS, 2004, p.142).

5. A escolha da Turma do Xaxado para o trabalho com as questões sociais e culturais

Optamos pelos personagens da Turma do Xaxado, de Antônio Cedraz, por se tratar de personagens cuja criação é produto da interação com uma base cultural brasileira. Mesmo sendo tiras regionais, ambientadas no sertão nordestino brasileiro, ao se expandirem, criaram uma relação de identidade com o público, contribuindo para sua formação social e cultural. Em suas histórias, por mais variados que sejam os temas tratados, não se afastam da universalidade da experiência humana.

Pensamos também que a escolha se constituiu em uma oportunidade de esses personagens se tornarem mais conhecidos do público leitor, uma vez que aparecem com menos frequência em materiais didáticos, em relação a outros personagens já consagrados pelo público de diferentes faixas etárias.

Antes da aplicação das três oficinas com os temas escolhidos (que neste caderno são as atividades 2, 3 e 4), apresentamos a atividade 1, que é composta por atividades que visam apresentar os personagens da Turma do Xaxado, de Antônio Cedraz. Depois das atividades das três oficinas, propusemos a atividade 5, relacionada à produção de uma tira, como encerramento desta proposta.

Apresentamos, ainda, algumas recomendações para que o professor possa se preparar com o objetivo de que a aplicação das atividades aqui propostas sejam exitosas e que realmente seja um momento de trabalho pedagógico diferenciado no espaço escolar.

Em princípio, pensamos ser indispensável o professor ter o conhecimento do domínio do gênero discursivo tiras por parte dos alunos aos quais as atividades serão aplicadas; mencionamos tanto os elementos constitutivos estruturalmente quanto os efeitos de humor e de ironia e a crítica social que faz. Se houver necessidade de um estudo para aprofundar tais conhecimentos, o livro didático adotado pode ser um suporte teórico ou o professor pode preparar seu material para esse fim. No final deste caderno há algumas indicações de livros que poderão auxiliar nessa tarefa.

Em segundo lugar, sempre considere que os procedimentos metodológicos no formato de oficinas oferecem condições de muita interação entre os alunos. Por isso, além de muitas atividades serem propostas para a realização em grupos, é importante oportunizar momentos de exposição oral a fim de que discutam as questões sociais e culturais abordadas pelas tiras, sempre as relacionando à situação atual do espaço social onde vivem suas experiências.

Por fim, sugerimos a leitura da dissertação que embasa a preparação das atividades deste caderno, bem como a leitura de outros referenciais (no final deste caderno apresentamos um suplemento teórico e as referências) que possam contribuir para o aprimoramento de tudo o que aqui propusemos. Este caderno de atividades não se apresenta pronto com uma qualificação de receita, mas sim como um procedimento repleto de reciprocidade: uma proposta para aplicação e uma proposta de contribuição de outros profissionais docentes para aprimorá-la.

ATIVIDADE 1

APRESENTAÇÃO DA TURMA DO XAXADO

OBJETIVO DA ATIVIDADE

Apresentar aos alunos os personagens que compõem a Turma do Xaxado, enfatizando as características de cada um deles, a fim de que possam compreender com mais facilidade as tiras, durante as atividades propostas no formato de oficinas.

DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES PROPOSTAS

1. Peça aos alunos que levem para a primeira aula, anotado no caderno de aula, os conceitos de xaxado e cangaço. Pode-se enfatizar com o uso do dicionário escolar, além de outras fontes, inclusive virtuais.

Dica: antes de propor a atividade 2, o professor deve ouvir dos alunos os conceitos que levaram anotados. Eles serão importantes para o entendimento do espaço em que vivem os personagens da Turma do Xaxado.

2. Apresente aos alunos os personagens que compõem a Turma do Xaxado. Para isso, utilize as informações do quadro abaixo, que nos mostra a figura de cada personagem, à esquerda, seguida de sua descrição, à direita. Sugerimos que proceda assim:
 - I) entregue a cada aluno as cópias da imagem de cada personagem;
 - II) entregue separado da imagem os textos com a descrição de cada personagem;
 - III) oriente os alunos para relacionar a descrição com a imagem;
 - IV) confira oralmente tal relação e, por fim, peça os alunos para fazerem o registro nos seus cadernos.

Dica: durante o momento em que estiver conferindo com os alunos a formação dos pares (imagem/descrição) procure conversar com eles como a imagem apresentou singularidades facilitando o reconhecimento como tal personagem.

Quadro com imagem e descrição dos personagens da Turma do Xaxado

	<p>Xaxado é neto de um famoso cangaceiro que vivia com o bando de Lampião. Sensível, alegre e sempre atento às belezas e problemas da vida no campo, Xaxado é como um sol ao redor do qual circulam todas as outras personagens e histórias da turma.</p>
	<p>Zé Pequeno tem fama de ser um menino preguiçoso, que passa o dia inteiro dormindo, mas isso não é verdade. Quem conhece Zé sabe que ele também fica pescando, ouvindo música, namorando, inventando desculpa pra não ir pra aula, tomando banho no rio, subindo em árvore, passeando de jumento, fugindo do trabalho...</p>
	<p>Marieta vive corrigindo a fala “errada” dos outros. Para ela, isto é muito mais do que um passatempo, é uma verdadeira cruzada em defesa da língua portuguesa. Apaixonada por livros, Marieta adora ler um bom livro, estudar e aprender coisas novas para, um dia, tornar-se professora.</p>
	<p>Arturzinho é egoísta, avarento, vaidoso, chato, exibido, insensível, interesseiro. As “qualidades” do nosso amigo são tantas que, para falarmos delas, precisaríamos escrever uma enciclopédia inteira. Filho de um rico fazendeiro, é uma dessas pessoas que acham que dinheiro compra tudo, inclusive as pessoas. Arturzinho Albuquerque é tão metido que é o único personagem da Turma que tem até sobrenome...</p>
	<p>Marinês é uma garota como muitas outras de sua idade, mas que tem no pensamento um objetivo de vida que muito adulto sequer dá a mínima atenção: a convivência saudável entre o ser humano e a natureza, em busca de um mundo no qual as pessoas respeitem e cuidem dos animais, das plantas, das águas, do solo, do ar... Outra preocupação da garota é, também, um assunto muito sério mesmo: lidar com Zé Pequeno, o namorado preguiçoso!</p>
	<p>Capiba: quer ser um cantador tão famoso quanto Luiz Gonzaga e conquistar o mundo com sua música. Para quem não sabe, Capiba é irmão de Marinês.</p>

Disponível em: <http://turmadoxaxado.blogspot.com.br/2008/12/conhea-turma-do-xaxado.html> Acesso em 19. jan. 2018

Dica: sugerimos que depois de aplicar a atividade o professor cole imagens dos personagens no espaço da sala de aula. Também mostrar aos alunos que há outros personagens que integram esta turma e que não foram mencionados no quadro, como: o padre competente em seu ofício, mas que se humaniza por ser guloso; os sertanejos Tião e Genuíno Gabola que nunca foram à escola; os pais de Xaxado: Dona Fulô e Seu Enoque; o esperto jumento Veneta; o porco Linguicinha; o cachorro Rompe-Ferro; a galinha caipira Odete; o galo Valdisei; os urubus Gervásio e Genésio, dentre outros.

3. Desenvolva com os alunos estas atividades para a apreensão da caracterização de cada personagem. Para a realização das atividades seguintes, observe que estão indicadas de A a E. Como são questões com características interpretativas, é necessário entregar aos alunos cópias das respectivas tiras, correspondentes às figuras 1 a 5. Cada atividade deve ser escrita no caderno e, antes de a resposta ser anotada, dê aos alunos a oportunidade de se manifestarem oralmente, com o objetivo de haver uma socialização das respostas.

A) Pedir aos alunos para justificarem a escolha dos animais feita pelos personagens Marinês e Arturzinho, conforme explicitado na figura 1.

Figura 1 – Escolha de bichos



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. A Turma do Xaxado – volume 4. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2005, p.21

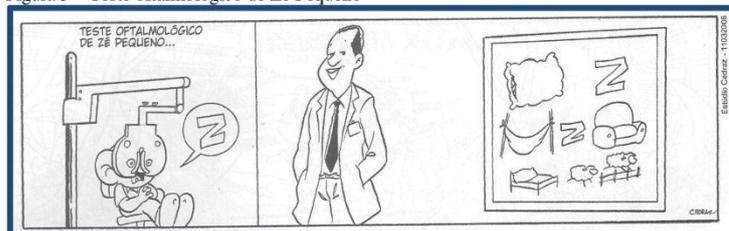
B) Solicitar aos alunos que comentem a razão de os personagens verem os desenhos em seus testes oftalmológicos, conforme explicitado nas figuras 2 e 3.

Figura 2 – Teste oftalmológico de Marieta



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. 1000 tiras em quadrinhos. São Paulo: Martin Claret, 2012, p.9

Figura 3 – Teste oftalmológico de Zé Pequeno



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **1000 tiras em quadrinhos**. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 10

D) Solicitar aos alunos que comentem a razão da ira da personagem Marinês no segundo quadrinho da tira apresentada na figura 4.

Figura 4 – O jogo do bicho



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **1000 tiras em quadrinhos**. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 35

E) Orientar os alunos para que pensem nas características individuais de cada membro da turminha e justifiquem a escolha profissional de cada personagem da Turma do Xaxado, conforme apresentado na figura 5.

Figura 5 – Profissões da Turma do Xaxado



Disponível em: tirasmquadrinhos.blogspot.com.br/ Acesso em 19. jan. 2018

Dica: estas atividades são importantes para os alunos leitores realmente construam o conhecimento das particularidades dos personagens e percebam que seus modos de ver o mundo de fato se mostram importantes para a leitura e construção de sentido acerca das tiras lidas.

4. Faça oralmente os questionamentos seguintes, após comentar todas as questões anteriormente propostas e observe como os alunos foram capazes de relacionar a caracterização dos personagens da Turma do Xaxado às pessoas dos seus grupos, como sala de aula, família, grupo de amigos.

A) Há alguém na turma da sua sala de aula que possui características semelhantes às dos personagens?
B) Você conhece alguém assim na sua família ou no grupo de amigos?
C) Qual dos personagens você gostaria de ser? Quais são as características semelhantes entre você e esse personagem?
D) Pedir aos alunos que escolham uma tira para fazer a leitura como se fossem os personagens escolhidos na questão anterior.

ATIVIDADE 2

OFICINA 1: MEIO AMBIENTE

OBJETIVO DA ATIVIDADE

O objetivo das atividades propostas nesta oficina é levar os alunos a refletirem sobre os conceitos de meio ambiente, para que possam agir de forma que contribuam para amenizar os problemas socioambientais atuais.

DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES PROPOSTAS

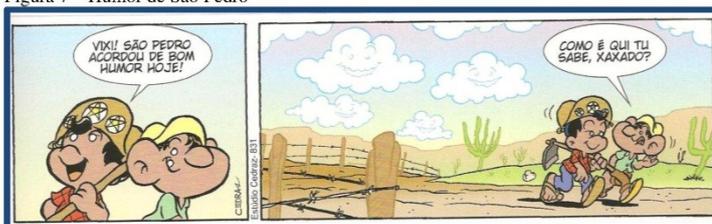
1. Peça aos alunos para comentarem o conceito que têm de meio ambiente. Para isso entregue a eles as tiras correspondentes às figuras 6, 7 e 8. Peça que leiam as tiras e respondam à pergunta: **o que você entende por meio ambiente?**

Figura 6 – Comidas das aves



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. *Xaxado ano 3*. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2008, p. 12

Figura 7 – Humor de São Pedro



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. *A Turma do Xaxado – volume 2*. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2006, p.17

Figura 8 - Computador tirando leite



Disponível em: tirasemquadrinhos.blogspot.com.br Acesso em 19. Jan. 2018

Dica: comentar com os alunos o fato de o ambiente se relacionar também a aspectos do espaço sociocultural, como acontece na figura 8; aproveitar para discutir também sobre os impactos da tecnologia no espaço rural.

2. Proponha que em duplas os alunos enumerem elementos que se referem ao meio ambiente no espaço rural e depois outros elementos relacionados ao espaço urbano. O objetivo é que eles percebam diferenças em relação à natureza no que se refere aos diferentes lugares observados, no caso, campo e cidade.
3. Forme com os alunos grupos com três integrantes. A seguir, proponha que discutam as questões relacionadas às tiras que serão entregues, as quais estão acompanhadas de questionamentos para provocarem o debate. As tiras estão identificadas de A a F (figuras 9 a 14).

Tira A

Figura 9 – Tomates fresquinhos



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **Xaxado ano 3**. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2008, p.13

Hoje temos segurança para consumirmos de forma saudável os alimentos vindos do campo? Apresente argumentos para sua resposta.

Tira B

Figura 10 – Inseticida



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. A Turma do Xaxado – volume 2. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2006, p.21

O padre alerta o personagem Arturzinho a respeito das consequências que a natureza sofrerá em decorrência do uso de inseticidas. Quais poderiam ser essas consequências?

Dica: nas tiras A e B (figuras 09 e 10) especificamente, é importante atentar para o fato de que elas ilustram o acontecimento que motiva o questionamento em cada uma. Na discussão que apontará as respostas, os alunos se valerão do conhecimento de mundo adquirido. A expectativa é que sejam citados os perigos do contato com alimentos e plantações impregnados de agrotóxicos e inseticidas.

Tira C

Figura 11 – Terra Doidona



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. A Turma do Xaxado – volume 2. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2006, p. 21

- Quando pediu para cortar os agrotóxicos, Arturzinho pensou na vida saudável dos consumidores?
- Quais os impactos dos agrotóxicos para o meio ambiente e para a saúde das pessoas?

Os questionamentos feitos em A, B e C foram motivados pelo texto “A indústria química oferece como solução o uso de praguicidas que acabam, muitas vezes, envenenando as plantas, o solo, a água e colocam em risco a saúde de trabalhadores rurais e consumidores.” (BRASIL, 1998, p. 174) Espera-se, portanto, que os alunos apresentem em suas respostas itens relacionados aos danos causados tanto ao meio ambiente físico quanto à saúde das pessoas.

O próximo questionamento refere-se à leitura do fato enfocado pelas tiras D e E, figuras 12 e 13.

Tira D

Figura 12 – Lixo no lixo



Disponível em: tirasmquadrinhos.blogspot.com.br/?m=0 Acesso em 19. Jan. 2018

Tira E

Figura 13 – Boa educação



Disponível em: tirasmquadrinhos.blogspot.com.br/?m=0 Acesso em 19. Jan. 2018

Após ler as tiras D e E (figuras 12 e 13), reflita sobre como a escola pode ajudar as pessoas a lidarem com o problema do lixo no espaço urbano. Pense em duas sugestões de ações que seriam fáceis de serem executadas.

O objetivo do questionamento feito em D e E é levar o aluno a estabelecer uma relação com a situação real, pois não adiantaria simplesmente falar sobre o lixo sem pensar em possibilidades de amenizar na sociedade essa problemática.

Tira F

Figura 14 – Sinais do progresso



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **1000 tiras em quadrinhos**. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 91

Pense na comparação que o personagem Arturzinho estabelece entre as características do ambiente urbano e as do ambiente rural. Ele realmente concorda com o que chamou de SINAIS DO PROGRESSO? Sua saúde física corre algum risco depois que mergulhou no rio?

Este questionamento retoma as ideias da diferença entre os elementos que compõem o ambiente rural e o ambiente urbano. O intuito é que os participantes percebam as transformações ocorridas no ambiente urbano, decorrentes da ação do homem. A exploração do sentido que a expressão SINAIS DO PROGRESSO tem na fala de cada personagem contribui bastante para a reflexão proposta.

Dica: proceda à socialização das discussões dos alunos assim que eles concluírem o debate em grupos.

5. Ainda em grupos, peça aos alunos que elaborem tiras com a intenção de mostrar a preservação do meio ambiente. Ajude-os a pensar na realidade ambiental local, até mesmo elencar problemas ambientais atuais enfrentados pela população do lugar onde vivem. Os alunos podem usar os personagens da Turma do Xaxado ou criarem os próprios personagens conforme a realidade deles.

Dica: para valorizar a produção dos alunos, faça a exposição das tiras em um ambiente de visibilidade no espaço escolar.

ATIVIDADE 3

OFICINA 2: SAÚDE

OBJETIVO DA ATIVIDADE

O objetivo da realização destas atividades é conscientizar o aluno sobre saúde para que ele transforme atitudes e hábitos capazes de prevenir doenças.

DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES PROPOSTAS

1. Construa com os alunos um conceito de saúde com ideias mais amplas. Para isso peça que pesquisem em casa um conceito de saúde em dicionários, internet, livros científicos; ouça a leitura das buscas que eles fizeram. Juntos, elaborem um conceito procurando englobar todas as ideias apresentadas pelos alunos.
2. Distribua para os alunos as tiras seguintes – A, B, C - figuras 15, 16 e 17, respectivamente. Após a leitura atenta, peça aos participantes que identifiquem o problema de saúde abordado em cada uma; depois solicite que sugiram uma atitude para minimizá-lo. Para o registro da resposta no caderno, após cada tira, pedem-se as seguintes informações:

Problema: _____
 Atitude sugerida: _____

Tira A

Figura 15 - Semana de descanso



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. 1000 tiras em quadrinhos. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 56

Tira B

Figura 16 – A rapadura



Disponível em: tirasemquadrinhos.blogspot.com.br/2013_06_16_archived.html?m=0 Acesso em 19. jan. 2018.

Tira C

Figura 17 – O bebum



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **1000 tiras em quadrinhos**. São Paulo: Martin Claret, 2012, p.126

Dica: as tiras correspondentes às figuras 15, 16 e 17 apresentam diferentes fatores que interferem na saúde das pessoas. Logo, espera-se que os participantes identifiquem fatores relacionados às condições de trabalho (figura 15), hábitos alimentares (figura 16) e vícios (figura 17).

3. Reflita, oralmente, com os alunos a seguinte observação:

Um problema de saúde pode ser prevenido por meio de conscientização, dizendo claramente às pessoas que atitudes podem tomar ou que mudanças de comportamento precisam ter para serem saudáveis, evitando assim a ocorrência de doenças.

Em sequência, entregue aos alunos cópias das tiras A, B, C e D (figuras 18 a 21). Assim que ler cada uma, o aluno deve identificar o personagem que precisa ser conscientizado sobre saúde e escrever uma mensagem a ele. No caderno do participante, o registro terá os seguintes dados:

Tira D

Figura 21 – Alimentação equilibrada



Disponível em: tirrasemquadrinhos.blogspot.com.br/search?updated-max=2013-05-14T09:15:00-07:00&max-results=7&m=0 Acesso em 19. Jan.2018

Dica: faça a socialização oral das respostas, pois é um momento propício para interação entre os participantes e contribui para aprimorar seus conhecimentos.

4. Finalmente, após a discussão sobre o tema saúde, proponha aos participantes a organização ou produção de tiras para retratar o problema e relacionar outros problemas referentes à saúde ou falta dela. Nesta atividade sugerimos aos participantes que busquem também exemplos próximos à realidade deles. Marque um momento e escolha um local para fazer a exposição delas na escola.

ATIVIDADE 4

OFICINA 3: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

OBJETIVO DA ATIVIDADE

O objetivo desta atividade é refletir sobre os usos da língua para o aluno entender as alterações que ela sofre e conhecer os fatores que as condicionam, para que respeitem a variedade linguística de cada indivíduo e de cada grupo social, evitando atitudes que excluem socialmente os falantes criando, assim, o preconceito linguístico.

DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES PROPOSTAS

1. Apresente aos alunos a tira seguinte aos alunos e, após a leitura, peça que respondam oralmente aos questionamentos de A a C que a seguem.

Figura 22 – Falar certo e errado



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **1000 tiras em quadrinhos**. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 190

- A) O que é falar certo?
- B) O que é falar errado?
- C) Como as pessoas com quem vocês convivem falam: certo ou errado?

Dica: o professor deve conduzir a discussão, encaminhando para o entendimento de que, em situações de fala, não existe certo nem errado: há usos diferentes da língua, adequando-a à situação em que está sendo usada.

2. Esta atividade consiste em os alunos lerem informações sobre a variação linguística, analisarem as situações retratadas nas tiras e estabelecerem a relação entre a informação e a tira que a exemplifica. Para isso os alunos necessitam de papéis recortados separadamente, contendo os textos com as informações referentes à variação linguística e as tiras.

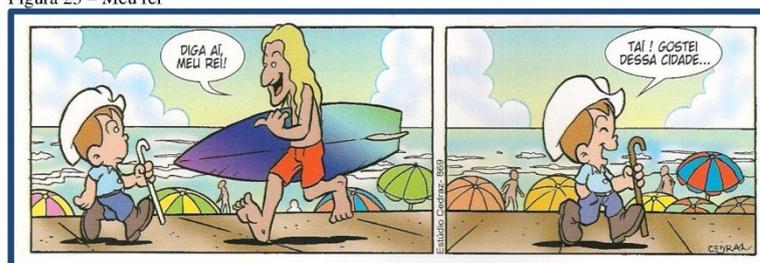
Orientação: o aluno deve ler cada informação a respeito da variação linguística, refletir sobre ela e relacioná-la à tira que exemplifica o texto lido; formar os pares e aguardar para discussões posteriores com os colegas.

A) Textos contendo as informações sobre a variação linguística:

01. Quando se tem um contato maior com a leitura e a escrita e com o uso das variedades cultas da língua, supõe-se que falantes mais escolarizados dificilmente usarão expressões como “nós vai” ou “a gente vamos”. Essas expressões são próprias de falantes que estudaram menos.
02. Falantes de grupo social menos privilegiado usam mais a variedade não padrão da língua, enquanto os mais privilegiados fazem uso da variedade culta.
03. Homens e mulheres falam de maneiras diferentes. As mulheres, por exemplo, usam mais diminutivos, são mais conservadoras em relação às regras de uma língua.
04. É fácil identificar a região a que pertence o falante devido às palavras que usa e à forma como fala (entoa) as palavras.
05. Considerar que sua forma de usar a língua é superior à forma que outra pessoa usa é uma situação de preconceito linguístico. Nesse caso não se consideram as condições sociais em que ocorre cada variedade da língua.
06. Em diferentes grupos sociais, a língua utilizada pelos diversos falantes pode ser facilmente depreendida.

B) Tiras que exemplificam as informações contidas nos textos do quadro acima (01 a 06):

Figura 23 – Meu rei



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. A Turma do Xaxado – volume 2. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2006, p. 20

Figura 28 – Explicação complicada



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. 1000 tiras em quadrinhos. São Paulo: Martin Claret, 2012, p.191

Dica: assim que finalizarem as discussões, os pares serão colados no caderno do participante, para registro.

3. Reafirmamos que a atividade 2 apresentou textos prontos sobre variação linguística. Sugerimos, também, que cada tira poderá ser trabalhada individualmente e construir com os alunos as constatações de acordo com cada uma delas. Assim, seguem alguns apontamentos que poderão contribuir com esta possibilidade de trabalho.

3.1 Figura 23 – Meu rei: perguntar aos alunos quais expressões regionais conhecem; se expressão regional e gírias são diferentes, pedindo exemplos; perguntar quais são as gírias do momento.
3.2 Figura 24 – O anjo da guarda: discutir com os alunos o que entendem por erro linguístico, procurando relacionar esse fato com o grau de escolaridade do falante.
3.3 Figura 25 – Sapo analfabeto: analisar com os alunos as diferenças entre fala e escrita; discutir a tendência de os brasileiros entoarem o “e” e “o” átonos como “i” e “u”.
3.4 Figura 26 – Caipirês e bloguês: perguntar aos alunos quando se usa a linguagem de forma abreviada, se há relação com o grau de escolaridade ou com a classe social.
3.5 Figura 27 – Catar os cacos: discutir a influência do grau de escolaridade dos falantes em relação à atenção que se tem ao usar a língua nas diversas situações de interação social; questionar se fosse o pai no lugar da mãe, no primeiro quadrinho, a fala se manteria ou seria diferente.

4. Retome com os alunos a tira correspondente à figura 28- Explicação complicada. Discuta com a turma as seguintes questões:

- A) Que norma é essa que Marieta usa para conversar com Zé Pequeno?
 B) Será que todos falamos desta forma? Quais são as diferenças entre a fala de Marieta e a fala de vocês? Por que isso ocorre?

Dica: é importante mostrar a dinamicidade da língua e buscar refletir sobre o porquê de o autor da tirinha utilizar este recurso.

5. Apresente vídeos indicando os falares regionais, destacando o que se apresentar próximo à cidade onde residem os alunos que participam das oficinas. A seguir, proponha a eles que, em grupos, construam uma tirinha para retratar o falar da região; neste caso, os personagens serão também criados pelos alunos. Para isso, os personagens poderão retratar diferenças entre patrão/empregado, homem/mulher, nordestino/mineiro, por exemplo. Para o desenvolvimento desta proposta sugerimos um vídeo intitulado **Variações Linguísticas Regionais**, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iu4ra9tkFWM>.

Dica: organize um momento para que os alunos apresentem para a turma as tiras produzidas, comentando como exploraram a variação linguística.

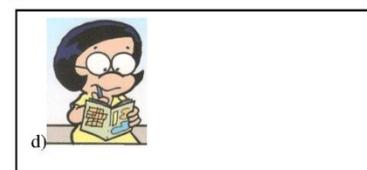
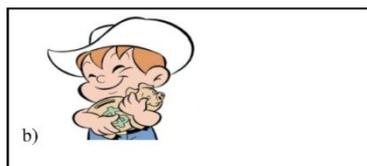
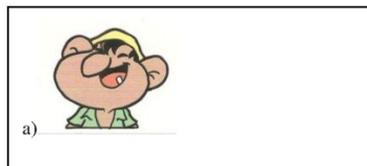
6. Entregue a cada aluno a tira relacionada à figura 29 e leia com eles. Depois peça que respondam à questão proposta abaixo da tira.

Figura 29 – Coisas da cidade e urtiga



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **Xaxado** ano 1. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2003, p. 38

Questão proposta: imagine que o garoto da cidade não soubesse o que é urtiga. Como os personagens abaixo (a, b, c, d, e; sendo Zé Pequeno, Arturzinho, Capiba, Marieta e Marinês, respectivamente) poderiam lhe explicar sobre ela?



Esta atividade pretende que os participantes escrevam uma fala para cada personagem como uma possibilidade de retratar os diferentes modos de falar sobre um mesmo referente. Para isso, precisam se valer do que conhecem sobre cada personagem da turma (conforme propostas de atividades na **ATIVIDADE 1** deste caderno, página 4) e perceber como os traços individuais interferem na fala.

DICA: o professor pode também apresentar outra tira que contenha um objeto desconhecido por um personagem. Outra dica seria usar uma tira em que uma questão polêmica é retratada e sugerir que os personagens façam seus comentários. Por exemplo, uma tira em que se fala sobre o preconceito racial, como na figura 30.

Figura 30 – Arturzinho negro



Fonte: tirasemquadrinhos.blogspot.com.br Acesso em 19. jan. 2018

Neste caso, pode-se pedir para os alunos criarem os comentários que seriam feitos pelo próprio Arturzinho, por Marieta, Xaxado, Zé Pequeno e Capiba.

ATIVIDADE 5

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO DE UM TEXTO

OBJETIVO DA ATIVIDADE

O objetivo é averiguar se os alunos apresentaram habilidade para identificar nas tiras a abordagem de aspectos sociais e culturais. E a partir dessa identificação refletir sobre a realidade do espaço social em que vivem, produzindo um texto em que se vislumbrem propostas para amenizar questões que comprometem a harmonia nesse espaço.

DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES PROPOSTAS

1. Divida a turma em grupos e solicite a eles que apresentem respostas aos questionamentos referentes às quatro tiras (figuras 31 a 34), que exploram situações socioculturais específicas. As tiras escolhidas são:

Tira A

Figura 31 – O homem do cartório



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **Xaxado** ano 1. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2003, p.20

- Se Zé Pequeno e Xaxado morassem em nossa cidade, que sugestão Xaxado poderia dar a Zé Pequeno para se comunicar melhor?
- O que a fala de Zé Pequeno, no segundo quadrinho, traz de representação cultural e social?
- Qual foi a interpretação de “analfabeto” que Zé Pequeno teve?

Tira B

Figura 32 – O grande mágico



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. 1000 tiras em quadrinhos. São Paulo: Martin Claret, 2012, p.10

Inicialmente, identificar qual cena Zé Pequeno vê de sua janela. Depois, analisar com os alunos, oralmente, o fato que é considerado impressionante na tira. Finalmente, pensar em um fato comum na realidade em que eles vivem, mas que a mídia deixa de considerar impressionante aqui, mas considera o fato impressionante em outros lugares.

Tira C

Figura 33 – Brincando de casinha



Disponível em: tirasmquadrinhos.blogspot.com.br/ Acesso em 19. jan. 2018

Apresente aos alunos os seguintes questionamentos:

- Quem está conversando com Arturzinho?
- Como é a fisionomia do “doutor”? Ele está feliz, triste ou nervoso?
- Como está o sol no 2º quadrinho? O que ele revela nesse contexto?

Depois proponha que criem outra ilustração para o segundo quadrinho, substituindo a parte que mostra as crianças trabalhando. Alterar também a fala de Arturzinho. O objetivo é mostrar outra forma de exploração de trabalho infantil. Para isso, cada aluno deve receber uma cópia da tira com a parte do segundo quadrinho em branco.

Figura 34 – Área repleta de árvores



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. 1000 tiras em quadrinhos. São Paulo: Martin Claret, 2012, p.89

Acrescentar uma fala para a Terra no terceiro quadrinho, incentivando as crianças a terem atitudes que contribuam para a preservação do meio ambiente. Peça aos alunos que procedam assim: dividam a tira em duas partes, deixando o 1º e o 2º quadrinhos juntos; criem o terceiro quadrinho e depois coloquem o último quadrinho, que será o quarto.

Dica: depois de os alunos responderem individualmente a cada questão, faça a socialização das respostas, permitindo que eles exponham comentários sobre o tema que cada tira critica.

- Para finalizar as atividades da proposta deste caderno, sugere-se a produção de um texto pelos alunos, usando a linguagem verbal e a imagem. A proposta serve para que escolham uma das questões socioculturais abordadas pelas atividades desenvolvidas – meio ambiente, saúde, variação linguística - e a relacionem com a realidade social que eles vivem. Em equipes com três integrantes eles devem produzir um texto para conscientizar as pessoas a respeito da questão sociocultural escolhida.

Dica: combine com os alunos como deve ser o formato da produção; estimule-os a utilizar seu conhecimento prévio sobre a questão, o conhecimento relacionado ao gênero tiras e o conhecimento que adquiriram a respeito dos personagens da Turma do Xaxado, os quais serão utilizados nessa produção. Também disponibilize a eles cópias diversas dos personagens dessa turma, para que eles as utilizem como convier, pois nem todos possuem a habilidade para desenhar.

Na última aula das atividades, cada equipe fará a exposição oral do texto produzido, comentando e o lerá de modo mais expressivo possível, interagindo com toda a turma. As produções serão divulgadas por meio de uma exposição em um local usual no ambiente escolar. Seria importante que as tiras também provocassem o engajamento dos alunos em discussões mais profundas sobre a realidade deles, dando mais relevância ainda às suas produções.

SUPLEMENTO TEÓRICO SOBRE OS TEMAS DAS OFICINAS

Na opção de aplicar as atividades propostas neste caderno, consideramos relevante que o professor tenha em mente alguns aspectos conceituais do tema proposto para cada oficina.

Buscando uma atitude de reflexão acerca dos temas, propusemos neste final do caderno, algumas discussões que poderão orientar o professor, preparando-o para a aplicação das atividades. Fundamentamo-nos em documentos oficiais (PCN) e em parte do referencial teórico da elaboração da proposta.

Em princípio, discutimos sobre meio ambiente e saúde; depois apresentamos reflexões acerca do trabalho com variação linguística no espaço escolar.

OFICINA 1: MEIO AMBIENTE

Ao propor a discussão do tema do meio ambiente no espaço escolar, os PCN afirmam que

A principal função do trabalho com o tema Meio Ambiente é contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos a decidir e atuar na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade, local e global (BRASIL, 1998, p. 187).

Em Língua Portuguesa, sugere-se que a participação seja “trabalhando as inúmeras ‘leituras’ possíveis de textos orais e escritos, explicitando os vínculos culturais, as intencionalidades, as posições valorativas e as possíveis ideologias sobre meio ambiente embutidas nos textos” (BRASIL, 1998, p. 194). Portanto, o professor de Língua Portuguesa tem a oportunidade de vivenciar em sala de aula o debate sobre a questão ambiental, sem fugir de objetivos específicos de sua disciplina, uma vez que vai privilegiar atividades de leitura e favorecer a formação de opinião por meio de posicionamentos dos alunos diante da forma que a temática socioambiental for abordada.

É importante refletir que, no caso dos seres humanos, o meio ambiente é formado pela soma do espaço físico e do espaço sociocultural, ou seja, além da relação do ser humano com os elementos físicos naturais, há também as situações de relações econômicas, culturais e políticas. Assim, a discussão deve ter como foco repensar a realidade socioambiental de modo comprometido com a vida.

OFICINA 2: SAÚDE

O conceito de saúde, conforme assume a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1948 é: “Saúde é o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença” (BRASIL, 1998, p. 249). Este conceito foi alvo de muitos questionamentos. Por exemplo, como entender um indivíduo como saudável, o que seria esse completo bem-estar? Há muitas subjetividades a serem consideradas, principalmente por se pensar a saúde relacionada ao meio físico, social e cultural.

Por isso, as atividades relacionadas ao tema saúde objetivam dar condições de o aluno refletir sobre esse tema de uma forma interligada ao tema do meio ambiente, entendendo que o agravamento de alguns problemas ambientais pode gerar problemas de saúde. Há, portanto, correlações entre meio ambiente e saúde. Dentre os objetivos apresentados pelos PCN no que se refere à educação para a saúde, destacamos “compreender que a saúde é produzida nas relações com o meio físico, econômico e sociocultural, identificando fatores de risco à saúde pessoal e coletiva presentes no meio em que vive” (BRASIL, 1998, p. 269).

A abordagem da aprendizagem sobre saúde se fundamenta em reflexões que podem gerar uma transformação de atitudes e hábitos de vida, como hábitos de higiene, por exemplo. A saúde é entendida como um direito universal e construído pelas pessoas ao longo de suas vidas em suas relações sociais e culturais. Cabe ao ambiente escolar enfatizar um trabalho de prevenção, favorecendo a conscientização; os alunos são vistos como protagonistas e não como pacientes.

OFICINA 3: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A proposta de trabalho com o tema variação linguística acontece com o intuito de que o aluno conheça as variedades da língua que fala e que reconheça os fatores que motivam tais usos. Assim, ele poderá compreender e aceitar níveis diferentes de uso da língua.

Nosso objetivo não é trabalhar com as concepções de certo e errado comumente veiculada nos exercícios tradicionais pautados pela gramática normativa; nossa intenção é que o aluno, após refletir um pouco sobre o fenômeno da variação linguística (por meio das atividades propostas), possa compreender e “aceitar a ideia de que *não existe erro de português*. Existem *diferenças* de uso ou *alternativas* de uso em relação à regra única proposta pela gramática normativa.” (BAGNO, 2013, p.166). A partir dessa consciência, esperamos que o aluno também possa analisar e valorizar as diferenças linguísticas, que são a manifestação do modo de vida de cada grupo social, portanto, nosso enfoque é na variação, nas diferenças encontradas na língua, reflexo de questões culturais, sociais e econômicas.

Uma situação que deve ser evitada sempre ao lidarmos com o ensino sobre variação linguística é dizer que uma variedade seja melhor que a outra. Conforme Bortoni-Ricardo,

Essas crenças sobre a superioridade de uma variedade ou falar sobre os demais é um dos mitos que se arraigaram na cultura brasileira. Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social. Ser nordestino, ser mineiro, ser carioca etc. é um motivo de orgulho para quem o é, e a forma de alimentar esse orgulho é usar o linguajar de sua região e praticar seus hábitos culturais (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 33).

Se ignorarmos essas variedades como uma forma de se construir uma identidade cultural, não reconhecendo que elas caracterizam um determinado grupo social, ocorrerá o que se chama de preconceito linguístico. Desvalorizam-se algumas variedades para se atribuir bastante prestígio àquela variedade da língua usada por uma classe que já goza de prestígio social. Essa atitude contraria o entendimento de que “Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam” (BAGNO, 2013, p.64). Assim, é preciso realmente desvincular o prestígio econômico e social do prestígio linguístico.

Para melhor compreensão a respeito dos motivos que levam a esse julgamento do certo e do errado, nos remetemos ao conceito de norma:

norma é o termo que usamos, nos estudos linguísticos, para designar os fatos de uma língua usuais, comuns, correntes, numa determinada corrente de fala. Em outras palavras, *norma* designa o conjunto de fatos linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade, **incluindo os fenômenos em variação** (FARACO, 2008, p. 40 grifo nosso).

Ao considerarmos as diferenças existentes entre os grupos sociais, incluímos os diferentes usos da língua. Trata-se de uma diversidade que agrega valores socioculturais, pois são formas que se externam ao grupo impregnadas de características que ultrapassam funções exclusivamente linguísticas. Constatamos também os costumes, os valores, os modos de agir de um grupo que nos permite avaliar sua identidade. Dessa maneira é incoerente pretender que todos os grupos sociais imprimam, ao que normalmente falam, todas as descrições de uma língua que se apresente constantemente uniforme, homogênea, pois “A língua portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades” (BRASIL, 1998, p.81).

Além disso, “é preciso dizer que o professor, e não apenas o da disciplina Língua Portuguesa, deve ter em mente o caráter heterogêneo de toda língua, isto é, as diferenças existentes, inelutavelmente, nos usos linguísticos” (CYRANKA, 2016, p. 167). Essas diferenças linguísticas são a consequência dos perfis socioculturais dos

grupos de falantes, são seres humanos que se integram para constituírem elementos fundamentais na nossa cultura. Desse modo, o profissional docente precisa compreender que todos merecem respeito igualmente, sem procedimentos que levem à exclusão social, ciente de que

As atitudes da professora em sala de aula, no tratamento dado aos fenômenos de variação linguística, podem exercer uma grande influência no comportamento de seus alunos. [...] a variação linguística está intimamente ligada a aspectos de natureza social, cultural, política – humana, enfim (BAGNO 2007, p.207)

Por fim, salientamos que, paralelamente ao trabalho com variação linguística, reconhecemos também a necessidade do ensino da norma culta no espaço escolar, entendendo que ela “designa o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita” (FARACO, 2008, p.71), mas não por meio de uma supervalorização da mesma em detrimento de uma valorização das demais. Isso porque “todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história da cultura humana” (BRASIL, 1998, p.82).

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 55 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL – Secretaria de Educação Fundamental – **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p.
- CAGNIN, A. L. **Os quadrinhos**: linguagem e semiótica: um estudo abrangente da arte sequencial. São Paulo: Criativo, 2014.
- CEDRAZ, A. L. R. **Xaxado ano 1**. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2003.
- CEDRAZ, A. L. R. **A Turma do Xaxado – volume 4**. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2005.
- CEDRAZ, A. L. R. **A Turma do Xaxado – volume 2**. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2006.
- CEDRAZ, A. L. R. **Xaxado ano 3**. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2008.
- CEDRAZ, A. L. R. **A Turma do Xaxado – volumes 1 e 2**. 3.ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2010.
- CEDRAZ, A. L. R. **1000 tiras em quadrinhos**. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- CYRANKA, L. Sociolinguística aplicada à educação. In: MOLLICA, M.C.; JUNIOR, C.F. (orgs.) **Sociolinguística, sociolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Editora Contexto, 2016, p. 167-176.
- DIAS, E. **O ensino do léxico**: do livro didático às oficinas de vocabulário. Tese de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa 204f. Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras- Unesp, 2004.
- FARACO, C. A. **A norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

JÚNIOR, R. C. Ler e compreender tirinhas. . In: ELIAS, Vanda Maria (Org.). **Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita, leitura**. São Paulo: Contexto, 2014, p. 227-235.

RAMOS, P.; VERGUEIRO, W.; BARBOSA, A.; RAMA, A.; VILELA, T. **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R; MOURA, E. (Org.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p.11-31.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2016.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. (Orgs.) **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 73-102.

ANEXO B - TERMO DE ASSENTIMENTO PARA O MENOR

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada “**UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM O GÊNERO DISCURSIVO TIRAS: ENFOQUE NAS QUESTÕES SOCIAIS E CULTURAIS**”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Prof^ª. Dr^ª. Simone Azevedo Floripi (orientadora) e Prof. Especialista Gilberto Antonio Peres (orientando).

Nesta pesquisa apresentamos como objetivo elaborar e aplicar uma proposta de leitura do gênero discursivo tiras nas aulas de língua portuguesa para o 8º ano do Ensino Fundamental II, de maneira que possibilite aos alunos leitores compreender neste gênero de humor os diversos recursos usados na construção de sentidos, enfocando a presença da crítica por meio das questões sociais e culturais abordadas.

Na sua participação, você fará leituras do gênero discursivo tira, responderá a algumas questões de compreensão do gênero, as quais serão analisadas, e participará das discussões em sala de aula sobre os exemplares do gênero tira que serão lidos.

Em nenhum momento você será identificado. Não serão feitos registros de dados por meio de fotos, de áudio e de vídeo. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar da pesquisa.

O único risco de sua participação no estudo seria a sua identificação. Para evitar isso, garantimos o sigilo quanto à sua identidade quanto ao nome da Instituição onde estuda. Quanto aos benefícios, este estudo possibilitará a você a oportunidade de participar de práticas sistematizadas de leitura de um gênero discursivo com o qual tem contato constantemente dentro e fora da escola e contribuirá para minimizar as dificuldades de compreensão desse gênero. Além disso, fornecerá aporte para outros professores de Língua Portuguesa.

Mesmo seu responsável legal tendo consentido na sua participação na pesquisa, você não é obrigado a participar da mesma se não desejar. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Assentimento ficará com você. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa você poderá entrar em contato com: Simone Azevedo Floripi, na Avenida João Naves de Ávila, 2121, bloco U, sala 221, telefone (34) 3239-4162, ou com Gilberto Antonio Peres, telefone (34) 3834-1721. Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Avenida João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia – MG, CEP: 38408-100; telefone: (34) 3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Guimarânia – MG, de de 2017

Assinatura dos pesquisadores

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Participante da pesquisa

ANEXO C – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

 UFU Comitê de Ética em Pesquisa	UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA/MG	
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP		
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA		
Título da Pesquisa: Uma proposta de trabalho com o gênero discursivo tiras nas aulas de Língua Portuguesa: enfoque nas questões sociais e culturais		
Pesquisador: Simone Azevedo Floripi		
Área Temática:		
Versão: 2		
CAAE: 60046116.8.0000.5152		
Instituição Proponente: Instituto de Letras e Linguística		
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio		
DADOS DO PARECER		
Número do Parecer: 1.833.519		
Situação do Parecer: Aprovado		

**Título atual: UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM O GÊNERO DISCURSIVO
TIRAS: ENFOQUE NAS QUESTÕES SOCIAIS E CULTURAIS**